FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 1968 ANO 48.º — NÚMERO 16 344

Diario de Lisbôa

Edição da noite

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
END. TEL. DIBOA — TELEX. 1363 RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Continua por resolver a situação nos liceus franceses

PARIS, 20 (F. P.). — Continua a verificar-se uma certa agitação, às vezes marcada por incidentes, em diversos liceus do país e em particular na capital. Na maior parte dos estabelecimentos de ensino secundário, professores e estudantes procuram, em conjunto, gizar novas relações, ao mesmo tempo que preparam as provas do exame final do curso, que devem começar na próxima semana. Regra geral, as aulas, embora sem o carácter normal, realizam-se, não raras vezes, sob o aspecto de diálogo. Mas, nalguns liceus, a efervescência é substituída por agitação permanente, e os incidentes multiplicam-se.

Em Paris, o «Henry IV» está ocupado, de dia e noite, pelos estudantes, havendo distúrbios entre partidários e adversários do regresso à ordem. Também se deram recontros no Michelet e no Carnot, onde a data das férias foi antecipada. É grande a tensão no Saint-Louis, ao mesmo tempo que outros liceus («Balzac», «Paul Valery» e «Voltaire», nomeadamente) são ocupados durante o dia pelos alunos que, entre as aulas, discutem os seus problemas.

Na província, houve uma pequena revolta no liceu de Toulouse.

Dois soldados das forças especiais sul-vietnamianas arrombam a porta de uma casa do bairro Cholon, em Saigão, para verificarem se há elementos «vietcongs» infiltrados

O imóvel do Museu Dr. Joaquim Manso foi já entregue ao Ministério da Educação

NAZARÉ, 20 — Foi dado mais um passo para a criação do Museu da Nazaré, com a cessão ao Ministério da Educação Nacional, por parte do Ministério das Finanças, e nos termos do art.º 6.º e seguintes, do Decreto-Lei n.º 24 489, do imóvel que veio á posse do Estado por doação do sr. Amadeu Gaudêncio e sua esposa sr.ª D. Claudina Almeida Henriques Gaudêncio, em 12 de Fevereiro ultimo, com o fim exclusivo de nele ser instalado o Museu Etnográfico e Arqueológico e Biblioteca do Concelho da Nazaré, com o nome do escritor e jornalista dr. Joaquim Manso, fundador do «Diário de Lisboa».

Para tal, deslocou-se á Nazaré o sr. dr. João Manuel Bairrão de Oliveira da Silva Oleiro, inspector superior das Belas-Artes e que no respectivo auto de cessão outorgou como representante da Direcção-Geral do Ensino de Belas-Artes, no gabinete do chefe de Secção de Finanças deste concelho, sr. António Amado Cordeiro, que outorgou em representação da Direcção-Geral da Fazenda Publica.

O acto teve a presença dos srs. Eurico de Castro e Silva e dr. Armando dos Santos Laborinho, que intervieram como testemunhas, e do sr. Amadeu Gaudêncio. Lido e assinado que foi o auto, pronunciaram breves palavras o sr. dr. Bairrão Oleiro, que agradeceu e ofereceu o seu apoio á iniciativa do sr. Amadeu Gaudêncio. Por sua vez o sr. Amadeu Gaudêncio manifestou o seu desejo de ver em breve iniciada e concluída a organização do museu, de que foi aliás o primeiro grande impulsionador, com a oferta do imóvel para as suas instalações.

HOJE — 36 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Soluções dos pontos de Inglês e de Grego

Inserimos, nesta edição, as soluções dos pontos de exame de Inglês e de Grego (3.º ciclo). Publicamos também os pontos de Português e de Desenho, igualmente do 3.º ciclo liceal, cujas soluções incluiremos nas nossas edições de amanhã.

OS PROBLEMAS DA COBERTURA MÉDICA EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 20—(L.) —«Em princípio, podemos garantir que o *deficit* de cerca de cinco mil médicos que a Província tem, para igualar a distribuição existente na Metrópole, poderá finalmente começar a ser atenuado» — declarou o prof. Giesteira de Almeida, dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique, ao «Notícias» de Lourenço Marques, numa entrevista em que analisou vários aspectos relacionados com a Faculdade de Medicina local.

O LIVRE ACESSO A BERLIM LESTE

Pedida a anulação das restrições impostas por Pankow

BONN, 20 — (F. P.) — O chanceler Kiesinger pede a anulação das medidas de restrição postas por Berlim Leste á livre circulação com a antiga capital do Reich. Esse pedido figura na declaração governamental sobre o assunto de Berlim lida, hoje de manhã, á Câmara Federal (Bundestag).

O chanceler salienta, com vistas á U.R.S.S., os perigos criados pela situação devida ao regime de Pankow. Salientando que a Republica Federal alemã respeita o estatuto quadripartido de Berlim, o chanceler Kiesinger declara que o seu Governo não se deixará levar «a contra medidas erróneas, o que porventura seria esperado pelo leste». O seu Govêrno prosseguirá a política de desanuviamento com o leste, isto embora Berlim-Leste tenha respondido ás propostas de Bonn em termos de guerra fria. Evidentemente, acentuou Kiesinger com força, a política de entendimento e desanuviamento não significa que Bonn renuncie ao direito a autodeterminação de todo o povo alemão.

ANIVERSÁRIO DO DEUTSCHEMARK

BONN, 20 — (F. P.) — A Alemanha Federal celebra, hoje, o vigésimo aniversário do Deutschemark (DM) símbolo da estabilidade monetária do país.

ASSINADA A PRIMEIRA CONSTITUIÇÃO DA TAILÂNDIA

BANGKOK, 20 — (F. P.) — Às 3 e 30 T.M.G. — a hora mais propícia, escolhida pelos astrólogos da corte — o rei da Tailândia assinou hoje a primeira Constituição democrática deste país, numa cerimónia pitoresca a que assistiram os mais altos dignitários e os membros do Corpo Diplomático.

Para evitar qualquer «incidente desagradável», os principais edifícios desta cidade estavam guardados pela Polícia, e as forças da ordem e militares entraram, ontem, de prevenção em todo o país.

O novo documento faz da Tailândia uma monarquia constitucional, tendo o rei como Chefe de Estado, pela primeira vez depois da queda da monarquia absoluta em 1932. Desde então, os regimes militares sucederam-se no país — e a lei marcial não deixou de vigorar. Será agora levantada mas o Governo actual poderá legislar mediante decretos, até ás eleições gerais, marcadas para dentro de 240 dias.

O Parlamento terá uma Câmara de 200 deputados, eleitos em intervalos de quatro anos, e um Senado cujos membros serão nomeados pelo rei.

Simultaneamente, o Governo promulgou um decreto colocando fora da lei os partidos comunista ou pró-comunista no país.

FÉRIAS EM PORTUGAL

PUBLICAMOS HOJE O BOLETIM PARA O LEITOR SE INSCREVER

O leitor pode já preencher o boletim identificador publicado hoje, acompanhando os cupões em que estamos a repetir a localidade de sua preferência para as férias que, no continente, o «Diário de Lisboa» proporciona em 20

(Continua na página seguinte)

FÉRIAS EM PORTUGAL

Os GRANDES prémios de «FÉRIAS EM PORTUGAL»

Recordamos aos nossos leitores quais os GRANDES prémios que poderão ganhar, se participarem num agradável passatempo denominado «Férias em Portugal», cujo regulamento voltamos a publicar hoje:

1.º — Um automóvel N.S.U. 1200 C, uma viagem de 30 dias, com estadias completas para duas pessoas, e, ainda, gasolina para este aliciante «tour».

2.º — Estadias completas para duas pessoas em Lourenço Marques, durante 15 dias, com viagens pelos seguros e confortáveis aviões da TAP.

3. — Uma estadia, para duas pessoas, em Luanda, com viagens pela TAP.

4.º — Mais duas pessoas com estadias completas na Madeira, igualmente com viagens pela TAP.

Além destes grandes prémios, aliciantes para qualquer pessoa, haverá, ainda, vinte estadias completas pagas, com transporte pela C. P. em outros tantos centros turísticos dos mais importantes do País.

(Continuação da página anterior)

dos mais importantes centros turísticos. A publicação deste boletim é já um indício, e por da repetição dos cupões, da aproximação do grande dia, a data em que serão conhecidos os nomes dos felizes contemplados com os sensacionais prémios que através deste concurso vamos oferecer a dezenas e dezenas de leitores concorrentes.

A repetição dos cupões impunha-se, não por ser norma habitual de iniciativas deste tipo, mas porque era uma satisfação que tínhamos de dar aos numerosos pedidos de leitores para quem a reunião de todos os cupões fora mais difícil por este ou por aquele factor.

Assim, todos pràticamente estão em posição de concorrer, e de se habilitarem aos magníficos prémios que neste princípio de Verão lhe vamos atribuir. Esse será o prémio justo para uma fidelidade que nos desvanece. E assim sucede porque este jornal não esquece os seus leitores, quer no noticiário do dia a dia, quer através de iniciativas deste género que lhe proporcionam férias e outras coisas inesquecíveis, como o será também o NSU 1200 C, que ficará propriedade do primeiro premiado.

Neste carro o 1.º classificado dará uma volta de sonho ao País, durante 30 dias, com gasolina paga e estadia completa para duas pessoas, nos melhores hotéis e pousadas de Portugal.

De resto todos os nossos prémios são grandes. Veja-se por exemplo, o segundo, que implica uma viagem de ida e volta na TAP, para duas pessoas, estadia completa para essas pessoas em Lourenço Marques, a capital de Moçambique, com possibilidade de frequentar as famosas praias tropicais dos arrabaldes.

E a prova de que os nossos prémios são todos grandes está também na qualidade do terceiro, o tal que levará duas pessoas durante quinze dias a Luanda, com ida-e-volta pelos Transportes Aéreos Portugueses.

Por seu lado o quarto prémio não desmente a nossa afirmação anterior — duas semanas na Madeira para mais um par de pessoas, também com viagens pelo ar, sem os premiados correrem o risco de enjoo marítimo.

Mas, para além disto, há ainda as vinte estadias para duas pessoas, durante 15 dias, que oferecemos em outros tantos dos mais importantes centros turísticos portugueses do continente e as dezenas e dezenas de fins-de-semana que temos para outros leitores, fins-de-semana que, sendo prémios de consolação, não deixam de merecer a atenção interessada de muitos leitores para quem o repouso tranquilo e confortável numa excelente pousada do Comissariado de Turismo não é, igualmente oferta a desdenhar.

Para já, não se esqueça. Inscreva hoje mesmo no boletim identificador que publicamos a terra da sua preferência. E, depois, continue atento. Concorrer é fácil. O mais difícil é não o fazer.

JÁ FOI PARA FÉRIAS RODANDO NOS CARRIS DA C.P.?

Se as suas férias forem passadas no Continente, o leitor poderá escolher o transporte que lhe oferecemos nas confortáveis carruagens da C. P.

Já experimentou a sensação de rodar para férias nos carris da C. P. que cruzam o País? Se ainda não o fez, «Férias em Portugal» oferece-lhe agora essa oportunidade.

FÉRIAS EM PORTUGAL — GUIMARÃES 3

Através da nossa reportagem que mais lhe interessa em Guimarães?

.....

.....

(Não é obrigatório responder à pergunta)

Recorte e guarde este cupão

ATENÇÃO: Recorte os cupões (numerados de 1 a 20), responda, se quiser, à pergunta nele feita, e junte ao boletim identificador que será publicado. Preencha o boletim com letra bem legível, indique nele a localidade, entre as vinte abrangidas pelo concurso, onde mais apreciaria passar quinze dias de férias, e entregue a colecção ou envie-a pelo Correio para o DIÁRIO DE LISBOA (Concurso), Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa 2, no final do concurso e em data a anunciar.

FÉRIAS EM PORTUGAL — ESPOSENDE 4

Através da nossa reportagem que mais lhe interessa em Esposende?

.....

.....

(Não é obrigatório responder à pergunta)

Boletim identificador | **N.º**

FÉRIAS EM PORTUGAL

Entre as vinte localidades a que o «Diário de Lisboa» se referiu nas reportagens, escolho, para passar quinze dias de férias:

..... | N.º .....

Nome .....

Morada .....

Tel. ..... **Local.** .....

Junte os vinte cupões (numerados de 1 a 20) e agrafe-os ou prenda-os com um «clip» ao boletim identificador que hoje publicamos, e que deve ser preenchido com letra muito legível.

O leitor deverá indicar a localidade (entre as vinte a que o «Diário de Lisboa» se referiu nas suas reportagens e cuja lista junto publicamos) e o seu nome (tal como consta do Bilhete de Identidade) e morada.

A fim de facilitar a divisão das colecções, agradeciamos que no quadrado mais pequeno, a seguir ao nome da localidade, indicasse o número de ordem que precede, no quadro junto publicado, o nome de cada localidade. Exemplo:

FIGUEIRA DA FOZ | **N.º 11**

Finalmente, meta a colecção num envelope fechado (selo de 1$00) e envie pelo correio para

«DIÁRIO DE LISBOA» — CONCURSO — RUA LUZ SORIANO, 44 LISBOA - 2

1 — Viana do Castelo	11 — Figueira da Foz
2 — Braga	12 — Nazaré
3 — Guimarães	13 — Ericeira
4 — Espozende	14 — Sintra
5 — Póvoa de Varzim	15 — Cascais
6 — Porto	16 — Estoril
7 — Matosinhos	17 — Lisboa
8 — Espinho	18 — Sesimbra
9 — Aveiro	19 — Évora
10 — Coimbra	20 — Faro

REGULAMENTO

1 — O concurso «Férias em Portugal» constará da publicação de vinte cupões, referentes a vinte localidades turísticas, e de um boletim identificador.

2 — O concorrente deverá recortar os vinte cupões (numerados de 1 a 20), juntá-los ao boletim identificador, a publicar durante o concurso, e, depois de preencher aquele com letra bem legível, deverá entregar a colecção em local a designar ou enviá-la pelo correio para a sede do «Diário de Lisboa» no final do concurso e em data a anunciar.

3 — O concorrente deverá, igualmente, indicar no boletim identificador, no espaço para isso reservado, a localidade, **entre as vinte abrangidas pelo concurso**, onde mais apreciaria passar quinze dias de férias.

4 — As colecções que não estiverem completas, quer por faltar algum dos cupões, quer por faltar a indicação, no boletim identificador, da localidade preferida, não serão aceites a sorteio.

5 — Findo o prazo de entrega, as colecções serão separadas por localidades, e numeradas, procedendo-se em seguida, na presença do representante do Governo Civil, a dois sorteios, públicos, para atribuição dos prémios:
— Sorteio geral, por bolas numeradas, para extracção dos quatro grandes prémios pela ordem da lista dos mesmos.
— Sorteio especial: de cada um dos vinte grupos de colecções serão extraídos os prémios, constantes de estadias naquelas localidades, e cuja lista será oportunamente publicada.
— Os concorrentes ficam, automàticamente, habilitados aos dois sorteios, mas aquele a quem couber algum dos grandes prémios fica, por isso, excluído dos sorteios especiais.

6 — Para cada grande prémio será, igualmente, extraído um número que funcionará como suplente no caso de o premiado não querer ou não poder utilizar o respectivo prémio.

7 — Cada concorrente pode concorrer com mais de uma colecção em seu nome.

8 — Em tudo o que não fica consignado neste Regulamento, e em particular no que se refere aos prazos de entrega dos prémios, seguir-se-ão os termos do requerimento deferido pelo Governo Civil do Distrito de Lisboa para a realização deste passatempo.

PARA O PARAÍSO DAS FÉRIAS PELO CÉU, COM A TAP

Entre os quatro grandes prémios que «Férias em Portugal» tem para si, três são fora dos limites das nossas fronteiras europeias. Para o Funchal, Luanda ou Lourenço Marques, o leitor e a pessoa que o acompanhar terão a oportunidade de voar nos seguros e confortáveis aviões da TAP, a companhia portuguesa de aviação que liga Portugal a todo o Mundo. Poderá, portanto, ir para o paraíso das férias, pelo céu, com a TAP.

A SUA VIDA VALE (DURANTE AS FÉRIAS) 500 CONTOS!

A Companhia de seguros «Tranquilidade» oferece aos premiados de «Férias em Portugal» um seguro no valor de 500 contos.

Isso assegura-lhe a «maior das tranquilidades» — a da Companhia onde a sua vida tem um preço...

OVELHAS ALVEJADAS A TIRO DE CAÇADOR

Duas ovelhas pertencentes ao sr. Artur do Nascimento Pires, de 45 anos, casado, funcionário publico, morador na Rua dos Navegantes, 8-4.º andar, introduziram-se no quintal do sr. Julio Rodrigues da Costa, de 32 anos, casado, contínuo, residente na Rua Alexandre de Sá Pinto, existente na Rua das Antigas Casas de Trabalho, num anexo da Escola Industrial e Comercial Marquês de Pombal, e começaram a banquetear-se com tomates...

O dono do quintal atirou-lhes pedras, para as afastar; mas como elas não lhe obedecessem, foi buscar uma espingarda caçadeira e disparou um tiro, atingindo uma delas nas partes traseiras, pelo que o animal teve de ser abatido.

O dono das ovelhas não apresentou queixa, pois de contrário teria de pagar os estragos feitos nos tomateiros.

De modo que ficou tudo resolvido em bem na esquadra da Ajuda.

RECTÂNGULOS DA VIDA

POR MARIA JUDITE DE CARVALHO

PASSÁRGADA, KELEVIM E OUTRAS TERRAS

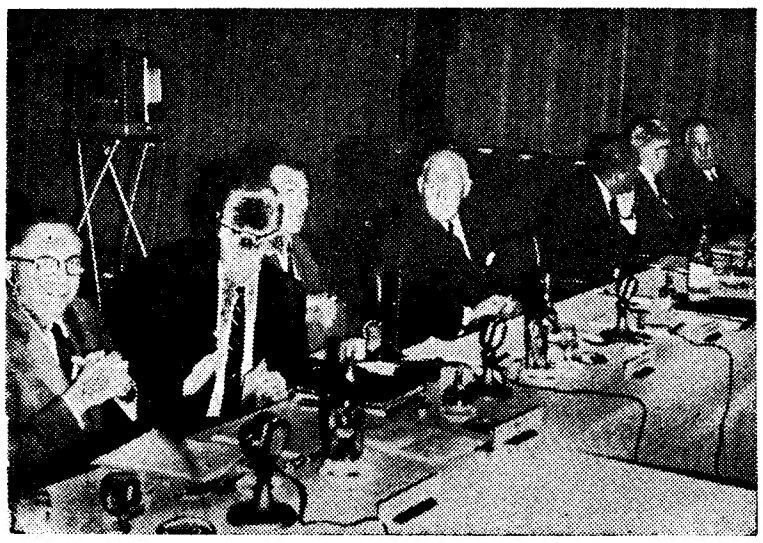
Lembrei-me dele por causa de Kelevim, que conheci ontem. Ele é o unico homem feliz que me foi dado encontrar, pelo menos o unico que me deu uma impressão de felicidade tão intensa que é quase anormal. E no entanto... Trabalha num escritório onde ganha pouco e não é muito considerado, tem uma mulher doente e seis filhos. Como é possível? — espantam-se as pessoas. E, no entanto, é mesmo assim.

Estou convencida de que há muitos dias na sua vida, talvez mesmo semanas, em que não vê nem ouve os filhos embora eles por ali andem e façam bastante barulho, semanas em que igualmente se esquece da falta de dinheiro e em que não vê a mulher, ali, curvada e triste a coser para fora, em que vê sómente no lugar dela a rapariga nova e bonita, com menos vinte anos, que ele conheceu em tempos. Nos seus lábios flutua um sorriso em discreta forma de barco, nos seus olhos ferve uma luzinha funda e divertida. «E todos os seus, sr. Ventura?» — «Vão indo, vão indo, muito obrigado». Vão sempre indo muito obrigado, mesmo que os filhos estejam todos de cama com sarampo e a mulher — que, destituída de imaginação, coitada, não inventou nenhuma terra para uso próprio — tenha aquela dor que quase a impede de trabalhar, mas não de dizer a toda a gente que «aquela alma de Deus não vê nada». Claro que não. Está ausente, pelo menos em parte. Porque ele inventou um país (país, cidade, região?) onde passa grande parte dos seus dias.

Lá, na Passárgada que inventou — que ia jurar que inventou, embora não possa, claro está, ter a certeza disso — e que se chama, por hipótese, Vália, é amigo do rei, o que lhe simplifica muitíssimo a vida. Ou talvez que Vália seja mais parecida com a tal Kelevim do outro escritor brasileiro que li ontem (ah, estes brasileiros são formidáveis a inventar Passárgadas e Kelevins, a materializar Brasílias). Segundo Samuel Kawet, Kelevim tem sobretudo uma grande vantagem para ele: lá, não é amigo de ninguém.

Terá o sr. Ventura em Vália (por hipótese) a amizade real, a sua mulher jovem, filhos saudáveis e tranquilos, dinheiro a rodos? Ou passeará sózinho e solteiro por ruas vazias, com pessoas de cristal, como ontem, aqui? Porque ontem aqui cruzei-me com ele na rua e o seu olhar atravessou-me, alegre e mortífero, como se eu não existisse ou tivesse dado, nesse mesmo instante, o meu ultimo suspiro. Estive quase a chamá-lo para lhe pedir informações sobre a sua terra, mas faltou-me a coragem, até porque ele ficaria decerto espantado. Não é homem para conhecer Manuel Bandeira e menos ainda o arquitecto de Kelevim. É só um homem para ter inventado o seu país mágico e para ter até ao fim da vida uma vergonha imensa de o dizer sej a quem for.

«Pronto, sr. Ventura, não se fala mais nisso».



Um aspecto da mesa da presidência durante a sessão

O futuro da indústria petrolífera estudado por dirigentes da «Mobil»

Estão reunidos num hotel da Costa do Sol, para estudar o futuro da industria petrolífera, os administradores-delegados de algumas dezenas das principais filiadas da «Mobil International», divisão da Mobil Oil Corporation que opera fora dos Estados Unidos e do Canadá.

E' a primeira vez que se realiza em Portugal uma reunião a este nível, duma organização com operações em todo o Mundo. O facto deve-se, sem duvida, á posição que Portugal mantém no mundo ocidental como país pluricontinental e ao surto de desenvolvimento que regista em todos os campos e que tem tornado o nosso País cada vez mais conhecido.

Isto mesmo foi salientado na sessão de abertura da reunião, pelo administrador delegado da Mobil Portuguesa, David K. Roberts, ao resumir a actividade da companhia na Metrópole e nas Províncias Ultramarinas Portuguesas.

Entre os 55 participantes, contam-se o presidente da «Mobil International», James Q. Riordan, os responsáveis dos sectores de «Investigação e Engenharia», «Exploração e Produção», «Abastecimento e Distribuição» e «Planeamento e Economia» da Mobil Oil Corporation; presentes, também, os presidentes das companhias regionais em que se divide a Mobil International: «Mobil East», que opera nas áreas do Pacífico e do Indico, «Mobil Europe» que abrange os países do centro da Europa, «Mobil Latin American» e «Mobil Mediterranean and Africa» á qual a Mobil Portuguesa se encontra ligada.

A agenda da reunião, que se prolonga até amanhã, inclui alguns problemas que transcendem o próprio ambito da organização, já que respeitam directamente á evolução e progresso do Mundo em geral.

Entre eles, destacam-se a análise das necessidades de potencial energético do mundo de amanhã e a dos aspectos da situação internacional que implicam para a industria petrolífera novos critérios operacionais e financeiros.

São ainda estudados outros problemas de grande actualidade, como os dos superpetroleiros, os da aplicação de computadores a um crescente numero de operações, a colaboração com os governos no combate á poluição do ar e das águas marítimas e interiores.

Nomes em profusão

e passaportes em duplicado na «bagagem» do casal inglês autor de numerosas burlas

Encontra-se na sede da Polícia Internacional, sob prisão, o casal inglês de burlões que percorreu o nosso País de norte a sul, em viagem de turismo, praticando, durante essa digressão, muitas burlas, de que foram vítimas em especial hotéis e pensões e firmas de aluguer de automóveis. Os dois burlões, que estão em Portugal desde fins de Maio, ao entrarem no nosso País disseram chamar-se, ele, Arthur Williams Alfred Grant, de 39 anos, artista comercial, residente em Londres, na Drake Read, 32, e, ela, Jane Brook. No entanto, quando foram presos em Elvas, na Pousada de Santa Luísa, onde terminaram a sua famosa «carreira», declararam aos agentes da inspecção da Polícia Internacional daquela cidade outras entidades diferentes: Roy John Henry Carrol, de 43 anos, nascido em Londres, mas de nacionalidade australiana, engenheiro, e Norman Mac Donald Carrol, de 23 anos, escocesa. No acto da captura, a Polícia apreendeu-lhes dois passaportes com nomes diferentes: além daquele, mais um com os nomes de Pere Edward, de 47 anos, de nacionalidade inglesa, e Betty May Gibbs, de 23 anos, escocesa. Não se sabe portanto qual deles será o verdadeiro, motivo por que já foram solicitadas á «Interpol» informações sobre os supostos Roy e Norman Carrol.

A Polícia Internacional aguarda, no entanto, novas queixas de entidades burladas, a fim de as juntar ao processo em organização.

O casal de burlões, que apresenta três identidades, faz-se acompanhar de uma criança — uma menina de quatro anos — que, ao contrário do que veio a publico, não foi entregue por caridade a qualquer família inglesa, mas encontra-se, sim, junto de sua mãe. A própria embaixada inglesa disto se certificou, junto da P.I.D.E.

O casal era há muito procurado pelas autoridades, pois os cheques sem cobertura e com importâncias elevadas em libras foram entregues em muitos locais, tais como Estoril, Coímbra, Porto, Braga, Vidago, Melgaço, Miranda do Douro, Chaves, Vila Real de Santo António, Monte Gordo, etc.

De quem são as bicicletas?

Na Polícia Judiciária encontram-se apreendidas duas bicicletas, provenientes de furto, ambas a pedais, muito usadas, sendo uma de cor preta, da marca «Sterling».

EXTREMO ORIENTE
(23 dias)
Partidas em:
7 de Julho e 8 de Setembro
JAPÃO (Tokio, Yokohama, Nagoya, Kyoto) e, ainda, TAIPÉ, HONG-KONG, MACAU, TAILÂNDIA (Bangkok) e IRÃO (Teherão)

EUROPA ORIENTAL
RÚSSIA ● POLÓNIA ● HUNGRIA ● CHECOSLOVÁQUIA
de 3 a 17 de Agosto
Em avião desde LISBOA
e estadia em pensão completa
(Hotéis de 1.ª Classe)
UTILIZE O N/ PLANO DE CRÉDITO
Prestações até 12 meses
Informações e reservas:
— Viagens e Turismo —
igestur
R. Conde de Redondo n.º 53-B
LISBOA
Telefs.: 532700 - 532787 - 532798

Quando o tema é o frio , muito frio , gelado , ou mesmo congelado ...

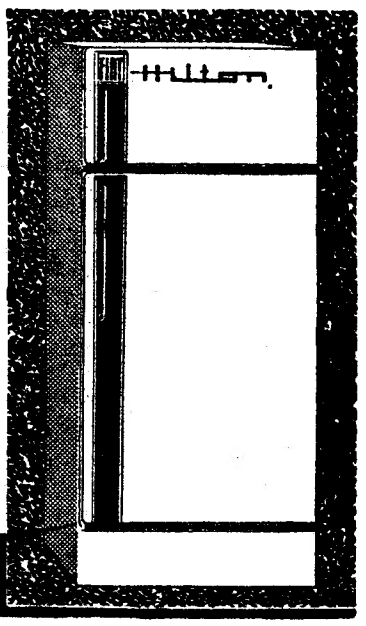
Fala-se de HILTON sempre que uma conversa incide sobre bons frigoríficos. Porquê?... Porque há sempre uma faceta que coloca um frigorífico HILTON em evidência. Ou pelas suas linhas modernas e funcionais, ou pela técnica da vanguarda ou ainda pelo seu poder de refrigeração. Mas, sobretudo, pela confiança que inspira a TRADICIONAL QUALIDADE

FIAT

FRIGORÍFICOS

Hilton

a marca que recordamos quando se fala em muito frio



AGENTES GERAIS EM PORTUGAL Frigel PORTO LISBOA | À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO TIVOLI

TÍTULO — «O Grande Amor da Minha Vida» («An Affair to Remember»).
REALIZADOR — Leo McCarey, 1956.
INTÉRPRETES — Gary Grant, Jennifer Jones.

Leo McCarey teve a sua época de ouro (quem a não tem?) durante os inícios da década de trinta, quando dirigia com assiduidade comédias burlescas de Bucha e Estica ou dos Irmãos Marx. Evidentemente que os méritos pertenceram sempre mais aos seus geniais intérpretes do que á sobriedade linear de um cineasta que os soube servir, apagando-se humildemente. Depois destes tempos inesquecíveis, Leo McCarey fez ainda umas comédias ligeiras de inegável interesse (entre as quais é indispensável referir *A Morena Ardente*, «Rally Round the flag Boys», 1958). Entretanto, entretem-se a cativar os corações sensíveis das senhoras de meia idade dirigindo melodramas como este que ontem se repôs entre nós: *O Grande Amor da Minha Vida*.

A conclusão primeira que poderemos tirar é a de que mais valia ter reposto uma das suas comédias burlescas (os irmãos Marx, pois então!) ou mesmo a aludida *Morena Ardente*. Ainda que o publico feminino se pudesse sentir ludibriado... Mas a verdade é só uma: que nos interessa a nós o grande amor da vida dele? Admitindo mesmo que há um certo bom gosto nalgumas sequências e uma relativa maleabilidade no movimento das camaras? Resta-nos o olhar sensual de Jennifer Jones, o que já não é mau...

L. A.

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Mentira Imperdoável» («Blind Corner» — 1963).
REALIZADOR — Lance Confort.
INTÉRPRETES — William Sylvester, Barbara Shelley, Elizabeth Shepherd.

Falemos de adultérios. Recorro á Enciclopédia, que sempre me tem ajudado nisto de conhecer as coisas do mundo e da vida, e leio que o adultério é «a violação do contrato conjugal». Passo para a literatura especializada na questão (onde pesa, e muito, um recente numero especial sobre o casamento), e concluo que o adultério é mais adultério quando o conjuge dito enganado é verdadeiramente enganado. Isto é, não sabe o que acontece, não entende, ignora, e a ignorancia, neste como em todos os outros casos, é sempre o mal pior.

Mas deixemos este arenoso terreno onde todas as teorizações são arriscadas, e digamos desde já que este filme inglês agora estreado na sala do Império tem um aspecto de provocação que lhe dá uma certa originalidade: porque não só o marido atraiçoado é cego, não só a mulher o explora para sustentar o amante, como ainda por cima beija o amante á frente dele — *e só nós vemos*. Que tudo isto seja apresentado com a adequada frieza, e até elegancia — eis uma virtude do realizador, Lance Confort. E constitui certamente o lado mais inovador da obra.

Porque de resto «Mentira Imperdoável» (título um pouco idiota para a gravidade do assunto) é um filme menor, de série B, realizado há cinco anos, modesto e sem ambições. Com poucos recursos, com cenários reduzidos, com duas ou três cenas em estudios de televisão e uma espécie de TV-Clube que nem sequer é melhor do que o nosso, com actores que oscilam entre o razoável (com relevo para William Sylvester) e o mediocre, com uma realização correcta e apagada, este filme vive de um unico e valioso trunfo: um argumento que é como história policial, bastante inteligente, embora nos aspectos restantes deixe bastante a desejar. Mas como o policial é que conta, podemos concluir que «Mentira Imperdoável» tem pelo menos um mérito: vê-se com interesse.

EDUARDO PRADO COELHO

NOVO CASINO ESTORIL

BALLET DE
ARTHUR PLASSCHAERT
do Olimpia de Paris

THE WOODPECKERS
FAMOSO CONJUNTO VOCAL SUL AFRICANO

TRIO TALAS

MARIA DA FÉ

EDUARDO NASCIMENTO
E 'OS ROCK'S'

JIRINA'S COMBO

JORGE COSTA PINTO
E SUA ORQUESTRA

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H. MAIORES DE 17 ANOS
NO WONDER BAR A 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

NO CINEMA ÀS 21.30
SETE VEZES MULHER
(M. 17 anos)

NO
Teatro Monumental
T. 555133 (Adultos)
HOJE 2 SESSÕES, 20.45 e 23 h.
VASCO MORGADO
APRESENTA
UMA SUPER-REVISTA PARA SERVIR O GRANDE PÚBLICO E O TURISMO

Lisboa e sempre mulher

com
CAMILO • FLORBELA NICOLAU
MARIA ADELINA
OCTÁVIO DE MATOS
YOLA
LINDA SILVA
á frente de um notável elenco
AS ATRACÇÕES
MARIA TERESA QUINTA
e o canconetista angolano VUM-VUM
DIR. MUSICAL de CARLOS DIAS
ENCENAÇÃO de CAMILO D'OLIVEIRA
COREOGRAFIA de FERNANDO LIMA
UM NOTÁVEL BALLET INTERNACIONAL
Montagem PINTO DE CAMPOS

A SUA RESPIRAÇÃO PARARÁ:
Com a astúcia de DIABOLIK!
Com os roubos de DIABOLIK!
E... com a garota de DIABOLIK!
(a fulgurante MARISA MELL)

A PARAMOUNT apresenta
uma produção DINO DE LAURENTIIS
DIABOLIK
(DIABOLIK)
É UM FILME PARAMOUNT
(ADULTOS)
COM
JOHN PHILLIP LAW · MARISA MELL
MICHEL PICCOLI · ADOLFO CELI
com CLAUDIO GORA · CATERINA BORATTO · GIULIO DONNINI · ANNIE GORASSIN
RENZO PALMER, MARIO DONEN, ANDREA BOSIC, LUCIA MODUGNO
TERRY THOMAS
realizado por MARIO BAVA
TECHNICOLOR

AMANHÃ
SENSACIONAL ESTREIA NO EDEN

Exposição
Turismo de hoje

O presente e o futuro, as realidades e possibilidades duma actividade que interessa a toda a gente.

Galeria Nacional de Arte Moderna.
Belém — Junto ao Museu de Arte Popular.

Todos os dias, das 10 às 24 horas.

ENTRADA LIVRE

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

MOVIMENTO E SAÚDE — **Quando estamos tristes a atitude física das pessoas não é a mesma de quando estão alegres. E vice-versa. Por outro lado, as pessoas estão sujeitas a boas e a más atitudes quer em criança, em adulto, em velho. As causas das atitudes defeituosas derivam de doenças, de maus hábitos ou de determinadas deficiências. Também quando estamos na cama as nossas atitudes não são por vezes as mais correctas — sendo porém verdade que se perdoa o mal que fazem, pelo bem que sabem. Ler na cama, por exemplo, não é aconselhável, nem comer. Mesmo a dormir há que tomar precauções quanto á posição do corpo. O diabo tece-as!**

Acontece que é muito mau estar-se muito tempo sentado á mesa. Cria maus hábitos. Os antigos já diziam o mesmo. Há pessoas que se sentam á mesa e nunca mais querem de lá sair. É uma atitude defeituosa, como bem se compreende.

Tudo quanto digo soube-o, em grande parte, por intermédio de Marques Pereira, cuja fluência silabada com a força de um martelador de cobre nunca será demais destacar, numa instituição, como a nossa tv, em que a sebenta ocupa ainda lugar preponderante.

Através da utilíssima charla de Marques Pereira ficámos ainda a saber coisas. Que a sacola com os livros escolares, com o peso variável entre 5 e 7 quilos, devem ser levados ás costas e não dependurada da mão direita. E que as raparigas devem ter cuidado em não abrir as pernas. Compete, aliás, aos pais vigiarem a atitude das filhas e Marques Pereira até ensina em discurso directo aquilo que os educadores podem dizer á filha:

— Menina, não tome essa atitude de abandono que nem física, nem moralmente lhe são aconselháveis.

Plutarco, pai se o fosse, não falaria com tal eloquência e propriedade. E já agora que estamos com a mão na massa, pede-se ao responsável de «Movimento e Saúde» que não trate os telespectadores por «vocelências», «minhas senhoras e meus senhores», etc., etc. Em televisão essas mesuras não ficam bem. Não vê que tudo isto é em família?

MAIS QUE? — Pouco mais. A «Lanterna Mágica» com umas históriazinhas faladas em brasileiro e depois o «Carrossel Mágico» de que não entendi patavina, não percebo como foi, não consigo explicar, eu queria ver, eu queria ouvir, e as palavras e as imagens escapavam-se-me entre os dedos sem me darem nenhuma oportunidade. Vou ver se meto explicador.

A «Junta de Acção Social» ofereceu-nos uma fita sobre os ciganos (é tão bonito dizer «tzingaros»... Tão suave... Tão musical... Começamos logo a ouvir violinos, antigamente havia os de Boulanger que tocavam a «Rosa Encarnada», com tanto molho de cebola que a vontade de um fabiano era pôr-se logo a chorar). Para quê a fita sobre os ciganos? Para nos mostrar algo de concreto sobre a «psicologia humana» desses povos nómadas.

Na realidade o que se disse não ultrapassou aquilo que o vulgo mais ou menos conhece. Os lugares-comuns foram muitos e muitas vezes o gosto pela literatura substituiu o traço firme que os filmes de índole cultural devem utilizar.

Mas enfim, mostraram-se rostos, pessoas, problemas. Breves minutos em que, pelo menos, estivemos entretidos. Já não é pouco, não sendo embora muito. — M. C.

HOJE PODE VER...

● **Ás 21 e 55: Folhetim**

Na série «Playhouse 90», representa-se, esta noite, o episódio filmado intitulado «Prisioneiros perigosos», com interpretações dos artistas Lloyd Nolan, James Withomare, Vitor Jony, Neville Brand e Martha Vichers, numa realização de Paul Wendkos.

● **Ás 22 e 25: Variedades**

No programa de variedades que a R. T. P. hoje apresenta, actuam «Os Keeper», «Thilo's», Clara Sarmento, a classe de ginástica do Sporting Clube de Portugal, Salomé, o «ballet espanhol de Sava Lezanna e o conjunto de Fernando Albuquerque.

«O MONTA-CARGAS» DE PINTER

SOBE HOJE À CENA NO VALE FORMOSO (PORTO)

PORTO, 20 — Encenada pelo dr. Correia Alves, a peça «O Monta-Cargas», de Harold Pinter, será levada à cena, hoje à noite, no Teatro Vale Formoso, integrada no sarau anual do Instituto Comercial do Porto. Do programa, que abrirá com o coral misto daquele estabelecimento de ensino e de que ainda fará parte a exibição do seu Grupo de Danças Folclóricas, serão igualmente apresentadas as peças «O Triunfo da Medicina», do mesmo dramaturgo, e «A Gota de Mel», de Chancerel.

Dado o interesse desta peça de Pinter, fomos ouvir o dr. Correia Alves, que no ano passado foi a Londres, a convite do British Council, a fim de estudar o teatro inglês.

O encenador de «O Monta-Cargas» começou por nos dizer:

— Tive uma grande satisfação em encenar «O Monta-Cargas», de Harold Pinter, uma das figuras mais destacadas da actual dramaturgia. Nunca uma encenação — embora apenas entrem duas personagens — me deu tanto que pensar. Cada marcação, o mais pequeno gesto, as inflexões, as reacções psicológicas, a colocação dos adereços de cena, a implantação de cenários, a luz, as pausas, os ritmos adequados a cada cena — tudo foi minuciosamente estudado. Felizmente, consegui dois elementos do Instituto que trabalham comigo

(Continua na página seguinte)

VIDA MUSICAL

O violoncelista Paul Tortelier nos próximos concertos do Círculo de Cultura Musical

O Círculo de Cultura Musical, em prosseguimento dos seus concertos, vai apresentar, na próxima semana, três recitais pelo grande violoncelista francês Paul Tortelier que, em dois deles, terá a colaboração da pianista Maria de La Pau.

Paul Tortelier frequentou o Conservatório Nacional de Paris onde concluiu os seus estudos alcançando dois primeiros prémios nas classes de violoncelo e de harmonia. Já depois de iniciada uma intensa carreira como solista, foi discípulo de Nöel Gallon com quem se aperfeiçoou nas disciplinas superiores de composição. Tocou com as orquestras mais categorizadas e sob a direcção de regentes da maior projecção, como Barbirolli, Szell, Pedro de Freitas Branco, Mitropoulos, Klecki Fricsay e Cluytens. Além da sua carreira de verdadeiro «virtuose», Paul Tortelier tem-se afirmado também como compositor e chefe de orquestra.

Os recitais que este grande artista vem dar em Lisboa, a convite do Círculo, decorrerão no Tivoli, nos dias 24 e 25, respectivamente, às 18 e 30 e às 19 e 30, e no Teatro Nacional de São Carlos, às 22 horas, do dia 27, com três programas inteiramente diferentes.

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
RUA DO CARMO

TV FOGUETE — Telefone 835299
Assistência permanente em Rádio e T. V. ao domicílio

AMÁLIA
SENSACIONAL

VOU DAR DE BEBER À DOR
(UMA CRIAÇÃO ESPANTOSA)
DISCO Columbia SLEM 2315
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.

JAMES MASON
GERALDINE CHAPLIN
BOBBY DARIN

UM ESTRANHO EM CASA
"STRANGER IN THE HOUSE"
TEMA ACTUAL, APAIXONANTE, TRATADO AUDACIOSAMENTE!
EM SENSACIONAL
3.ª SEMANA
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
«...NINGUÉM ESPERARIA QUE, NO TERMO DA TEMPORADA, O SÃO JORGE NOS PROPORCIONASSE ESPECTÁCULO DE TÃO ALTA CATEGORIA...»
— A. IN «A CAPITAL»
— ADULTOS —
EM COMPLEMENTO: 10 DE JUNHO DIA DE PORTUGAL
Realizado por Silva Brandão — Produzido pelo S. N. I.

«O MONTA-CARGAS» DE PINTER

(Continuação da página anterior)

há vários anos e que considero ideais para as duas personagens criadas por Pinter. Tudo, nesta peça, é perfeito. Diálogo simples, despido de qualquer artifício, ora do maior dramatismo, ora da maior comicidade — muitos comentadores da obra de Pinter acham que esta peça é uma comédia e não apenas um drama de «suspense». Concordo plenamente. A construção de «O Monta-Cargas» é exemplarmente concebida e de uma parcimónia de meios quase chocante. Quero crer que esta economia de processos e o seu diálogo depurado de pormenores supérfluos se deve ao grande treino de Harold Pinter como argumentista de cinema e autor de TV.

Entrando na análise da temática da peça, Correia Alves prosseguiu:

— O «Monta-Cargas», mais do que «O Feliz Aniversário», é uma *comédia ameaçadora*. No entanto, enquanto «O Feliz Aniversário» é realmente engraçado apenas nas primeiras cenas, com as suas obsessivas repetições e mal-entendidos, «O Monta-Cargas» é quase sempre divertido. A acção passa-se num quarto sem janelas, ambiente muito ao gosto de Harold Pinter. Dois homens, «Ben» e «Gus», aí passam uma aborrecida manhã de sexta-feira, lendo o jornal, falando de futebol, discutindo a maneira correcta de dizer «acender a chaleira» e «pôr a chaleira ao lume». Pouco a pouco, vem-se a saber que eles esperam ordens para *acabar* com alguém. De repente, um monta-cargas, que os dois ainda não tinham descoberto, começa a trabalhar, trazendo-lhes as mais extravagantes notas. E os dois companheiros inseparáveis, de muitos anos, defrontam-se perante o irreparável... Esta peça de Harold Pinter pertence ao repertório de uma companhia itinerante que o Royal Shakespeare Company possui, para levar teatro aos lugares mais afastados de Inglaterra.

— Harold Pinter — concluiu o dr. Correia Alves — não escreve um teatro fácil. Para lá da sua aparente simplicidade há um mundo de sugestões e de problemas que atormentam o homem de hoje. Oxalá o público — e quero crer que sim — adira a esta peça, que foi trabalhada por todos com o maior amor e devoção. — *A. M.*

Os dois intérpretes de «O Monta-Cargas», durante um ensaio

ALELUIA!... ALELUIA!...
O BOM PASTOR
VOLTA AO POLITEAMA
HOJE, AS 21.30

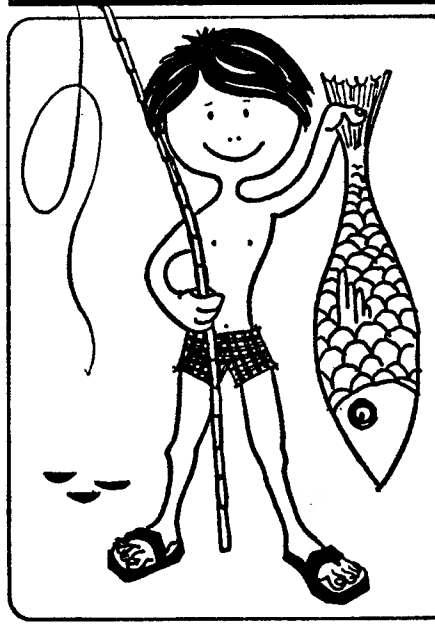
SENSACIONAL REAPARIÇÃO DO MAIOR «RECORD» DE GARGALHADA
11 SEMANAS DE EXIBIÇÃO NESTE CINEMA

¡PONHA BRAÇOS HIAB NO SEU CAMION!

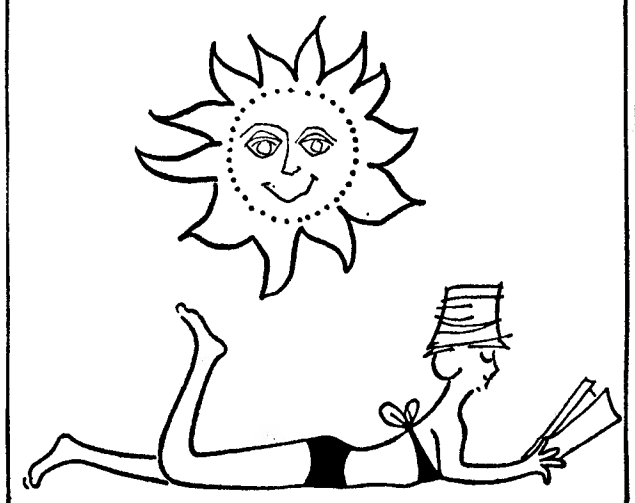
O CARREGADOR HIAB ELEVA, TUDO; ATÉ OS SEUS LUCROS! DEFENDA-SE, COMPRANDO BRAÇOS A PREÇOS FIXOS!
ROLIM COMERCIAL, S. A. R. L.
R. Vitorino Damásio, 3 - Tel. 66 81 73 - Lisboa
R. Passos Manuel, 51 - Tel. 3 44 33 - Porto

ALCATIFAS SULTÃO
SISTEMA «WILTON»
EM PADRÃO ESCÓSSES • 3 CORES
SÓ LÃ • TONS INALTERÁVEIS
RUA CONDE DE REDONDO, 64-2.º, D. TEL. 5 92 88

COMPRE OU ALUGUE SUA CASA DE VERÃO



solférias
PRAIA DO CARVOEIRO • ALGARVE



nós resolvemos seu problema:
excelentes casas decoradas com o máximo bom gosto e conforto. Se gostar, poderá comprar, pois estudaremos o plano de financiamento que mais lhe convier. Seja proprietário de uma das moradias "SOLFÉRIAS", tirando um rendimento imediato do seu capital se a quiser alugar. A nossa organização cuidará da sua casa e do seu jardim. Visite-nos sem compromisso no nosso Stand em Lisboa ou no local.
INFORMAÇÕES

GRÃO-PARÁ
AV: INFANTE SANTO 56 A-D TEL. 661036 • LISBOA

Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa

Os realizadores de hoje

ANTHONY MANN

Nasceu em San Diego (Estados Unidos) a 30 de Junho de 1906. Iniciou uma carreira de actor teatral na Broadway com catorze anos. Fundou uma pequena companhia que percorreu os Estados Unidos. Foi director de cena, em Nova York, de Rouben Mamoulian, David Belasco e Chester Erskine. David O. Selznick contratou-o em 1938 e durante algum tempo desempenhou funções de descobridor de talentos e de director de ensaios. 1942: «Dr. Broadway» (A Filha do «Gangster»); «Moonlight in Havana» (O Luar de Havana). 1943: «Nobody's Darling» (Futuras Estrelas). 1944: «My Bets Gal» (O Grande Triunfo); «Strangers in the Night». 1945: «The Great Flamarion»; «Two O'Clock Courage»; «Sing Your Way Home». 1946: «Strange Impersonation»; «The Bambia Blonde». 1947: «Desperate»; «Railroaded»; «T' Men» (Moeda Falsa). 1948: «Raw Deal». 1949: «Reign of Terror» (No Reino do Terror); «Follow Me Quietly»; «Border Incident»; «Side Street». 1950: «Devil's Doorway» (O Caminho do Diabo); «Winchester 73» (Winchester 73); «The Furies» (Almas em Fúria). 1951: «The Tall Target». 1952: «Bend of the River» (Jornada de Heróis). 1953: «The Naked Spur» (Esporas de Aço); «Thunder Bay» (Baía das Tormentas). 1954: «The Glenn Miller Story» (A História de Gleen Miller); «The Far Country» (Terra Distante). 1955: «Strategic Air Command»; «The Man From Laramie» (O Homem Que Veio de Longe). 1956: «The Last Frontier» (Os Bravos Não Voltam Costas); «Serenade» (Serenata); «Men in War» (Os Que Sabem Morrer). 1957: «The Thin Star» (Sangue no Deserto). 1958: «God's Little Acre» (Tentação); «Man of the West» (O Homem do Oeste). 1960: «Cimarron» (Cimarron). 1961: «El Cid» (O Cid Campeador). 1963: «The Fall of the Roman Empire» (A Queda do Império Romano). 1965: «The Heroes of Telemark» (Os Heróis de Telemark). 1967: «A Dandy in Arpic» (À Beira do Pânico). Faleceu na Alemanha, a 28 de Abril de 1967.

CLAUDE SAUTET

Nasceu a 23 de Fevereiro de 1924 em Montrouge (Sena). Formado pelo I. D. H. E. C., desempenhou durante algum tempo as funções de assistente de realização de A. Cerf, P. Montazet, Y. Robert, etc., director de produção e realizador de TV. Em 1951 estreia-se no cinema com uma curta-metragem: «Nous n'irons plus au bois». No filme de fundo dirige, em 1955: «Bonjour Sourire». 1959: «Classe tous Risques» (Contra Todos os Riscos). 1966: «L'Arme à Gauche» (Um Iate para a Jamaica).

Os filmes «Winchester 73» e «Um Iate para a Jamaica»

Nos cinemas S. Luiz e Alvalade prossegue hoje, á tarde e á noite, o V Ciclo Cinematográfico da Casa da Imprensa, com a exibição de um programa duplo do maior interesse: «Winchester 73», de Anthony Mann, e «Um Iate para a Jamaica», de Claude Saltet.

WINCHESTER 73

Título original: «Winchester 73»; realização: Anthony Mann; argumento: Borden Chase e Robert L. Richards, segundo o romance «Big Gun», de Stuart N. Lake; fotografia: William Daniels (preto e branco); cenários: Russel Gaussman e Roland Fields; música: Joseph Gershenshon; montagem: Edward Curtiss; intérpretes: James Stewart, Shelley Winters, Dan Duryea, Stephen McNally e Rock Hudson; produção: Universal; 1950; origem: Estados Unidos. Tempo de projecção: 86 minutos; distribuição em portugal: Paramount; classificação: maiores de 12 anos.

UM IATE PARA A JAMAICA

Título original: «L'Arme à Gauche»; realização: Claude Saltet; argumento: Claude Saltet e Charles Williams, segundo o romance «Aground», de Charles Williams; fotografia: Walter Wottitz (preto e branco); cenários: René Renoux; música: Eddie Barclay e Michel Colombier; montagem: Jacqueline Thiédot; intérpretes: Lino Ventura, Sylva Koscina, Leo Gordon, Alberto de Mendoza e Antonio Martin; co-produção J.-P. Guibert, Intermondia, T. C. Productions; 1964; origem: França. Tempo de projecção: 103 minutos; distribuição em Portugal: Espectáculos Rivus; classificação: Adultos.

«Cat Ballou» na sessão do Cineclube ABC

No Cinema Lys realiza-se amanhã, ás 18 e 40, a 694.ª sessão do ABC Cine-Clube de Lisboa, com a apresentação do já famoso «Cat Ballou» («A mulher felina»), de Elliot Silverstein, com Jane Fonda e Lee Marvin.

Antes da sessão podem ser admitidos novos sócios.

4.ª SEMANA

estúdio

DE UM FILME CONSAGRADO PELO PÚBLICO E PELA CRÍTICA MUNDIAL

O ESTRANGEIRO

(Lo Straniero)

Uma obra-prima de LUCHINO VISCONTI

Inspirado no romance do mestre da literatura ALBERTO CAMUS

com MARCELLO MASTROIANNI, ANNA KARINA, BERNARD BLIER

(Adultos)

É um filme *Paramount*

DIVERSÕES

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *O empresário José Miguel deve apresentar brevemente no Águia de Ouro, no Porto, um espectáculo com os melhores números das revistas «Mulheres à vela» e «Arroz de miúdas».*
- *O artista brasileiro Badaró deve ingressar na companhia do empresário Giuseppe Bastos.*
- *É muito provável que a companhia da actriz Laura Alves encete, em breve, uma larga digressão pelo Ultramar.*
- *Regressa brevemente a Portugal a actriz Maria Sampaio.*
- *Deve ser a companhia de Eunice Muñoz que inaugurará o Teatro Laura Alves.*
- *O empresário-encenador Carlos Avilez mantém negociações com José Miguel, no sentido de montar a próxima revista do Teatro A B C.*
- *Fala-se na remodelação do elenco artístico da companhia de Teatro Alegre. O popular Costinha é um dos actores indigitados.*
- *É muito provável que o actor Camilo de Oliveira, após a revista «Lisboa é sempre mulher», interrompa por algum tempo a sua actividade teatral.*

OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

1.º CICLO LICEAL

Prova escrita de Língua e História Pátria

SOLUÇÃO

I

1) «Este menino de dez anos parecia andar distante de todas as vibrações» porque, sendo dotado de pouca vontade e não sabendo lutar contra essa pouca vontade, nada lhe despertava o interesse.

2) Para o pai do menino, qualquer ser humano tinha uma missão a cumprir, um objectivo na vida. Assim, a atitude do filho parecia-lhe, e com razão, diferente do que devia ser.

3) Era verdade aquilo que o rapazinho dizia. Mas a sua resposta nem por isso deixou de ser despropositada já que certas verdades nos causam autêntica surpresa, sobretudo se, como neste caso, elas são totalmente inadmissíveis.

4) O pai quis que o filho compreendesse que todo o ser humano, à semelhança do que se observa nos outros seres da natureza, tem uma missão a cumprir.

II

5) A palavra tem três sílabas *(pa-sse-ar)* e por isso deve classificar-se como polissilábica.

6) *Verdade* é uma palavra grave.

7) *Andar* e *colheu* são palavras agudas, sem acento gráfico, visto que só devem ser acentuadas gràficamente as palavras agudas terminadas em *a(s), e(s), o(s)*, e bem assim as que terminam *em* ou *ens*, desde que tenham mais de uma sílaba. As outras três palavras têm acento agudo pelas razões seguintes: *céu*, para indicar que o ditongo *é* aberto; *chegámos*, para a distinguir da sua homógrafa *chegamos;* e *país*, para nos esclarecer que o *i* não forma ditongo com a vogal anterior e é a sílaba tónica deste dissílabo.

III

8 — *a*) Os substantivos dizem-se *comuns* quando designam todos os seres de uma mesma natureza; *próprios* quando indicam individualmente cada ser.

b) Normalmente servimo-nos mais dos substantivos comuns.

c) Sucede assim porque os substantivos comuns, abrangendo todos os seres de uma mesma espécie, têm mais larga aplicação.

9) Prefiro a omissão do nome das personagens (dos tais substantivos próprios), porque, assim, a história pode generalizar-se mais fàcilmente, isto é, aplicar-se melhor a quem estiver nas mesmas condições.

10) Há a proposição subordinada integrante *que seu pai endoidecera*, complemento directo da anterior.

11) Indica o *modo* como o menino exprimia naquele momento o seu espanto.

12) Sujeito — *o país da vontade;* predicado — *é este;* nome predicativo do sujeito — *este.*

IV

13 — *a*) Discurso directo é o processo de que nos servimos para a reprodução das palavras de outrem, tais quais ele as proferiu.

b) Sim, porque o discurso directo dá mais vivacidade ao diálogo.

14) O pai disse ao filho que reparasse naquele botão de laranjeira.

V

Segundo o critério e as habilitações do candidato.

Prova escrita de Francês

Depuis quelques jours, le petit Patachou entend parler des castors, ces admirables animaux qui font des digues et des huttes dans les fleuves. Faites atention, maintenant, au récit de son père.

J'ai perdu une heure à ranger mes livres et je m'ennuie en cette fin d'après-midi. Je n'entends plus Patachou, lui qui, sou les arbres, ne cessait de piailler comme un gros moineau. Il faut se méfier; quand les enfants sont si sages, c'est, d'habitude, qu'ils font quelque sottise. Je l'appelle: Patachou! Patachou!... Rien.

Ah! le beau spectacle! Il a traîné mon grand fauteuil au milieu du ruisseau; sur le dossier, il a perché l'abat-jour vert de ma vieille lampe; et il est là, dans le fauteuil, muet, assis, radieux, le bout des pieds dans l'eau.

— Patachou, tu feras mon désespoir. Je parie que tu es déjà enrhumé! Pourquoi ne réponds-tu pas quand je t'appelle?

— Les castors ne parlent pas.

— Que dis-tu?

— Tu ne vois pas que je suis un castor? Tu ne vois pas ma hutte?

Je l'ai séché. Je l'ai grondé. Je lui ai demandé s'il avait décidé de vivre à la façon des bêtes, et s'il n'essayerait pas demain de marcher au plafond pour faire la mouche. Il m'a promis de ne plus recommencer. Il éternue; il éternue encore et me dit:

— C'est un vrai rhume de castor.

Tristan Dérème, «Patachou petit garçon» (adapté)

1

Répondez par des phrases complètes aux questions suivantes:

a) À quel moment de la journée se passe la scène?

b) Quels sont les personnages de cette histoire?

c) Patachou est comparé à un «grand moineau». Pourquoi?

d) Mais soudain le «moineau» a «cessé de piailler», ce qui inquiète son père. Pourquoi?

e) Où a-t-il trouvé Patachou?

f) Que faisait le petit garçon, les pieds dans l'eau?

g) Pourquoi n'avait-il pas répondu à son père?

h) Quelle a été la réaction du père de l'enfant?

i) Le petit garçon est bien docile, obéissant, mais son rêve est plus fort que tout le reste. Qu'est-ce qui vous le montre?

II

Lisez le morceau suivant.

Complétez-le avec les mots indispensables. (Attention aux traits). *Copiez-le soigneusement.*

Un jour, le père ——— petit garçon ——— a parlé des castors et de ——— habitudes. Il lui ——— ——— *(«réciter»)* des poésies où l'——— décrivait ——— animal. Depuis ——— jour, Patachou ne pensait ——— aux castors.

Nous ——— *(«comprendre»)* donc très bien ce ——— il a fait ——— le ruisseau. Mais il a exagéré un peu, parce que ce ——— était pour lui une hutte de castor ——— était vraiment qu'un fauteuil et un abat-jour, au milieu d'un ruisseau...

Vous ——— *(«voir»)* bien qu'il ——— a pris un «rhume de castor», d'après ——— mots! Presque ——— les enfants sont comme ———-ci, et parfois ils ——— *(«faire»)* même ——— plus graves imprudences.

III

Lisez encore une fois ces périodes du texte:

«Je l'ai grondé. Je lui ai demandé s'il avait décidé de vivre à la façon des bêtes, et s'il n'essayerait pas demain de marcher au plafond pour faire la mouche. Il m'a promis de ne plus recommencer.»

Maintenant, d'après ces mots de l'auteur, vous allez reconstituer, dans un petit dialogue (10-15 lignes), la conversation entre le petit Patachou et son père.

SOLUÇÃO

I

a) La scène se passe en une fin d'après-midi.

b) Les personnages de cette histoire sont Patachou et son père.

c) Patachou est comparé à un grand moineau parce que, comme l'oiseau, il ne cessait de piailler sous les arbres.

d) Parce que, quand les enfants sont sages et silencieux, comme l'était Patachou, c'est qu'ils font quelque sottise.

e) Il a trouvé Patachou au milieu du ruisseau, assis dans le grand fauteuil de son père où il avait perché l'abat-jour vert de la vieille lampe

f) Il faisait le castor; il prétendait qu'il était dans sa hutte.

g) Il n'a pas répondu à son père parce qu'il s'imaginait un castor et cet animal ne parle pas.

h) Tout d'abord, de père a séché l'enfant; ensuite, il l'a grondé et l'a fait promettre de ne plus recommencer.

i) Ce qui nous montre que son rêve est plus fort que tout le reste c'est que, même quand il éternue, il prétend encore que son rhume est un *rhume de castor.*

II

Un jour, le père *du* petit garçon *lui* a parlé des castors et de *leurs* habitudes. Il lui *a récité* des poésies où l'*on* décrivait *cet* animal. Depuis *ce* jour, Patachou ne pensait qu'*aux* castors.

Nous *comprenons* donc très bien ce *qu'*il a fait *dans* le ruisseau. Mais il a exagéré un peu, parce que ce *qui* était pour lui une hutte de castor *n'*était vraiment qu'un fauteuil et un abat-jour, au milieu d'un ruisseau...

Vous *voyez* bien qu'il *y* a pris un «rhume de castor», d'après *ses* mots! Presque *tous* les enfants sont comme *celui-ci*, et parfois ils *font* même de plus graves imprudences.

III

Père — Patachou, pourquoi as-tu traîné mon fauteil au milieu du ruisseau?

Patachou — Je suis un castor, papa.

Père — Je ne comprends pas. As-tu décidé d'être une bête?

Patachou — Je suis un castor, papa.

Père — Je ne comprends pas. As-tu décidé d'être une bête?

Patachon — Seulement un castor, papa. Ils sont si intélligents, si drôles!

Père — C'est mal fait, Patachou. Mais voyons, demain tu te croieras une mouche e tu essayeras de marcher au plafond... Tu est un homme, mon fils.

Patachou — Oui, papa, tu as raison. Je ne serai plus un castor. C'était un jeu... Fais-moi confiance, je serai un homme.

3.º CICLO LICEAL

Os alunos do 3. ciclo liceal prestaram esta manhã provas escritas de Inglês, Ciências Físico-Químicas, Grego, Português e Desenho. Tal como ontem fizemos com as disciplinas que foram objecto de exame na parte da manhã, inserimos nesta edição a solução dos pontos de inglês e grego e os restantes pontos.

Prova escrita de Matemática

SOLUÇÃO

I

1. *a*) Com $2x-6=2(x-3)$, o polinómio será divisível por $x-3$

Será então:

	2	m		m+1		3	
3		6		3m+18		12m+57	
	2	m+6	4	m+19		12m+60	

e portanto

$$12m+60=0$$

$$\boxed{m=-5}$$

Para $m=-5$ temos o polinómio

$$2x^3-5x^2-4x+3$$

e atendendo a que 3 é uma raiz, virá, sucessivamente:

	2	−5	−4	3
3		6	3	−3
	2	1	−1	0

e

$$2x^2+x-1=0$$

e portanto

$$x=\frac{-1\pm\sqrt{1+8}}{4}\begin{cases}x_1=\frac{-1+3}{4}=\frac{1}{2}\\ x_2=\frac{-1-3}{4}=-1\end{cases}$$

As raízes são: $-1;\ \frac{1}{2}$ e 3

2. — Como

$$f'(x_0)=\lim_{x\to x_0}\frac{f(x)-f(x_0)}{x-x_0}$$

$$f(x)=(3x+1)^2$$

e

$$f(x_0)=(3x_0+1)^2$$

vem

$$f(x)-f(x_0)=(3x+1)^2-(3x_0+1)^2$$
$$=9x^2+6x+1-9x_0^2-6x_0-1$$
$$=9(x^2-x_0^2)+6(x-x_0)$$
$$=9(x+x_0)(x-x_0)+6(x-x_0)$$
$$=(x-x_0)[9(x+x_0)+6]$$

e portanto

$$f'(x_0)=\lim_{x\to x_0}\frac{f(x)-f(x_0)}{x-x_0}$$
$$=\lim_{x\to x_0}\frac{(x-x_0)[9(x+x_0)+6]}{x-x_0}$$
$$=\lim_{x\to x_0}(9x+9x_0+6)$$
$$=9x_0+9x_0+6$$
$$=18x_0+6$$

Isto é $f'(x_0)=18x_0+6$

3. — a)

$$\sqrt{5x-4}-\sqrt{x+8}=2$$

vem

$$\sqrt{5x-4}=2+\sqrt{x+8}$$

elevando ao quadrado ambos os membros, teremos:

$$5x-4=4+4\sqrt{x+8}+x+8$$

ou

$$4x-16=4\sqrt{x+8}$$

dividindo ambos os membros por 4

$$x-4=\sqrt{x+8}$$

e elevando, de novo, ao quadrado ambos os membros:

$$x^2-8x+16=x+8$$
$$x^2-9x+8=0$$

que resolvido dá

$$x=\frac{9\pm\sqrt{81-32}}{2}$$

ou

$$x=\frac{9\pm7}{2}\begin{cases}x=8\\ x=1\text{ não serve}\end{cases}$$

$$\boxed{x=8}$$

Por substituição verificava-se que só o valor 8 era raiz da equação dada

b) ver demonstração no compêndio.

4 — O trinómio px^2-2x+1 terá de ser positivo qualquer que seja o valor real atribuído a x. Pelas propriedades do trinómio virá:

$$\begin{matrix}\Delta<0\\ a>0\end{matrix}$$

ou

$$1-p<0 \iff p>1$$
$$p>0 \qquad p>0$$

Será portanto

$$\boxed{p>1}$$

II

1. — a) O domínio será o conjunto dos valores de x para os quais

$$\frac{\pi+x}{2}\neq(2k+1)\frac{\pi}{2}$$

(k inteiro qualquer)

ou

$$\pi+x\neq(2k+1)\pi$$

ou seja

$$\boxed{x\neq 2k\pi}$$

O contradomínio é o intervalo $]-\infty,+\infty[$

b) Virá sucessivamente:

$$y-1=\text{tg}\left(\frac{\pi+x}{2}\right)$$

e

$$\frac{\pi+x}{2}=\text{arc tg}\,(y-1)$$

ou

$$\pi+x=2\,\text{arc tg}\,(y-1)$$

e, finalmente,

$$x=-\pi+2\,\text{arc tg}\,(y-1)$$

2. — Será

$$y'=-\operatorname{sen}x\,\text{tg}(5x)+5\sec^2(5x)\cdot\cos x$$

Para $x=\frac{\pi}{4}$, virá

$$y'\frac{\pi}{4}=-\operatorname{sen}\frac{\pi}{4}\,\text{tg}\left(5\cdot\frac{\pi}{4}\right)+5\sec^2\left(\frac{5\pi}{4}\right)\cos\frac{\pi}{4}$$

e como

$$\frac{5\pi}{4}=\pi+\frac{\pi}{4}$$

(Continua na página seguinte)

exames para amanhã

Ensino liceal

(21 DE JUNHO, SEXTA-FEIRA)

1.º ciclo — 1.ª chamada

Ciências Geográfico-Naturais — 15 h (90 minutos)

Desenho Geométrico — 17 horas (120 minutos)

OBS. — Para as provas de Ciências Geográfico-Naturais e Desenho o aluno deve levar o material que recomendámos anteriormente para Matemática, Desenho, L. H. Pátria e Francês.

Na prova de Desenho Geométrico antes de iniciar o desenho, leia com atenção todo o ponto e procure compreender a figura. Note as alturas máximas do desenho. É permitido o uso do curvilíneo.

3.º ciclo — 1.ª chamada

História e Ciências Naturais — 9 h (90 minutos cada)

Francês e Alemão — 11 horas (90 minutos cada)

OBS. — É permitido o uso do dicionário.

EXTERNATO NUN'ÁLVARES

PRIMÁRIO E LICEAL — DIURNO E NOCTURNO

1.º, 2.º E 3.º CICLOS

Praça João do Rio, 2 (ao Areeiro) — Telef. 72 24 61

EXTERNATO LEAL CONSELHEIRO

ENSINO LICEAL NOCTURNO

ADMISSÃO AOS INSTITUTOS

RUA DO ALECRIM, 47, 2.º TEL. 32 69 57

MEDICAL DOCTOR

Wanted medical doctor who speaks good english to develop medical facility in Cabinda in conjunction with the Cabinda Gulf Oil Company. Excellent opportunity for the proper person.

Apply Cabinda Gulf Oil Company, Rua Duque de Palmela, 2, 4, Lisboa, with curriculum vitae.

AL OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

ros por 4

quadrado

erve

a-se que equação

compên-

+1 terá que seja x. Pelas virá:

o con- para os

intervalo

1)

1)

1)

+

$\frac{\pi}{4}) +$

4

inte)

RO

9 57

n to with nity

Pal-

(Continuação da página anterior)

vem

$$y = -\frac{\sqrt{2}}{2}.1+5\ \ 2.\frac{\sqrt{2}}{2}$$

pois

$$tg\ (\pi+\frac{\pi}{4}) = tg\ \frac{\pi}{4} = 1$$

$$sec\ (\pi+\frac{\pi}{4}) = sec\ \frac{\pi}{4} = \sqrt{2}$$

finalmente

$$y = \frac{9}{2}\sqrt{2}$$

3. — Como sabemos

$$\frac{\overline{PQ}}{sen\ \alpha} = \frac{\overline{NQ}}{sen\ P}$$

mas como $P = 180 - (\alpha + \beta)$ e $sen\ [180 - (\alpha + \beta)] = sen\ (\alpha + \beta)$

virá

$$\frac{d}{sen\ \alpha} = \frac{100}{sen\ (\alpha + \beta)}$$

tirando o valor de d, temos:

$$d = \frac{100\ sen\ \alpha}{sen\ (\alpha + \beta)}$$

e, por fim:

$$\log d = \log 100 + \log sen\ \alpha + \text{colog sen } (\alpha + \beta)$$

ou

$$\log d = 2 + \log sen\ \alpha + \text{colog sen } (\alpha + \beta)$$

b)

$$\alpha^o = 46^o 3' - = 46^o 18'$$

$$\alpha^o + B^o = 46^o 18' + 76^o = 122^o\ 18'$$

Portanto

$$sen\ 122^o\ 18' = sen\ 57^o\ 42'$$

Teremos então:

$$\log d = \begin{cases} \log 100 - 2 \\ \log sen\ 46^o\ 18' - \overline{1},85912 \\ \text{colog sen } 122^o\ 18' - 0,07301 \end{cases}$$

$$1,93213$$

$$\log sen\ 57^o\ 42 = \overline{1},92699$$
$$\text{colog sen } 57^o\ 42' = 0,07301$$

Isto é $\log d = 1,93213$

e portanto

$d = 85,53$ ou seja $d = 86$ metros

III

Como os vértices A e C são pontos da bissectriz dos quadrantes ímpares ao rectas pedidas são as rectas que passam por A ou por C e formam um ângulo de 45º com a recta que contém a diagonal AC.

Nessas condições as rectas que contêm os lados do quadrado são as rectas paralelas aos eixos coordenados que passam pelos pontos A e C.

Serão portanto

$x=2$
$y=2$
$x=6$
$y=6$

e os vértices do quadrado são respectivamente os pontos de intersecção das rectas tomadas 2 a 2.

Nessas condições os vértices B e D são, respectivamente, os pontos $B\equiv(6,2)$ e $D\equiv(2,6)$.

b) Consideremos, por exemplo, o lado $\overline{AB}$ cujo ponto médio M tem as coordenadas

$$x_1 = \frac{2+6}{2} = 4$$

$$y_1 = \frac{2+2}{2} = 2$$

e o lado AD cujo ponto médio N tem por coordenadas

$$x_2 = \frac{2+2}{2} = 2$$

$$y_2 = \frac{6+2}{2} = 4$$

Serão então

$M\equiv(4,2)$ e $N\equiv(2,4)$

A distância destes dois pontos será

$$\overline{MN} = \sqrt{(4-2)^2+(2-4)^2}$$

$$MN = 2\sqrt{2}$$

2 — Pelas condições do enunciado os centros das circunferências serão equidistantes do ponto $A\equiv(2.0)$ e da recta $x=-2$ pois qualquer dessas distâncias representa a medida do raio.

Representando por x e y as coordenadas dum ponto do lugar geométrico temos:

$$\sqrt{(x-2)^2+y^2} = (x+2)$$

ou elevando ao quadrado e simplificando:

$$x^2-4x+4+y^2 = x^2+4x+4$$

ou

$$y^2 = 8x$$

que é a equação de uma parábola que tem por foco o ponto $A\equiv(2,0)$ e directriz a recta $x=-2$.

IV

Na base 2, o menor e o maior número de 5 algarismos escrevem-se respectivamente

$$10\ 000_{(2)} \quad e \quad 11\ 111_{(2)}$$

Passando para a base 10, teremos:

$$10\ 000_{(2)} = 2^4 = 16_{(10)}$$

$$11\ 111_{(2)} = 2^4+2^3+2^2+2+1 = 31_{(10)}$$

Quer dizer, escrevem-se com 5 algarismos na base 2 os números que na base 10 satisfazem à condição

$$16 \leq N \leq 31$$

o que mostra que são ao todo 16 os números que na base 2 se escrevem com 5 algarismos.

Como o maior dos números se escreve $31_{(10)}$ passando para a base 6, virá

$$31 : 6 = 5 \text{ Resto } 1$$

isto é

$$31_{(10)} = 51_{(6)}$$

$$\boxed{11\ 111_{(2)} = 51_{(6)}}$$

2. — Consultar o compêndio.

Prova escrita de Inglês

A. *Read the following extract carefully, then give short but full answers to the questions, in your own words as far as possible:*

The Romans passed away out of the history of Britain, leaving behind them some permanent legacies — one of them the Roman roads. The importance of these roads, after their makers had gone, lay in this: no one made any more hard roads in the island until the Eighteenth Century. Throughout the Dark Ages and in early medieval times, these stone highways still traversed an island otherwise relapsed to disunion and barbarism. For centuries wild tribes who only knew the name of Caesar as a myth, trod his gigantic highways. Gradually the stones subsided and men were too careless and ignorant to replace them. Next, the road was used as a quarry, when the medieval Englishman, having somewhat exhausted his timber, began to build his dwelling houses of stone. So, thanks to this Roman legacy, Britain had far better national highways under the Saxon heptarchy than in Stuart times. The greatly increased the speed of the Saxon, Danish, and Norman Conquests, and aided the slow work of Saxon and Norman kings in uniting England as one state and in making the English notion.

1. *a)* Why, according to the author, did the old Roman roads keep much of their importance even after the withdrawal of the Roman legions?

b) How does the author show that soon after this withdrawal there was a decided change for the worse in British politics and social organization?

c) How did this deterioration of politics and social conditions reflect on the fate of the Roman roads?

d) How, on the other hand, did the roads help to bring about the union of England and the formation of the English nation?

2. *a)* When and why did the Romans withdraw from Britain?

b) What «permanent legacies» (1. 2), other than the roads, did they leave behind?

c) Explain why the network of Roman roads did never cover, and could never have covered, the whole of the island.

d) Identify the «wild tribes» mentioned in the extract (1. 7).

B. *Write a composition of four paragraphs and about two hundred words, using the following topics for your guidance:*

a) Modern transportation, with due reference to British and American inventions and other achievements in the field;

b) its contribution to the formation and expansion of the U. S. A.

N. B. — Give your essay a suggestive title.

C. *Write a careful Portuguese translation of the following:*

The imperial stone causeways, often elevated some feet above the ground ran from sea to sea, generally keeping the higher land, but, where needful, marching majestically over bog and through forest. The whole system concentrated at a point in the Thames where he river was still navigable but could already be fairly easily bridged. So, though certainly the Romans were not the founders of London, we may regard them as the ultimate saviours of the city, for such a concentration of good roads couldn't but make its future commercial revival an absolute certainty.

When the process of road decay started, sometime between the fourth and the sixth centuries, the bridges first fell in from neglect. Then the roads themselves gradually changed: from driving roads they slowly declined into pack-horse tracks, finally disappearing for the most part in moor or ploughland.

D. *Translate into English:*

Mas nem tudo se perdeu, evidentemente. Eram, com efeito, robustas construções militares, capazes de aguentar a pesada marcha das legiões romanas, com seus armamentos e mantimentos. Aqui e além havia fortes, guarnecidos de tropas regulares e providos de espaço para armazenamento de víveres. Os melhores deles foram naturalmente núcleos de futuras cidades. Da via, pròpriamente dita, conservaram-se até hoje diversas secções, por vezes muito extensas e quase sempre direitas. Algumas foram modernizadas, transformadas em rodovias vulgares, sobre as quais circula velozmente o turista motorizado. Outras, felizmente, ficaram intactas, para benefício de quem gosta de calcorrear montes e vales, na magia da velha paisagem inglesa. Cobertas de relva, surgem-nos misteriosamente sob os pés, estendem-nos uma passadeira pela encosta acima e desaparecem outra vez na névoa do entardecer.

SOLUÇÃO

1 — a) As they were very strongly built, they lasted for many centuries, and until the eighteenth century they were the only hard highways in Britain.

b) He says that after the withdrawal of the Romans de island relapsed to disunion and barbarism. He mentions «wild tribes» in the island and classifies the work of Saxon and Norman kings to unite England as «slow».

c) Men could not — or were net interested in it — repair che roads and later used them as quarries, making their houses of stones taken from them.

d) They afforded quicker means of communication, so kings could be in closer contact with the most important regions of the island.

2 — *a)* The Romans withdrew from Britain in the fifth century, because all the legions of the Empire were then called back to Rome, then in danger of collapsing under the attacks of the barbarians, which nevertheless soon happened.

b) Generally speaking, the romains of Roman civilization in England are not very important. But there are some baths, parts of amphitheatres, ancient walls, mosaic pavements and above all Hadrian's wall, a long fortified wall in Northumberland built to protect England from the attacks of the Picts and Scots.

c) Owing to the mountainons aspect of some parts of the island, namely Scotland and most wales, the Romans never managed to occupy the whole island. Of course they could build their roads only in the regions they dominated.

d) These wild tribes were the Germanic ones, Angles, Saxons and gutes, that invaded Britain after the withdrawal of the Romans, and later the Danes.

C — As calçadas de pedra imperiais, muitas vezes alteadas uns pés acima do solo, estendiam-se de costa a costa, mantendo-se geralmente em terras altas, onde necessário, marchando majestosamente sobre pântanos e através de florestas. Todo o sistema se concentrava num ponto do Tamisa onde o rio era ainda navegável mas podia já fàcilmente ser atravessado por pontes. Por isso, embora seja certo que os romanos não foram os fundadores de Londres, podemos considerá-los, em última análise, os salvadores da cidade, pois uma tal concentração de boas estradas não podia deixar de fazer do seu futuro renascimento comercial uma certeza absoluta.

Quando se começou a processar a deterioração das estradas, num período que se situa entre os séculos quarto e sexto, as pontes foram as primeiras a cair, por desleixo. Depois gradualmente as próprias estradas mudaram: de estradas para carros declinaram lentamente até caminhos para cavalos de carga, desaparecendo finalmente, na sua maior parte, em pântanos ou terras de cultivo.

D — But not every Hing was lost, of course. They were indeed strong military works, able to support the heavy marching of the Roman legions with their armament and provisions. Here ande there were forts, provided with regular troops and supplied with space where to store provisions. The best of them naturally formed the nucleus for future towns. Of the higway itself several sections, sometimes very long and almost always straight ones, have been perserved till nowadays. Some have been modernized, changed into common highways, on which the motorized tourist drives swiftly. Others have luckily remained intact, for the benefit of those who like to wander over montain and valley, in the magic of the old English landscape. Covered with grass, they appear mysteriously from under our feet, stretch a carpet up the slope and disappear again in the mist of the twilight.

COMENTÁRIO — Embora um pouco longo, o ponto adapta-se perfeitamente ás exigências do programa e ao nível que se espera dos examinandos.

Prova escrita de Ciências Físico-Químicas

Atenção. — É necessário indicar todos os cálculos com pormenor e clareza.

FÍSICA

I

a) Que é *quantidade de movimento* de um ponto material? Que condição deve realizar-se para que se mantenha constante a quantidade de movimento de um sistema material?

b) Uma espingarda de 3 kg dispara uma bala de 10 g com a velocidade de 900 m/s. Calcule à velocidade de recuo da arma.

II

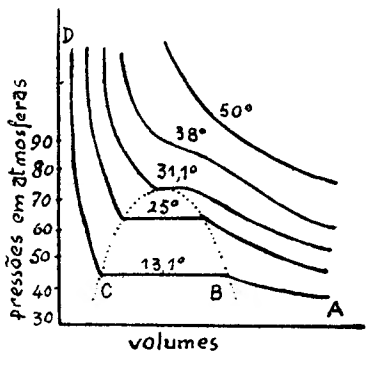


Fig. 1

A figura 1 representa algumas isotérmicas do dióxido de carbono cuja temperatura crítica é 31,1ºC.

a) Dessas isotérmicas quais traduzem, aproximadamente, uma das leis dos gases perfeitos? Enuncie essa lei.

b) Considerando a figura 1 indique um valor da temperatura á qual seja possível liquefazer dióxido de carbono.

c) Que significado atribui aos três ramos da isotérmica de 25ºC que a figura representa?

III

1. Colocou-se um segmento linear a 0,5 m de um espelho esférico convexo, cujo raio de curvatura é 1 metro normalmente ao respectivo eixo principa. Qual é a natureza da imagem obtida? Determine a sua distancia ao espelho e o seu tamanho em relação ao objecto.

2. Partindo da equação dos focos conjugados das lentes esféricas delgadas.

a) mostre que os respectivos focos são equidistantes da lente;

b) prove que as lentes *divergentes* dão sempre imagens virtuais de objectos reais.

IV

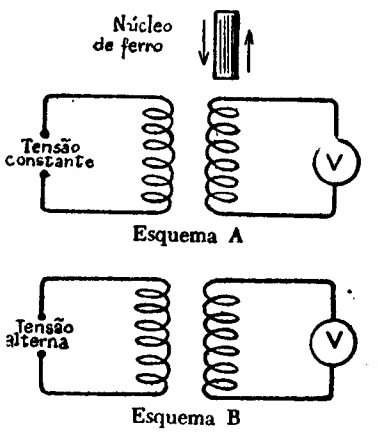


Fig. 2

1. Fundamentando-se nas leis da indução electromagnética e em presença dos equemas A e B da fig. 2,

a) explique porque, no caso a que se refere o esquema A, o voltímetro só acusa tensão *quando* e *enquanto* se introduz no enrolamento, ou dele se retira, o nucleo de ferro.

b) Explique também porque, no caso do esquema B, o aparelho de medida acusa *sempre* a existência de uma tensão.

2. Que tipos de voltímetro podem

(Continua na página seguinte)

CURSOS DE FÉRIAS
INÍCIO EM 1 DE JULHO
● Preparação intensiva para exames de SETEMBRO
● Preparação preliminar para o próximo ano lectivo
ENSINO LICEAL
ADM. AOS INSTITUTOS E FACULDADES
Preços especiais para militares
● Escola São Vicente — Rua do Paraiso, 28 — Tel. 865904
● Externato Marquês de Pombal — Telef. 83 46 58
Rua Carrilho Videira, 10 (à Morais Soares)

EXTERNATO SÁ DE MIRANDA
ENSINO PRIMARIO — CICLO PREPARATÓRIO
CURSO LICEAL NOCTURNO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (A AL. REIS)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

(Continuação da página anterior)

ser utilizados de modo a servirem para qualquer das experiências anteriores?

QUÍMICA

I

a) Que é *fórmula molecular* de uma substância?

b) Dissolveram-se 9,3 g de um composto organico, de fórmula empírica CH_2O, em 300 g de água. Nestas condições observou-se um abaixamento do ponto de congelação do líquido de 0,31ºC. Qual é a fórmula molecular da substância? (Valor numérico da constante crioscópica da água: 1860).

II

1. Quais são as transformações químicas que permitem a obtenção do zinco a partir da blenda? Traduza-as por equações químicas.

2. *a)* A que grupo do *Quadro Periódico dos elementos* pertence o *hélio?* Cite mais dois elementos do mesmo grupo. Qual é a característica predominante dos elementos desse grupo?

b) Por que razão se encontra hélio nos minérios de urânio?

III

1. Explique, recorrendo a equações iónicas, o carácter alcalino das soluções aquosas de *carbonato de sódio.*

2. *a)* Que massa de *ácido acético* existe em cada litro de uma solução 0,1 N desse ácido?
(C=12 ; O=16 ; H=1)

b) Dos indicadores que conhece, a qual deve dar-se preferência para a neutralização de ácido acético com soda cáustica? Porquê?

1. *a)* Qual é a função química da *propanona?* Escreva a fórmula de estrutura desse composto

b) Traduza por uma equação química a obtenção da propanona a partir do acetato de cálcio.

2. Considere o seguinte esquema de reacção química.

1 mol de Benzeno + 1 mol de Acido azótico → Composto X + Água

a) Escreva o nome e a fórmula racional do composto X

b) Que composto se pode obter reduzindo X? Escreva a sua fórmula de estrutura.

Prova escrita de Grego

Texto

Βόες και λέων

1 Ἐνέμοντο μετ' ἀλλήλων τρεῖς ἀεὶ βόες. Λέων δὲ τούτους φαγεῖν θέλων διὰ
2 τὴν αὐτῶν ὁμόνοιαν οὐκ ἠδύνατο· ὑπούλοις δὲ λόγοις διαβαλὼν ἐχώρισεν ἀπ' ἀλλήλων,
3 καὶ τότε ἕνα ἕκαστον αὐτῶν μεμονωμένους εὐρὼν κατεθοινήσατο.
4 Ὁ μῦθος δηλοῖ ὅτι, εἰ θέλεις μάλιστα ζῆν ἀκινδύνως, τοῖς μὲν ἐχθροῖς
5 ἀπίστει, τοῖς δὲ φίλοις πίστευε.

I

1 — Em que caso está τούτους (linha 1)? Porquê?

2 — De que forma depende a expressão ὑπούλοις δὲ λογοις (linha 2)? Que função desempenha?

3 — Analise sintàcticamente: καὶ τότε ἕνα ἕκαστον αὐτῶν μεμονωμένους εὐρὼν κατεθοινήσατο (linha 3).

4 — Traduza o texto.

II

1 — Indique para cada uma das palavras gregas a seguir apresentadas uma portuguesa que esteja com ela etimològicamente relacionada
a) φαγεῖν (linha 1);
b) λόγοις (linha 2);
c) εὐρὼν (linha 3).

2 — Decline em todo o plural a expressão: τρεῖς . . . βόες (linha 1).

3 — Do verbo a que pertence μεμονωμένους (linha 3) diga, no modo indicativo, as formas seguintes, que deve traduzir:
a) primeira pessoa do plural da voz activa, do tempo presente;
b) segunda pessoa do singular da voz média, do tempo perfeito;
c) terceira pessoa do plural da voz passiva, do tempo futuro.

4 — Verta para grego:
Nós sabemos (οἶδα) que, muitas vezes (πολλάκις), é mais fácil (ῥᾴδιος) acreditar nos inimigos que nos amig

SOLUÇÃO

I

1 — Está no acusativo do plural por servir de complemento directo.

2 — Depende de

δακρύων

e desempenha a função de complemento circunstancial de meio.

3 — 1 — cor.

Prova escrita de Desenho

ATENÇÃO — O examinando poderá realizar a sua prova apenas numa folha de papel ou em duas, mas em qualquer dos casos deve procurar situar equilibradamente os desenho no papel *Antes de iniciar o desenho leia atentamente todo o enunciado*

I — Desenhe as projecções de dois cones de revolução situados no primeiro quadrante, com o vértice comum e as bases de nível, pertencendo cada sólido a uma folha da mesma superfície cónica.

Outros dados:
o vértice comum é o ponto V do plano bissector, com 8 cm de afastamento, a base do cone inferior tem 3,5 cm de raio e cota nula, e a base do cone superior tem 14 cm de cota. (Note que cada sólido pertence a uma folha da mesma superfície cónica).

Determine as sombras própria e projectada do conjunto dos dois sólidos.

Passe o desenho a tinta-da-china, deixando as linhas auxiliares a tracejado ou a cheio muito fino (preto, vermelho ou sépia); as projecções dos raios de sombra poderão ser desenhadas com traço contínuo muito fino a tinta verde ou azul.

Dê uma aguada de cor muito leve nas projecções dos sólidos e uma aguada cinzenta (tinta-da-china diluída), nas zonas de sombra.

II — *a)* Represente pelas suas projecções uma pirâmide quadrangular regular com a base de nível e duas faces de rampa.

A circunferência circunscrita á base tem de raio 3,5 cm e o seu centro é o ponto O com 4 cm de afastamento e 1 cm de cota.

A altura da pirâmide é de 3,5 cm.

Determine os traços horizontal e vertical do plano a que pertence a face de rampa visível em ambas as projecções.

Não passe o desenho a tinta e deixe todas as linhas auxiliares.

b) Justifique num breve relatório os traçados realizados.

• Ler outro ponto na pág. seguinte

NECROLOGIA

FUNERAIS

Escultor João José Gomes

Da casa mortuária do Hospital do Ultramar para o cemitério de Benfica realizou-se hoje, o funeral do escultor João José Gomes, de 73 anos, que ontem faleceu.

O extinto era casado com a sr.ª D. Natália Mena Gomes, pai das sr.as D. Maria José e D. Maria Isabel Mena Gomes, e dos srs. Luís, Ernesto, João, Rogélio, Joaquim Jorge e José António Mena Gomes.

O escultor João José Gomes era diplomado com o curso superior de Escultura, da Escola de Belas-Artes do Porto. Na sua vasta obra, destaca-se o 2.º prémio do monumento a Camilo Castelo Branco e deixa um legado numeroso que está disperso.

Guilherme Alivio de Madureira

Após doloroso sofrimento, faleceu o sr. Guilherme Alivio de Madureira, de 61 anos, chefe de secção da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos do Ministério das Finanças. O extinto, pelo seu trato afável e nobreza de carácter, era pessoa muito estimada entre quantos com ele conviviam. Por isso, foram muitas as pessoas que se incorporaram no seu funeral, que se realizou esta manhã, da igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto de São João.

Julio Tomás Barreto

PEDRÓGÃO GRANDE, 20 — Constituiu sentida manifestação de pesar o funeral do sr. Julio Tomás Barreto, no qual se incorporaram muitas pessoas de todas as camadas sociais, a filarmónica local e os bombeiros voluntários com os seus estandartes.

O extinto, que tinha 81 anos, era pai dos srs. Américo Fernandes da Silva, casado com a sr.ª D. Maria das Dores Silva Barreto; Benjamim Constante Barreto, casado com a sr.ª D. Custódia Ilda da Silva Fernandes Barreto; Julio Fernandes Barreto, casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Guerreiro Sousa Barreto e da sr.ª D. Edviges Fernandes Barreto, casada com o sr. Albano Pereira Roldão.

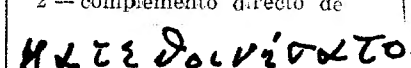
D. Angela Zaida Garibaldi Rego Martins

MONCORVO, 20 — Teve grande acompanhamento o funeral da sr.ª D. Angela Zaida Garibaldi Rego Martins, de 53 anos, proprietária, viuva do médico sr. dr. Manuel Joaquim Rego Martins.

A extinta era mãe das sr.ª D. Atília Rego Martins, estudante e irmã dos srs. Francisco António Garibaldi, D. Adelaide do Céu Garibaldi, Abílio Augusto Garibaldi, D. Adriana do Céu Garibaldi, Afonso Garibaldi, Edmundo da Assunção Garibaldi

Prova escrita de Desenho

1 — complemento circunstancial de tempo;
2 — complemento directo de



3 — genitivo partitivo;
4 — nome predicativo do complemento directo;
5 — atributo do sujeito;
6 — predicado.

4 —

TRADUÇÃO

OS BOIS E O LEÃO

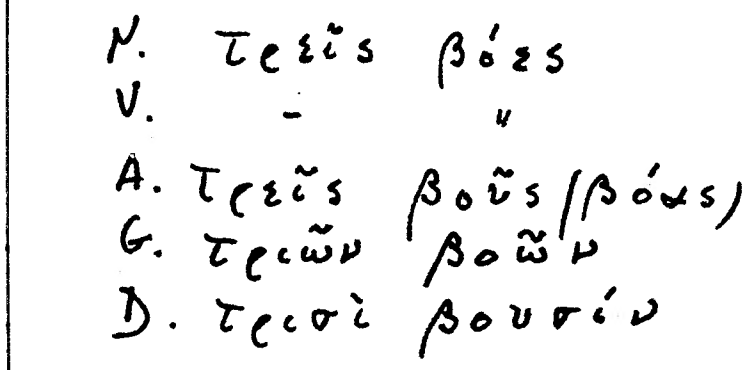
Três bois pastavam sempre juntos. Ora o leão que pretendia comê-los não o podia fazer por causa da união deles; então, recorrendo a falsas razões, conseguiu separá-los uns dos outros e, encontrando assim cada um deles isolado, devorou-os.

A fábula mostra que, se pretendes sobretudo viver sem perigo, não deves confiar nos inimigos, mas acreditar nos amigos.

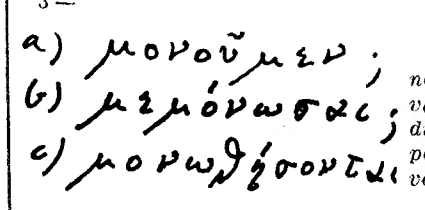
II

1 —
a) antropofagia;
b) lógica;
c) heurística.

2 —

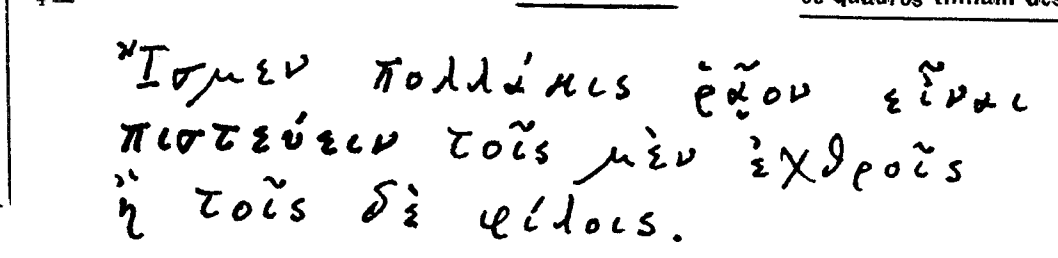


3 —



COMENTÁRIO: Qualquer examinando mèdiamente preparado resolve o ponto, embora uma ou outra dificuldade, sobretudo na tradução, permita distinguir hierarquia de valores.

4 —



ROUBADOS QUADROS DE GAUGUIN E DEGAS

LYON, 20 (R.). — Sete quadros de grande valor foram roubados ontem à noite do porta-bagagens de um automóvel, apenas no intervalo de 15 minutos, quando o dono do carro estacionou à porta de um hotel.

Os quadros, que estão segurados por 350 mil francos são de Delacroix, Fragonard, Gauguin e Degas.

O seu proprietário, o industrial Albert Martinez, tinha parado o carro junto de um hotel e quando voltou, 15 minutos mais tarde, encontrou o porta-bagagens aberto e verificou que os quadros tinham desaparecido.

Passe as suas férias em ALBUFEIRA
Instale-se no hotel Baltum
SITUADO NO CENTRO DA VILA
Todos os quartos com casa de banho privativa, aquecimento e telefone
RESTAURANTE • BAR • SOLÁRIO
PREÇOS MODERADOS
DIRECÇÃO PORTUGUESA
Telef. 306 e 307 • Teleg. BALTUMHOTEL • ALBUFEIRA

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SALA DE ESTUDO ELPIS
LATIM — GREGO — 1.º e 2.º Ciclo LETRAS
Rua Artilharia Um, 1 — Tel.: 65 11 73

EXAMES LICEAIS

Prova escrita de Português

I

Leia atentamente os dois textos a seguir transcritos:

1

Pouco a pouco a letífera Doença
Dirige para mim trémulos passos,
Eis seus calidos, macilentos braços,
Eis a sua terrífica presença
Virá pronunciar fina sentença,
Em meu rosto cravando os olhos baços.
Virá romper-me a vida os tênues laços
A fouce, contra a qual não há defensa.
Oh! Vem, deidade horrenda, irmã da Morte,
Vem, que esta alma, avezada a mil conflitos,
Não se assombra do teu bem que mais forte:
Mas, ah! Mandando ao Céu meus ais contritos,
Espero, que primeiro que o teu corte,
Me acabe viva dor dos meus delitos

Bocage

2

As suas filhas do caseiro ao vê-la da escola,
Dantes vinham-me ver, eu dava-lhes esmola.
Cantavam, riam e saltavam, um demónio!
E tão lindas, Jesus! tão amigas do António...
E, agora, mal me vêem, tremem todas, coitadas!
Eu chamo-as da janela e fogem, assustadas!
E, ao vê-las na fugida, eu quase que desmaio...
Jesus, tão lindas! são duas Tardes de Maio!

Um doente faz medo. Por isso fogem dele.
Estou aqui, estou ido. Só tenho pele.
Nada me salva, nada! É impossível salvar-me.
E o que tenho a fazer é, apenas, resignar-me
E já me resignei.. Mas Carlota, esse amor,
Quis por força chamar o bom Sr. Doutor.
E eu consenti, enfim.

António Nobre

Estabeleça agora a comparação entre os textos, no que respeita a:

a) Assunto;
b) Atitude do poeta;
c) Forma estrófica e rítmica escolhida;
d) Linguagem e recursos estilísticos utilizados;
e) Correntes ou tendências literárias representadas.

II

a) Indique resumidamente o papel de D. Duarte na evolução da prosa portuguesa.

b) Depois do séc. XVI, a obra de Gil Vicente só voltou a ser editada em 1834. Como explica este desinteresse, relativamente à obra do nosso primeiro dramaturgo, durante os séculos XVII e XVIII?

III

Indique a *época* e o *período* a que pertence cada um dos fragmentos a seguir transcritos e explique sucintamente as razões da sua afirmação:

Texto A

A boca para cravo é pequenina,
Pequenina se é, será rubi,
Rubi não tem a cor tão peregrina
Tão peregrina cor eu nunca vi,
Vi a boca, e julguei-a por divina,
Divina não será, eu não o cri,
Mas creio que não quer a vossa boca
Por rubi nem por cravo fazer troca.

Texto B

Jhesus. Aqui se compeça a obra que fala do fundamento do moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, e quaaes foram aquelas pesoas que esto ordenaram, e falamais da uida de Dom Telo e d'outros homens seus companheyros. E esta obra esta em latim no liuro dos erdamentos de Santa Cruz, e foi tornado em lingoagem, porque o entedesem muitos, a requerimento de Pedro Annes, prior de Podentes, irmãao de Afonso Anes, conigo de Santa Cruz. E esto foy em tempo de Dom Gomez, prior de Santa Cruz, homem de santa vida, que primeiro foy abade de Florença. E esta treladaçom fez de latim em lingoagem Mestre Aluaro da Mota, da Ordem dos Pregadores, o maior leterado da Ordem, estando em Santa Cruz com o prior Dom Gomez, no anno LV, no mes de Nouembro

IV

Na «Carta ao Cardeal D. Henrique», escreveu António Ferreira:

«Boas letras, Senhor, não são baixezas.
Para o público bem também estudam.
E cantam os bons poetas, deleitando
Ensinam, e os maus afeitos em bons mudam.»

Entretanto, cerca de dois séculos mais tarde, Luís António Verney afirmava no «Verdadeiro Método de Estudar»:

«A poesia não é coisa necessária na república: é faculdade arbitrária e de divertimento».

Explique bem estes dois conceitos de poesia; procure compreendê-los dentro das épocas respectivas; e diga, por fim, qual lhe parece mais válido nos nossos dias.

1.ª Reunião Internacional de Otologia

Os participantes na 1.ª Reunião Internacional de Otologia, que está a decorrer no Hospital da Misericórdia, continuam hoje as sessões científicas em que são versados temas da maior actualidade no campo da cirurgia otológica.

Começaram também hoje os actos sociais que estavam previstos no programa. Assim, os otorrinolaringologistas portugueses e estrangeiros que participam na reunião assistiram a uma recepção que lhes foi oferecida pelo presidente da Câmara de Lisboa, sr. general França Borges.

Está ainda prevista uma recepção no Castelo de S. Filipe, oferecida pelo governador civil de Setúbal e uma visita ao Centro de Recuperação de Alcoitão.

A Reunião termina depois de amanhã.

PEDRAS NO SPORTING E FIGUEIREDO NO V. SETÚBAL

● Tudo ficou resolvido, esta tarde, e Figueiredo segue para Badajoz com a equipa setubalense

Dirigentes do Sporting Clube de Portugal e do Vitória F. C., de Setubal, voltaram a encontrar-se, esta tarde, a fim de ultimarem as negociações sobre a transferência do jogador Pedras. E tudo ficou resolvido. O excelente futebolista passa a representar o Sporting,

PEDRAS

que paga cerca de dois mil contos (entre o que cabe ao jogador e ao clube cedente), além de que o avançado Figueiredo transita para o clube de Setubal. Figueiredo fará já a viagem a Badajoz, com a equipa de Fernando Vaz, que ali vai participar no «Troféu Ibérico».

Um aspecto da mesa de presidência do jantar, no momento em que falava o sr. Eduardo Furtado

A festa de confraternização do Banco Pinto & Sotto Mayor

No Casino Peninsular da Figueira da Foz realizou-se o almoço anual de confraternização dos funcionários do Banco Pinto & Sotto Mayor.

Presidiu o prof. dr. Afonso Rodrigues Queiró, na qualidade de presidente da assembleia geral do Banco, ladeado pelos srs. Eduardo Furtado, presidente do conselho de administração, dr. Bernardo Viana Machado Mendes de Almeida (Conde de Caria), João Raposo de Magalhães, dr. Filipe Nobre Guedes e eng.º Joaquim Martins da Costa Soares, administradores; Álvaro de Jesus Sousa, director adjunto da administração, Agostinho da Cunha Oliveira, inspector-geral, Miguel Bruschy, António Campos Vieira, Alberto Mesquita, dr. João Rodrigues Franco, dr. Vieira Rodrigues, Porfírio Moreira, Manuel Martins, Alcino Cardoso, Borges da Gama, directores; e, ainda, Manuel Simões Vaz, gerente da agência de Coimbra, drs. Lima das Neves e Felisberto Pica, dos serviços clínicos, dr. João Morais Leitão, advogado, e dr. Guilherme T. Ribeiro, delegado do I. N. T.

Aos brindes falou em primeiro lugar o sr. Herculano Guedes de Araújo, em nome da comissão organizadora, para agradecer a presença dos membros da assembleia geral e do conselho de administração e afirmar o espírito altamente compreensivo e generoso da administração, que uma vez mais facilitou, tanto moral como materialmente, a tão difícil missão de organização desta festa que reveste sempre o carácter de evidente e verdadeira confraternização que se manifesta cada vez mais fortalecido.

Seguidamente usou da palavra o sr. Eduardo Furtado, presidente do conselho de administração que, referindo-se à festa, afirmou ser muito grato para todos verificar que, decorrido mais um ano de intenso e laborioso trabalho, a família Sotto Mayor não cessou de aumentar, paralelamente à expansão do Banco que continua crescendo em ritmo acelerado destacando a certeza de que com a dedicação, esforço e boa vontade de todos os que sem qualquer distinção servem a nossa instituição, este crescimento se manterá no futuro — trabalhamos mais para servir melhor.

A terminar, disse:

— Ao dirigir aos presentes as minhas saudações não quero deixar de endereçá-las também àqueles que nas províncias de Angola e de Moçambique estão igualmente dando um valioso contributo para o engrandecimento do nosso Banco. Bebo pois pela saúde pessoal de todos os que trabalham nesta casa, incluindo neles o grande orientador e impulsionador sr. António Champalimaud, a quem o progresso da nossa instituição tanto deve.

O sr. Raposo de Magalhães usou depois da palavra para se referir à expansão do Banco que, no decorrer do último ano, estendeu a sua actividade à província de Angola, pondo em destaque que ao fim de dois anos de trabalho em Moçambique e Angola havia 20 dependências ao serviço do Ultramar e que se iam abrir novas agências, por forma que, até ao fim do ano, o Banco teria mais de 30 dependências naquelas duas províncias.

A terminar os brindes usou da palavra o prof. dr. Afonso Rodrigues Queiró, que agradeceu aos organizadores e amabilidade do convite para participar naquela festa dos funcionários do Banco Pinto & Sotto Mayor, a quem está ligado, e sobre a qual disse:

— Trata-se de uma grande empresa que funciona como uma grande família, que são todos os seus colaboradores e funcionários. Não é um Banco metropolitano mas um Banco nacional, que não precisou de mudar de nome para actuar no Ultramar.

Em complemento desta festa foi organizado um «rallye» de Coimbra à Figueira da Foz, em que tomaram parte 28 concorrentes. O vencedor absoluto foi o sr. dr. Filipe Nobre Guedes, tendo-se classificado em segundo os srs. dr. Mário Parente e Tomás das Neves Ferreira, em segundo e terceiro, respectivamente

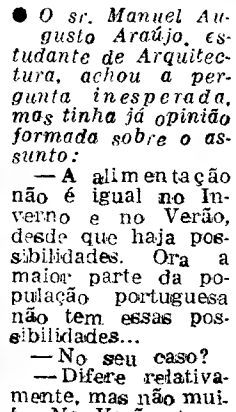
Ora diga-nos...

— A sua alimentação varia com as estações?

Não é só o vestuário que varia segundo as estações do ano. Também o tipo de alimentação sobre as influências do calor e do frio. Claro que, como no caso da indumentária, não há refeições de meia-estação. Mas pensando nos dois extremos — Verão e Inverno — concluiremos que muitas pessoas se alimentam de modo diferente. No Verão, come-se menos, consomem-se mais bebidas frescas. E há a fruta, que está muito cara.

● No Verão, é diferente. Como mais...
— *começou por nos dizer o sr. Deolindo António Baptista Pereira, escriturário, que rectificou, perante a admiração do repórter:*
— ...Como mais, mas são coisas à base de fruta, refrescos, sumos...
— E não fica muito caro?
— Sim, no Verão gasto mais para comer do que no Inverno, porque os alimentos são mais caros, sobretudo a fruta. E é precisamente fruta e carnes frias o que costumo comer mais frequentemente no Verão...

● *O sr. Manuel Augusto Araújo, estudante de Arquitectura, achou a pergunta inesperada, mas tinha já opinião formada sobre o assunto:*
— A alimentação não é igual no Inverno e no Verão, desde que haja possibilidades. Ora a maior parte da população portuguesa não tem essas possibilidades...
— No seu caso?
— Difere relativamente, mas não muito. No Verão, tomo mais bebidas frescas, como mais fruta e... é tudo. Motivos? Falta de possibilidades.



● *Por último, a sr.ª D. Idalina Gonçalves Cotão Santo Amaro, empregada corporativa, respondeu, sorridente:*
— É diferente. No Verão, apetecem coisas frescas e leves... Quando posso, é isso que faço, refeições frescas e leves.
— E isso depende de quê?
— Do tempo que nem sempre tenho e das possibilidades. Estamos no tempo da fruta que apetece sempre. Mas a fruta está cara...
E lá abalou, talvez a sonhar com uma taça de morangos fresquinhos, mesmo sem «chantilly».

ENTREGA DE DIPLOMAS A ALUNOS DO ATENEU

Amanhã, às 21 e 30, no Ateneu Comercial de Lisboa, decorre uma sessão solene para entrega de diplomas e prémios escolares aos alunos que mais se distinguiram no ano lectivo de 1966/67.

Nota do dia

«AD USUM» DA PRUDÊNCIA

Quem faz o turismo? O «faz» implica duas posições, activa e passiva, quer dizer: quem o fomenta e quem o pratica? De quem o fomenta parece mais difícil adiantar-se opinião, pois o que há é um aproveitamento de condições e circunstâncias de meio, qualquer coisa de estranho que se passa, porventura sinal do tempo, ninguém está bem onde está nem contente com o que tem, todos lançados na corrida à procura não se sabe de quê. Mas de quem pratica o turismo, que se sabe? Quem são principalmente os turistas? Que idade têm? De que profissões são principalmente oriundos? Quais as suas motivações? Quando se vê descarregar uma remessa de turistas, garridas blusas ao vento e máquinas de tudo a tiracolo, parece bastante frequente acertar-se na amostra de que se trata principalmente de pessoas que treparam até onde podiam na colina da vida e que procuram descer a encosta do lado de lá o mais repousadamente que lhes for possível. São, em geral, os que, sentindo ter pago já a sua participação, procuram acertar contas com a vida, cobrando os juros do esforço investido. Os mais novos são menos numerosos, não por lhes faltar o receio de que se acabe o mundo, mas principalmente porque para eles o mundo ainda não começou... Uns e outros, porém, mostram-se possuídos pela mesma febre, correr a foguetes, escrever postais aos conhecidos, ver Nápoles e depois morrer, como na canção, matar a sofreguidão do desconhecido, encher a retina de cores diferentes e de imagens novas. Mas o turismo com as características que são factor comum de tudo quanto é deste nosso estranho tempo, leva a conclusões também apressadas, por vezes erradas, deformadas ou defeituosas; um cronista espanhol, para ser amável com um filme feito em Portugal, descobriu nele uma Lisboa que «não é a dos clichés turísticos, mas qualquer coisa de belo e diferente». O cumprimento é de agradecer, principalmente pelo seu saboroso recheio de amigável advertência...

O futuro prolongamento da Avenida 5 de Outubro

anunciado oficialmente na reunião do Município

À reunião publica mensal da Câmara Municipal de Lisboa, presidiu o general França Borges, ladeado pelos vice-presidentes, srs. Aníbal David e eng.º-agrónomo D. Segismundo da Câmara Saldanha. Assistiram nove vereadores e os directores dos serviços e chefes das repartições.

Os trabalhos do Metropolitano

O eng.º-agrónomo Santos e Castro, congratulou-se por ter sido publicado o decreto-lei autorizando um empréstimo de 320 000 contos, para o prosseguimento das obras da primeira fase do Metropolitano.

Referindo-se á publicação do referido decreto-lei, o eng.º Santos e Castro afirmou: «Tem a Câmara Municipal e V. Ex.ª sr. presidente um motivo de júbilo e de alívio. Está igualmente nessa situação a empresa do metropolitano, cuja administração tão estòicamente tem persistido na activa intenção de não parar com o seu programa mas, acima de tudo, tem razão para se alegrar a população da cidade, especialmente a da importante zona que mais próximamente irá beneficiar da importante linha a construir. Como é desejo da empresa, resta esperar que não demore agora o início dos trabalhos e que mais um valioso troço do metropolitano possa, tão breve quanto possível, abrir as suas portas á deslocação dos lisboetas.

O presidente disse estarem presentes duas maquetas, com o projecto, estudado pelo prof. eng. Edgar Cardoso, do novo traçado da ligação ferroviária entre os apeadeiros do Rego e de Entrecampos, bem como as condições para os concursos para a respectiva empreitada.

Essa obra — que custará 15 700 contos e deve estar pronta um ano e meio depois do início dos trabalhos — é constituída, como a seu tempo o «Diário de Lisboa» noticiou em primeira mão, por um troço, a construir a norte do actual talude de Entrecampos, a um nível mais alto que este, o que permitirá o prolongamento da Avenida 5 de Outubro, pela construção de um viaduto assente sobre onze pilares e com altura suficiente para passarem os autocarros de dois pisos.

Proposta de três novos hotéis

Foram apresentadas outras propostas, referentes à construção de três novos hotéis em Lisboa e a importantes obras, de esgotos e de pavimentação, entre as quais o estabelecimento dum tunel de Entrecampos ao Vale de Chelas, orçado em 26 500 contos.

A próxima reunião pública efectuar-se-á no próximo dia 18.

NOITE DE POESIA EM MOSCAVIDE

Integrada nas comemorações do aniversário do Atlético Clube de Moscavide realizou-se uma Noite de Poesia com o nosso camarada de redacção José Carlos de Vasconcelos que disse poemas com a colaboração do guitarrista Carlos Paredes. José Carlos de Vasconcelos disse poemas de Camões, Fernando Pessoa, Afonso Duarte, José Gomes Ferreira, Sophia de Mello Breyner, António Gedeão, Eugénio de Andrade, Manuel da Fonseca, Joaquim Namorado, António Reis, etc., precedendo-se de algumas palavras sobre cada um dos poetas.

Carlos Paredes e Fernando Alvim (á viola) interpretaram alguns dos mais conhecidos numeros daquele extraordinário guitarrista, e a sessão decorreu com grande interessse e entusiasmo. Entretanto, integrada nas mesmas comemorações, continua patente ao público, na sede da colectividade, a exposição de fotografia do nosso camarada de Imprensa Eduardo Gageiro.

CRIADOR DE GADO CONDECORADO

Está marcada para o próximo dia 21, ás 18 e 30, a cerimónia da entrega da medalha com que foi distinguido, tal como ontem noticiámos, o criador de gado português sr. Joaquim de Carvalho e Silva.

Presos diversos ciganos que se dedicavam ao «negócio» da transacção de cabelo

Foi deferida à Polícia Judiciária de Lisboa a competência para a investigação do crime de burla praticado em quase todo o País, constituído pela transacção de cabelo humano.

Com esta actividade, que era fundamentalmente praticada por ciganos, foram lesadas muitas dezenas de pessoas, em especial comerciantes, calculando-se que o somatório das quantias obtidas com essa actividade criminosa atinja milhares de contos.

Geralmente compareciam num estabelecimento dois ou três ciganos a pedir para serem pesados cabelos e, um deles, bem apresentado e mostrando dinheiro, dizia-se comprador de cabelo humano e logo alí comprava aos outros porções de tranças levadas propositadamente para o estabelecimento. Muitas das vezes pedia até ao comercinnte que fizesse ele as contas de quanto tinha a pagar, ao que este acedia na sua boa fé. Findas as contas e os falsos pagamentos, era o cigano bem vestido, e que normalmente conduzia um bom automóvel, quem aliciava o comerciante a comprar cabelo, fazendo-lhe crer que este «negócio» era altamente lucrativo, com o que este acabava por concordar, pois eram oferecidos preços acima dos normais.

Entretanto, o comprador de cabelo mandava-lhe um outro cigano a vender uma pequena porção de cabelo— a chamada «isca» — que, de seguida, lhe era comprada com lucros fabulosos. A vítima ficava satisfeita e, quando novamente aparecia o cigano com um saco de cabelo, o indivíduo comprava-o mas, desta vez, o comprador nunca mais voltava a aparecer e era o lesado que tinha que o ir procurar; mas ele logo lhe dizia que o cabelo não era bom, pois era curto e habilidosamente entrançado, fingindo-se assim que era comprido. Mesmo assim, esse cabelo ainda acabava por ser comprado por preços irrisórios para depois burlar outros pelo mesmo processo.

A Polícia Judiciária já prendeu um grande numero de ciganos que trabalhavam nesta actividade, mas sabe também que um grande numero de lesados não se queixou, alguns por vergonha, outros por razões diversas. Assim, solicita a todas as pessoas, que tenham sido lesadas por este processo, o comuniquem para a 8.ª secção, agente Manteigas, mesmo que já se tenham queixado em qualquer outro local, dizendo a quantidade de cabelo comprado, a quantia paga e quem foram os indivíduos que consigo contactaram.

As fases do negócio

Uma das manobras enganosas dos ciganos era dizerem ao lesado que comprasse o cabelo com mais de vinte e cinco centímetros, ensinando-o a medir uma trança; mas, quando este apresentava a queixa, logo o cigano vinha alegar que o encarregara de comprar cabelo mas com comprimento superior ao que ele comprara, conseguindo assim defender-se, pois não era identificado o cigano que ia vender o cabelo e o comprador afirmava que ninguém ali tinha mandado.

Desenvolveu-se esta acção em todo o País, durante mais de dois anos, só agora sendo possível apurar o conluio entre todos os ciganos, sabendo-se até como eram feitas as divisões do produto do crime.

Foram já presos e identificados os principais componentes do «grupo», mas alguns continuam ainda a monte, estando a ser envidados esforços para a sua captura. Ao que consta, esta actividade cessou por completo desde a intervenção da Polícia Judiciária.

Comunicações, mesa-redonda e projecção de filmes

— programa de hoje da reunião do CIFE

Na sede do Instituto de Meios Audio-Visuais de Ensino (IMAVE) prosseguiu hoje a XVIII Assembleia Geral do Conselho Internacional para a Promoção dos Meios Audio-Visuais na Educação (CIFE).

O sr. Franz Hubalek, representante da Áustria, apresentou uma comunicação intitulada «Estudo comparado das condições de produção e distribuição dos filmes de 8 m/m nos países membros do Conselho. Seguiu-se uma mesa redonda, para membros efectivos, sobre o acordo de livre troca, com base numa exposição do sr. Arne Ericsson, da Suécia, ao mesmo tempo que os membros associados assistiam á projecção de filmes de 8 m/m seleccionados na Semana do Filme de Bruxelas. De manhã, as senhoras que acompanham os delegados estrangeiros efectuaram uma excursão no Tejo.

Às 21 e 30 horas, também na sede do IMAVE, o dr. Walter Cappel, da República Federal Alemã, profere uma conferência, dedicada a professores portugueses do ensino técnico e a membros associados, intitulada «Condições psicológicas para a integração dos meios audio-visuais no ensino secundário».

Assembleias gerais

Assembleia geral do Sport Clube Sacavenense

A continuação da Assembleia Geral do Sport Clube Sacavenense terá lugar depois de amanhã ás 21 e 30, para eleição dos corpos gerentes.

CURSOS DE FÉRIAS EM INGLATERRA

✻

EXCURSÕES EM AUTOCARRO

✻

CRUZEIROS

✻

VIAGENS ECONÓMICAS

✻

CIRCUITOS EM ITÁLIA

Peça programas a:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 — TEL. 322271 | 32235 | 361207
AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, A. BARROS LEITE LDA.

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2º TELEF. 369384

MÉDICO

Precisa-se médico falando bem inglês para exercer serviço na Cabinda Gulf Oil Company com pulso livre para clínica em Cabinda. Excelente oportunidade para pessoa qualificada.

Responder para Cabinda Gulf Oil Company, Rua Duque de Palmela 2, 4.º, Lisboa, com «curriculum vitae».

Comunicado das Forças Armadas em Angola

LUANDA — (L.) — Foi distribuído o Comunicado das Forças Armadas de Angola, relativo ao período de 8 a 14 do corrente, que é do seguinte teor:

«No Norte da província, verificou-se actividade mais intensa dos terroristas, que continua a ser orientada especialmente contra civis e explorações agrícolas. Entre as ocorrências que se registaram durante o período, sublinham-se, pelos efeitos produzidos, as seguintes: quatro ataques contra civis — o primeiro, realizado contra os trabalhadores rurais de uma fazenda, a sul de Nambuangongo, que ocasionou nove mortos e cinco feridos; o segundo, também dirigido contra trabalhadores rurais de uma fazenda a oeste de Cambamba, que provocou um morto; o terceiro incidiu contra uma viatura civil, no itinerário Zalala-Quitexe e causou dois mortos; e o ultimo contra uma sanzala a sudoeste de Quibaxe, que originou um morto e dois feridos —, emboscada montada contra as forças militares, na região de Mucondo.

Relativamente á acção das nossas tropas, há a referir: golpe-de-mão lançado contra um acampamento, a norte de Belavista, de que resultou a captura de um terrorista, a recuperação de cerca de quarenta elementos da população e a apreensão de uma espingarda e de munições; perseguição conduzida por elementos da guarda rural, contra um grupo de terroristas, a nordeste de Terreiro, que produziu um morto.

No Leste, a actividade do adversário foi inferior á registada no período antecedente e teve especial expressão no «saliente» de Cazombo. Entre os incidentes resultantes da iniciativa dos terroristas, salientam-se: ataque realizado a uma viatura civil na região de Luma-Cassai, que provocou a morte do condutor e a destruição da viatura; quatro emboscadas montadas contra as nossas tropas na área de Cazombo, a oeste de Cavungo (Nana Candundo), a leste de Lovoa e na região de Mavinga.

As forças da ordem obtiveram resultados mais apreciáveis nas seguintes acções: batida realizada a sudoeste de Chiume, que ocasionou dois mortos e dois feridos e a captura de uma espingarda semiautomática de origem chinesa e munições; reacção a emboscada levada a efeito a leste de Lóvua, já referida, que levou á captura de material de guerra e munições.

As nossas tropas sofreram em combate dois mortos, cujos elementos de identificação já foram comunicados aos órgãos de informação, e quinze feridos. Registaram-se, ainda, durante o período, catorze mortos e oito feridos entre a população civil.»

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate: na província de Moçambique, o soldado n. 064756/67, José João Rodrigues Reis, natural do concelho de Mondim de Basto e filho do sr. José Reis e da sr.ª D. Albertina Jesus Borges Rodrigues Reis; e na província da Guiné, o soldado 049027/67, José do Carmo e Silva, natural do concelho de Lamego e filho do sr João da Silva e da sr.ª D. Maria do Carmo Silva.

Profissionais de mercearia defendem os seus direitos de inquilinos

De entre as casas económicas ou de renda limitada construídas em Alvalade, existem algumas do Grémio dos Armazenistas de Mercearia que mais tarde passaram para a Fundação dos Armazenistas de Mercearia.

Paradoxalmente, como excepção do que vigora para as outras construções do género, existem nos contratos duas alíneas impeditivas do bom sossego dos inquilinos, pois perderão logo o direito á habitação assim que deixem de ter uma actividade profissional coordenada pelo respectivo Grémio dos Armazenistas de Mercearia. E o despejo será efectuado de seguida por simples mandado da autoridade administrativa.

Ora, nesta época de incertezas, de mutações de vida, até por reforma, ou por morte do inquilino beneficiário, impunham as referidas duas cláusulas o pesadelo de perda de habitação, de despejo imediato.

Por este motivo, os referidos inquilinos consideram nulas, a partir de logo, as duas cláusulas ameaçadoras. Ao princípio da tarde foi entregue ao conselho de administração da Fundação dos Armazenistas de Mercearia uma exposição pormenorizada dos direitos que assistem aos inquilinos, exposição em que estes solicitam que os andares habitados sejam transformados em propriedade horizontal, conforme deliberação já tomada por outras entidades.

O AUMENTO DE CAPITAL DA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA

Segundo documento publicado na folha oficial, é autorizada a Empresa Termoeléctrica Portuguesa, S. A. R. L., com sede no Porto, a emitir 120 000 acções do valor nominal de mil escudos cada uma, com reserva de preferência para os actuais accionistas, representativas do aumento do seu capital social de 600 mil contos para 720 mil. A autorização tem validade durante 90 dias.

HOMENAGEM AO POETA JOSÉ GOMES FERREIRA EM VILA FRANCA

Amanhã, ás 21 e 30, a secção cultural da União Desportiva Vilafranquense promove uma sessão de homenagem ao poeta José Gomes Ferreira, por motivo da passagem do 50.º aniversário da sua vida literária.

O nosso camarada de redacção Fernando Assis Pacheco fará uma palestra sobre a vida e a obra do escritor, e a actriz Carmen Dolores lerá poemas.

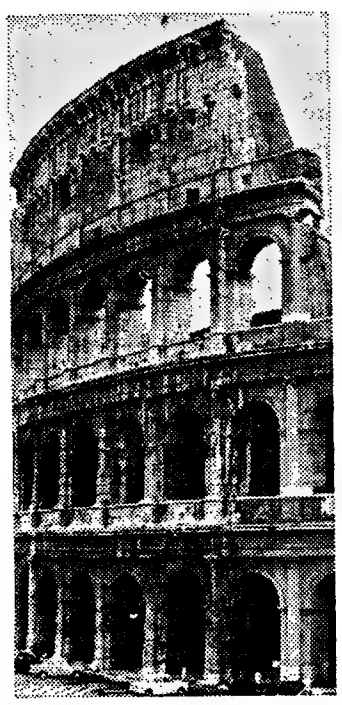
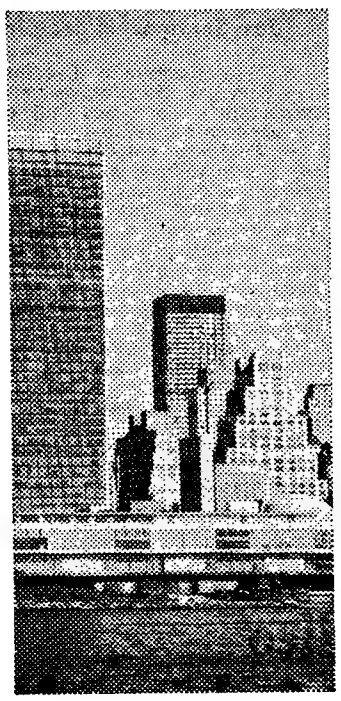
A sessão decorre no salão de festas da Associação dos Bombeiros Voluntários de Vila Franca de Xira.

CRUZEIRO DA M. P. A BORDO DA «SAGRES»

Com a colaboração do Ministério da Marinha, a Mocidade Portuguesa vai promover, de 1 a 20 de Agosto o seu XVI Cruzeiro Marítimo. Aberta aos jovens com mais de 14 anos de idade, esta viagem, que se fará a bordo da «Sagres», escalando os portos do Funchal e de Ponta Delgada, proporcionar-lhes-á salutar contacto com a vida do mar.

As condições de inscrição encontram-se patentes no Comissariado Nacional da M. P. e nas delegações distritais, devendo os jovens saber nadar e apresentar, no acto da inscrição, uma verba para pagamento da sua alimentação.

SNACK impecável
A CARRUAGEM
Pratos do dia de 16 a 18 esc.
BAR INÉDITO — MATERIAL DA C.P.
(Ar condicionado)
Rua Filipe Folque, 49-A - Lisboa

Descubra o mundo com a KLM

Escolha uma das seguintes viagens para as suas férias

CIVILIZAÇÕES DA AMÉRICA E SEUS CONTRASTES	**Descubra** o colorido e os contrastes das civilizações do novo mundo.
CLÁSSICA EUROPA	**Descubra** a Europa e os seus encantos.
EXCEPCIONAIS VIAGENS ATRAVÉS DA EUROPA	**Descubra** as grandes cidades da Europa e todo o encanto do velho continente.
FÉRIAS NA HOLANDA	**Descubra** a beleza serena da Holanda, com os seus canais, os seus moinhos e as suas flores.
MÉXICO/68	**Descubra** o velho México dos aztecas e ainda o novo México dos Jogos Olímpicos de 68.
ORIENTE FASCINANTE	**Descubra** o exotismo e fascínio do Oriente.
SELECÇÃO EUROPEIA	**Descubra** o ambiente requintado das velhas capitais europeias.
3 AMÉRICAS	**Descubra** o novo mundo com toda a sua gama de irresistíveis solicitações.
VIAGENS/68	**Descubra** o mundo inteiro: a velha Europa, a África exótica, o Novo Mundo e o misterioso Oriente.

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A KLM

À KLM - COMPANHIA REAL HOLANDESA DE AVIAÇÃO
Praça Marquês de Pombal, 4-A - Lisboa
Estou interessado em receber, sem compromisso, informações detalhadas a respeito das seguintes viagens, acima indicadas:

NOME: _____
MORADA: _____
LOCALIDADE: _____

KLM

A KLM É O AGENTE GERAL DA VIASA

O Chefe do Estado inaugurou a primeira fase das obras de renovação do porto de pesca da Póvoa de Varzim

PÓVOA DE VARZIM, 20. — No prosseguimento da sua visita ao Norte do País, o sr. almirante Américo Thomaz deixou hoje o Porto, pelas 9 horas, em direcção a esta vila, onde veio inaugurar a primeira fase do novo programa de melhoramentos do seu porto de pesca.

Entretanto, o Chefe do Estado fez um pequeno desvio no seu percurso para visitar em Catassol, Maia, a Casa de Repouso de «O Lar do Comércio», onde apreciou uma exposição de manuscritos, fotografias e recordações que o escritor Arnaldo Leite doou áquela instituição.

O Chefe do Estado era precedido por batedores da P. V. T. e acompanhado do governador civil do Porto. Em Catassol aguardavam-no os srs. Mário Carvalho, Jasmim Monteiro dos Reis, Afonso Pinto de Magalhães e Manuel Pinto Bizarro, respectivamente, presidente da assembleia geral, conselho fiscal, direcção e vice-presidente da mesma, e ainda outros elementos da direcção. Internados naquela casa de repouso encontravam-se no largo exterior e aplaudiram o Chefe do Estado, que os foi cumprimentar.

No «hall» do edifício o sr. almirante Américo Thomaz descerrou depois uma lápida com os seguintes dizeres: «Honrou esta Casa de Repouso, visitando-a a 20 de Junho de 1968, o Chefe do Estado, Almirante Américo Thomaz, de Deus e de Portugal». O supremo magistrado da Nação visitou, em seguida, a exposição do legado de Arnaldo Leite e percorreu interessado o edifício da instituição.

Antes de retirar-se e na ala exterior do edifício, descerrou uma nova lápida que dizia: «Sua Excelência o Chefe do Estado, Almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz, simbólicamente inaugurou, a 20 de Junho de 1968, o lançamento da segunda fase da construção da Casa de Repouso do Lar do Comércio».

Nesta visita o Chefe do Estado era acompanhado, também, pelos ministros da Marinha e das Obras Públicas.

Prosseguindo viagem, o sr. almirante Américo Thomaz fez uma breve paragem á saída da ponte de Vila do Conde, onde recebeu os cumprimentos das autoridades concelhias, entre as quais se contavam o presidente da Câmara, dr. José da Silva Ramos, e toda a vereação, bem como outras individualidades de destaque, mudando depois para um carro aberto, no qual fez o restante percurso até á Póvoa de Varzim.

No limite deste concelho organizou-se um cortejo que seguiu pelas ruas Almirante Reis, de «O Século» e 31 de Janeiro, Largo Elísio da Nova, Rua João Dias e Praça da República. O Chefe do Estado apeou-se do carro e fez o percurso a pé, todo ele atapetado com flores e verdes. O comércio encerrou as portas e as ruas estavam pejadas de gente.

Entretanto o Presidente da República chegou ás proximidades do Molhe Norte do porto da Póvoa de Varzim, onde se encontravam inúmeras individualidades, entre as quais o presidente e vice-presidente da edilidade, comandante do porto, arcebispo primaz de Braga e delegado do procurador da República. No ardim do Passeio Alegre uma guarda de honra constituída por um batalhão a duas companhias do Regimento de Infantaria 6, sob o comando do capitão Barbosa Martins, prestou ao Chefe do Estado as honras do estilo.

Descerrou ali, então, uma lápida comemorativa, enquanto as sereias de todas as embarcações, embandeiradas em arco, soavam estridentemente, ao mesmo tempo que era lançado fogo de artifício.

Seguiu-se uma sessão solene, durante a qual foram pronunciados vários discursos.

Palavras do director-geral dos Serviços Hidráulicos

No seu discurso o director-geral dos Serviços Hidráulicos referiu a importância da pesca, no quadro da economia nacional.

— *Partindo, embora, de estruturas muito débeis, as pescas conseguiram atingir um desenvolvimento já notável, que tem permitido atenuar no País a carência de origem animal, sendo de salientar a importancia que no processo de expansão de actividade têm tido os programas de reapetrechamento iniciados em 1935.*

O orador salientou que se contam por 46 000, na época em que estão em actividade todos os meios de produção, os pescadores matriculados.

— *A contribuição da pesca para o produto nacional bruto* — prosseguiu — *tem oscilado, nos ultimos anos, entre as percentagens de 1,3 e 1,1, mostrando a relativa estabilidade desta percentagem que o produto das pescas tem podido acompanhar a evolução global da economia.*

Historiou, seguidamente, as diversas beneficiações no porto da Póvoa de Varzim, que aproveitou, «em cerca de 32 000 contos dos programas de financiamento da 1.ª e 2.ª fases dos planos portuários do período de 1930 a 1952, através dos quais se realizaram as obras nele existentes á data do início das que hoje se inauguram».

O início das obras hoje inauguradas, explicou, veio a verificar-se no quadro do II Plano de Fomento, após a realização de observações e estudos, abrangendo *a todos os agentes marítimos e meteorológicos em acção no troço da costa onde o porto se situa, foram conduzidos com o pormenor requerido e com o subsídio das mais recentes técnicas da engenharia hidráulica marítima. No campo, durante 4 anos consecutivos, foram observados, por uma das brigadas hidráulicas da Direcção dos Serviços Marítimos, os ventos, as marés, as vagas, as correntes, a evolução das praias e dos fundos submarinos, etc., tendo-se completado os elementos colhidos em anteriores períodos de observação. As obras agora concluídas consistiram essencialmente: no prolongamento do molhe norte em 316 m, passando esse molhe a ter um desenvolvimento de 800 m; no alargamento do troço desse molhe já anteriormente construído, por forma a possibilitar-se a circulação de um guindaste de grande alcance; no reacondicionamento do molhe sul, através de recargas de enrocamento, no talude exterior».*

O seu custo foi, segundo apontou, de 38 000 contos, importando em 5542 contos a montagem de um guidaste eléctrico de 25 toneladas a 30 metros. Na execução dos trabalhos perderam a vida os trabalhadores António Fernandes e João Carvalhido, a cuja memória o orador prestou homenagem.

E, a concluir, afirmou:

— *No que falta, em seguimento, fazer-se para dotar o porto com as obras interiores e facilidades indispensáveis á sua boa exploração, obras essas que, além dos órgãos operacionais, deverão compreender dragagens e quebramentos de rocha para ampliação da área abrigada util, porá a Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos o seu melhor desejo de sempre em cumprir pela melhor forma as directivas*

(Continua na 19.ª página)

O Presidente da República durante a visita ao «Lar do Comércio» (Telefoto)

Definidas as condições do atestado médico para obter a «carta de caçador»

Saiu, hoje, no «Diário do Governo», uma portaria do Ministério da Economia, que estabelece as condições mínimas a que deve satisfazer o exame médico e o atestado referido no Regulamento da Caça, promulgado pelo decreto n.º 47 847, de 14 de Agosto de 1967.

Segundo esta portaria, considera-se como suficiente (enquanto não estiverem técnica e legalmente definidas as matérias constantes daquele decreto, sobre o assunto) «o atestado médico comprovativo de que o pretendente á carta de caçador não possui qualquer aleijão ou tara física ou fisiológica, nem sofre de doença nervosa ou mental, nem de deficiência de grau de visão que lhe impeçam o exercício, sem perigo, do acto venatório com espingarda.

Em caso de dúvida, o médico que proceda ao exame poderá exigir declaração escrita de qualquer facultativo da especialidade respectiva que o habilite a passar o referido atestado».

Foi, também, publicado no «Diário do Governo» um despacho do secretário de Estado da Agricultura, que fixa o dia de hoje como data a partir da qual poderão ser requeridas cartas de caçador e títulos de revalidação de licenças estrangeiras e de autorização especial de caça.

JOALHARIA MERGULHÃO
Fornecedora do Corpo Diplomático — Fundada em 1895
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — LISBOA

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ...

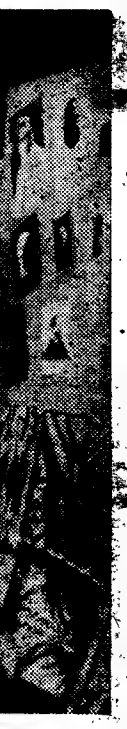
A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1870
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE, 43
(Edifício do Hotel Mundial)

Dynavit
LEVEDURA DE CERVEJA PURA, ESTABILIZADA.
DYNAVIT ajuda as crianças e os adultos, cria energias novas dá novo vigor físico e mental, mais alegria de viver...
Peça ainda hoje uma embalagem na sua Farmácia ou Supermercado

diese PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA.
Av. da República, 46 r/c — LISBOA 1

LIBRAS OURO
Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR
1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª
JÁ ANUNCIADAS
6.ª) — SR. MANUEL J. CARLOS — S. MAMEDE
7.ª) — D.ª MARIA BONANÇA CARVALHO — FOZ
A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

SERVIÇO NACIONAL
GRATUIT
• AJUDA AS PESSOAS
• AUXILIA AS EMPRESA MÃO-DE-OBRA ADEQUA
• ORIENTA OS JOVENS E DE UMA PROFISSÃO
• INSCREVE E ACONSELH MAÇÃO PROFISSIONAL, OFÍCIO OU QUEREM AP



(Telefoto)

enrocamen-

undo apon. importando agem de um 5 toneladas ção dos tra. a os traba. ndes e João nória o ora. m.

ou:

seguimento, orto com as itidades in- exploração, dos órgãos ompreender ntos de ro. área abri. recção-Geral s o seu me. em cumprir s directivas

página)

É urgente a investigação científica na indústria farmacêutica nacional

—conforme foi salientado hoje no Congresso agora a decorrer

Encontro de industriais, técnicos, professores e dirigentes de serviços publicos e privados para debate e estudo dos problemas mais instantes da importante actividade a que diz respeito, o I Congresso Nacional da Industria Farmacêutica, que ontem foi solenemente inaugurado, teve esta manhã a primeira sessão plenária, no edifício da F. I. L. Os trabalhos começaram ás 9 horas, sob a presidência do prof. eng.º Francisco Leite Pinto e com a presença de dezenas de congressistas..

Esta sessão foi destinada ao debate do tema «Investigação e Desenvolvimento» e nela intervieram, apresentando teses e comunicações, os profs. Alberto Correia da Cunha, José de Almeida Garrett e Mário Baptista Brás; e o dr. Gentil do Rodrigues da Matta. Estas comunicações foram seguidas de interessado debate, nele intervindo diferentes congressistas, em animada troca de pontos de vista com os autores daquelas.

Durante a sessão foi assinalada a fase de decisivo crescimento e evolução deste sector relevante da economia nacional. Com efeito, nos últimos anos, a industria farmacêutica desenvolveu-se profundamente e atingiu um grau tal de aperfeiçoamento que Portugal saíu da posição de importador para se situar na posição de fabricante activo e, até, de exportador caracterizado. Na verdade, o valor dos produtos nacionais a sua elevada qualidade, grangearam-lhe lugar de merecido relevo. Qualidade e valor de fabricação, requisitos técnicos e sanitários e de apresentação que não temem confrontação. Assim, e conforme foi sublinhado na reunião só a ignorância ou snobismo inaceitável podem estar na raiz da preferência dada a especialidades estrangeiras em detrimento das especialidades nacionais que não temem confronto com as dos países mais avançados neste campo».

Contudo e lamentávelmente, a industria farmacêutica nacional, as especialidades apresentadas não têm, na maior parte, qualquer originalidade, pois, conforme igualmente foi sublinhado nesta sessão, elas são absolutamente idênticas ás d'além-fronteiras ou mesmo apresentação, sob licença, de especialidades estrangeiras

Deseja-se assim que, também aqui, a mentalidade reinante seja superada e a investigação científica que conduz á criação e apresentação de especialidades originais. Dessa forma deixará a nossa industria farmacêutica de ser mera fabricante para atingir a posição de industria criadora.

Para tanto impõe-se um esforço da industria e o aparecimento, também, de legislação adequada.

A industria farmacêutica nacional deve, pois, dedicar-se á investigação científica, criando serviços especialmente destinados a esse fim e dotando-os do pessoal e material necessários.

A propósito foi citado, entre outros, o exemplo dos Estados Unidos onde a comparticipação da industria farmacêutica na investigação científica representa a dotação de 4 mil contos anuais por cada um dos 16 408 investigadores indicados em estatísticas referentes a 1967.

De acordo com outros exemplos apresentados, concluí-se que variam entre 8 a 15 % as percentagens do rendimento total bruto da industria farmacêutica, destinadas á investigação científica nos países mais desenvolvidos neste campo.

Com a aplicação de tal orientação, no âmbito nacional, mercê de um espírito realista, bem actual e consciente, se a industria farmacêutica portuguesa destinar 10 % do seu rendimento total bruto anual de cerca de 8 milhões de contos, não se andará longe da importância de 100 mil contos considerada necessária para os propósitos de uma industria criadora. E esse objectivo urgente atingir-se-á também com a colaboração activa entre os sectores publico e privado, de importância relevante sempre e mais necessária, imprescindível, no que respeita, em ultima análise, á saude da população.

Impõe-se, pois, a mais íntima colaboração entre a Industria e a Universidade, fomentando a investigação, a criação, graças ainda a medidas legislativas adequadas que se deseja sugerir e solicitar, com a brevidade requerida ás instâncias superiores.

Essa colaboração, até ao momento e conforme afirmou o prof. Almeida Garrett, não se tem concretizado como seria para desejar, enquanto que, por outro lado, vai sendo habiual a nossa invesigação universitária ser encarregada de trabalhos por organizações industriais de além-fronteiras.

As 14 e 40, presidida pelo dr. António da Cruz Rodrigues, começou a sessão plenária consagrada ao tema «Formação do Pessoal», com intervenções básicas dos profs. Luís Nogueira Prista e Carlos Costa Silveira e dos drs. Emílio Peres e Mário Martins de Castro. Ao fim da tarde, a direcção do Grémio Nacional dos Industriais de Especialidades Farmacêuticas oferece aos congressistas e a outros convidados uma recepção no Restaurante do Leão, no Castelo de S. Jorge.

Entretanto, das 21 e 30 ás 24 horas, serão apresentados no cinema da F. I. L. filmes-documentários sobre a industria farmacêutica e educação sanitária.

AVENTURA EM LISBOA

LAWRENCE DE ORLEANS RECOMPENSOU COM 40$00 A NOITE MAIS LONGA DE DOIS «DETECTIVES»

Dois amigos, os srs. Armando Magina e João de Almeida, encontraram uma carteira...

Assim podem começar muitas histórias de fadas: a carteira continha uma fortuna e os dois amigos ficaram senhores do mundo. Ou então a carteira pertencia ao rei, os amigos foram entregá-la, e o rei, comovido pela acção honestissima, deu-lhes as duas princesas, suas filhas, em casamento. Para cumulo as duas princesas eram lindissimas, o que juntava o agradável ao util.

Desta vez a realidade não acompanhou a ficção. A carteira não pertencia a nenhum rei (pelo menos a nenhum que use coroa): pertencia a Lawrence T. Winic, cidadão americano de Nova Orleans. Continha um maço de dólares, passaportes, bilhetes de avião.

Os dois amigos ficaram perturbados ao imaginar as dificuldades que a perda da carteira ocasionaria ao «ianque» Lawrence. E com este feitio tão português de ajudarmos todo o mundo mesmo que ninguém nos peça ajuda, ei-los em plena noite lisboeta á procura do dono da carteira.

Era procurar uma agulha na palha. Percorreram de táxi diversos hotéis. Assim gastaram umas dezenas de escudos, em vão. Resolveram, por economia de tempo e de escudos, telefonar para os restantes hoteis, incluindo o Estoril-Sol. Mais umas dezenas de escudos gastos, sem nenhuma contrapartida util.

Entretanto, a noite avançava, o esforço fora grande e os dois amigos prestáveis resolveram ir cear. Eram quase seis horas da manhã — e de Lawrence de Orleans, nem rasto.

Os dois amigos, porém, não são de vontade débil. Continuaram a lutar. A lutar até de madrugada e para além da madrugada: já com dia claro (eram 8 horas...) encontraram na carteira o nome de uma funcionária da TWA. Tinham achado a ponta da meada: o dono da carteira estava no Hotel Atenas e para lá, ardentes na preocupação de serem uteis, se dirigiram os dois amigos.

A entrega do precioso achado não foi tão fácil e tão rápido como supunham. «Mr.» Lawrence Winik tinha sono e deixou que se escoassem lentos 25 minutos antes de se dignar receber os dois «intrusos».

Fácilmente se imagina a satisfação que se estampou no rosado rosto «ianque» quando se viu na posse da carteira e dos documentos, onde não faltava um grão de poeira: ali estava a sua carteira num integral estado de pureza. O momento de euforia reflectiu-se na generosidade: abriu um sorriso, abriu o coração, abriu o porta-moedas—e deu a cada amigo uma nota de 20 escudos, ao mesmo tempo que meditava nas excelsas qualidades deste povo.

Já com o sol a estoirar nos metais e nos vidros de Lisboa, os dois amigos olham estupefactos e ensonados a nota amarrotada entre os dedos. Vinte escudos — ai está o que se pode chamar uma noite bem ganha...

Vem a Lisboa o comandante-chefe francês para o Atlântico

O comandante-chefe francês para o Atlantico, vice-almirante de Esquadra Charles E. Lahaye, da Marinha francesa, chegará a Lisboa, de avião, na segunda-feira á tarde, em visita ás autoridades portuguesas e ao comandante da área ibero-atlantica, almirante E. S. Miller, da Marinha dos Estados Unidos.

Na quarta-feira, ás 16 horas, o almirante Lahaye visitará o quartel-general do Iberlant, temporáriamente situado em Rio de Mouro, Sintra.

O almirante E. Lahaye regressará ao seu quartel-general em Brest, França, no dia 28.

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA
A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

O CENTRO DE DIVERSÃO QUE MAIS ATRAI E DELICIA A POPULAÇÃO DA CAPITAL É SEMPRE
A FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
NUNCA UM ESPECTÁCULO FOI TÃO DO AGRADO DA POPULAÇÃO COMO O QUE SE APRESENTA TODAS AS NOITES EM ENTRECAMPOS
DIVERTIMENTOS DE TODOS OS GÉNEROS
ATRACÇÕES INFANTIS — SORTEIOS, ETC.
BOA COZINHA E PETISCOS VARIADOS
— ABERTURA ÀS 19 HORAS —

VIÇO NACIONAL DE EMPREGO
ATUITAMENTE
DA AS ESSOAS A ENCONTRAR EMPREGO
ILIA AS MPRESAS NO RECRUTAMENTO DE
-DE-OBRA ADEQUADA ÀS SUAS NECESSIDADES
NTA OS OVENS E OS ADULTOS NA ESCOLHA
UMA PROSSÃO
CREVE E CONSELHA PARA CURSOS DE FOR-
ÇÃO PROSSIONAL, AS PESSOAS QUE NÃO TÊM
CIO OU EREM APRENDER OUTRO

HOPALIS
HOSPITAL PARTICULAR DE LISBOA, LDA.
Tel. 539031
Comunica à Classe Médica e ao Público em geral a entrada em funcionamento do Serviço de Urgência (BANCO) na sua Casa de Saúde sita na Avenida Luís Bivar, 30.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

A aviação dos E. U. A. bombardeou zonas de abastecimento do Vietcong próximo de Saigão

SAIGÃO 20 — (A. N. I.) — Os aviões norte-americanos bombardearam ontem depósitos de abastecimento inimigos e áreas de armazenagem, em redor de Saigão e no Vietnam do Norte — anuncia um informador militar dos Estados Unidos.

Os grandes bombardeiros «B-52» efectuaram cinco ataques nocturnos, contra depósitos de abastecimento dos «vietcongs», a 51 quilómetros ao norte de Saigão, provocando vastas destruições e abrindo grandes crateras ao longo de uma das principais rotas de infiltração de tropas e foguetões em Saigão.

Outros aviões sobrevoaram a planície meridional do Vietnam do Norte, e lançaram as suas bombas de 250 e 500 quilos numa área de armazéns, ao sul de Vinh. Os pilotos que participaram no ataque afirmam que uma enorme bola de fogo e violentas explosões envolveram a área pouco depois de efectuado o ataque.

NOITE TRANQUILA EM SAIGÃO

SAIGÃO, 20 — (R.) — Guerrilheiros do Vitcong fizeram detonar a noite passada cargas explosivas num estádio na cidade setentrional de Quang Ngai, ferindo, pelo menos, 13 civis e oito soldados, segundo revelou hoje um informador militar sul-vietnamiano.

Não foi anunciado qualquer bombardeamento de Saigão durante a noite, mas um informador americano comunicou que soldados de infantaria americanos tinham descoberto outra possível base de lançamentos de foguetões e quatro desses projécteis a apenas 10 quilómetros da capital.

Tropas sul-vietnamianas operando no delta do Mekong, anunciaram, entretanto, terem morto 36 «vietcongs» e aprisionado outros 27 em dois combates ao sul da cidade de Vinh Long.

EXPLOSÃO NA BASE DE TAN SON NHUT

SAIGÃO, 20 — (F. P.) — Morreram quatro americanos e ficaram feridos mais oito em acidentes que tiveram por origem a explosão de uma carga de munições na base aérea de Tan Son Nhut.

As munições acabavam de ser descarregadas de um avião de transporte. Quando estavam a ser colocadas num camião explodiram sem qualquer razão. Morreram dois militares americanos e outros três ficaram feridos. O camião ficou destruído. Pouco mais tarde uma ambulancia , foi colidir com um «U-2» que descolava. Morreram dois médicos militares e ficaram feridos cinco soldados. A ambulancia e o avião ficaram completamente destruídos. Foi aberto um inquérito.

A arma de fogo é um objecto extremamente divulgado nos Estados Unidos da América. Na fotografia, três mulheres de Detroit exercitam-se no manejo de revólveres, com vista a uma protecção mais eficiente dos seus lares. Entretanto, o Congresso aprovou uma lei que restringe a venda de armas, a qual já foi assinada por Johnson que, no entanto, criticou a sua insuficiência para limitar a venda de armas

Avião venezuelano obrigado a aterrar em Cuba

CARACAS, 20 — (A. N. I.) — Um avião «DC-9» das carreiras comerciais venezuelanas foi apresado, em pleno voo, ontem á noite e obrigado a desviar o seu rumo para Cuba.

O aparelho, com aproximadamente 80 pessoas a bordo, descolara de S. Domingos (Republica Dominicana) ás 21 e 50 horas (2 e 20 TMG) com destino a Curaçao e Caracas.

Um informador da companhia proprietária disse que o avião aterrou em Cuba trsê horas depois.

Um informador no aeroporto de Caracas declarou que tinha recebido infromações de que todos os passageiros chegaram bem a Cuba, mas um informador da companhia proprietária do aparelho afirmou que não era possível de momento fornecer uma lista dos passageiros, entre os quais — disse — havia muitos norte-americanos.

Este é o segundo avião Venezuelano apresado e conduzido para Cuba nos ultimos três meses.

No dia 21 de Março um binomotor foi obrigado a seguir para aquela ilha quando se dirigia de Caracas para Maracaíbo, Venezuela. O avião pode partir 24 horas mais tarde e os passageiros declararam que tinham sido bem tratados.

Não há qualquer informação sobre a forma como se deu o incidente de hoje, mas geralmente os actos deste género são praticados por homens armados que pretendem chegar a Cuba por razões políticas.

CASSIUS CLAY É PAI

CHICAGO, 20 — (F. P.) — Cassius Clay, o famoso ex-campeão do mundo de pesados, é pai pela primeira vez. A segunda mulher, Belinda, deu ontem à luz uma menina, que ainda não recebeu nome.

O GOVERNO GREGO DEMITIU-SE

• O primeiro-ministro anuncia importante remodelação

ATENAS, 20 — (R.) — O Governo grego demitiu-se hoje, a fim de permitir ao primeiro-ministro George Papadoulos uma remodelação do seu Gabinete, anunciou o chefe de Imprensa, Byros Stamatopoulos.

Stamatopoulos, director-geral do Ministério da Imprensa, disse que esta decisão fora tomada durante uma reunião do Conselho de Ministros realizada de manhã, e a que presidiu Papadopoulos.

Segundo afirmou, todos os membros do Conselho apresentaram a demissão.

Stamatopoulos disse que o primeiro-ministro agradeceu aos ministros cessantes «a sua valiosa colaboração oferecida á revolução e ao país».

Seguidamente pediu-lhes para porem as respectivas pastas á sua disposição de forma a permitir-lhe «renovar as forças do Governo».

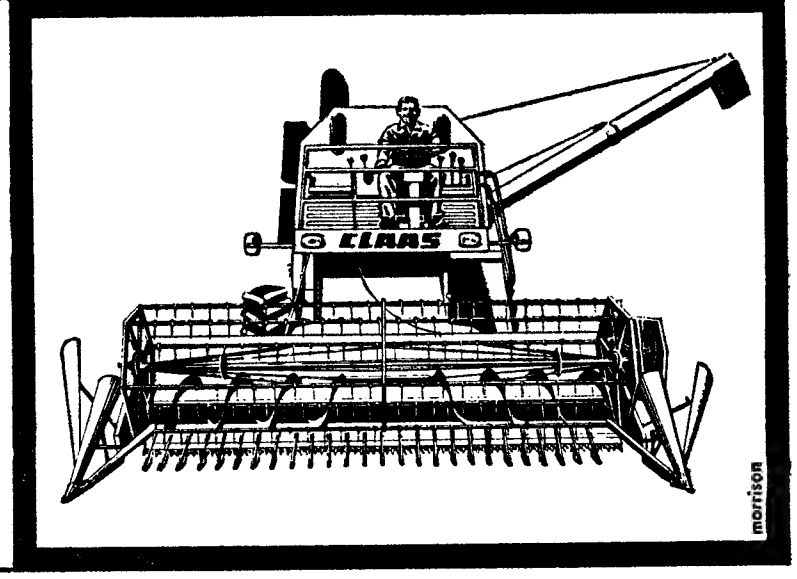
Papadopoulos tenciona fazer uma importante remodelação governamental introduzindo categorizados representantes, principalmente da geração mais nova e que sejam bem conhecidos por todos os gregos.

Os novos ministros prestarão ainda hoje juramento ao regente grego tenente-general George Zoitakis. Stamatopoulos não revelou os nomes.

MORREU KRUCHENIK

MOSCOVO, 20 — (A. N. I.) — Com 83 anos, morreu o poeta Alexei Kruchenik, fundador da escola cubista-futurista da literatura russa. O seu apogeu, como poeta, coincidiu com o período de revolução bolchevista, mas quase desapareceu da cena política ao ser aplicado na literatura o «realismo socialista», nos princípios da década de 1930, com a desaprovação oficial do cubismo e do futurismo.

Ceifeiras-Debulhadoras
CLAAS '68



SERVIÇO EXPRESSO DE ENTREGA DE PEÇAS

Durante toda a duração da campanha a **SOCIEDADE INDUSTRIAL AGRO-REPARADORA, Lda.** manterá, ao dispor da Lavoura, um "Serviço Expresso de Entrega de Peças" destinado apenas a **casos especiais e comprovadamente urgente.**

Telefones: 25101 81/82/83/84

10 modelos auto-transportados e 3 rebocados
2.ª limpeza com tarara e desbarbador

Cursos de Ensino e Treino — Assistência Técnica pós-venda, garantida — Peças sobresselentes

CARROS USADOS
PROVENIENTES DE TROCAS

VÁRIAS MARCAS E MODELOS

Facilita-se troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saraiva, n.º 15 (Alvalade)

Ford

Após uma paragem de 12 horas

RECOMEÇOU O TRABALHO NA FÁBRICA RENAULT

PARIS, 20 — (R.) — O trabalho recomeçou hoje, normalmente na grande fábrica Renault em Flins, após uma Renault, em Flins, após uma ras, quando alguns operários souberam que dois colegas não efectivos tinham perdido o emprego naquela fábrica.

Por outro lado, na maior parte da França regressou-se agora ao trabalho, mas cerca de 20 mil operários da industria da electricidade e electrónica e 150 mil metalurgicos — principalmente das fábricas de automóveis Peugeot e Citroën — encontram-se ainda em greve, não havendo indicações de estar á vista acordo.

Cerca de 12 mil técnicos, produtores, jornalistas e pessoal administrativo — um total de 14 mil empregados — encontram-se em greve desde meados de Maio para apoiar pedidos para a revisão completa dos estatutos da organização e garantias de objectividade em radiodifusão de notícias.

2267 CANDIDATOS NA PRIMEIRA VOLTA DAS ELEIÇÕES

PARIS, 20 — (F. P.) — No próximo domingo, na primeira volta das eleições legislativas francesas, 2267 candidatos solicitarão os sufrágios de perto de 28 500 000 eleitores e eleitoras. Votar-se-á em todas as comunas da metrópole, nos quatro departamentos do Ultramar, Guadalupe, Guiana, Martinica, Reunião — e nos seis territórios do Ultramar, Comores, costa francesa dos Issas e Afars, Nova Caledónia e dependências, Novas Hebridas, Polinésia e Saint Pierre e Miquelin.

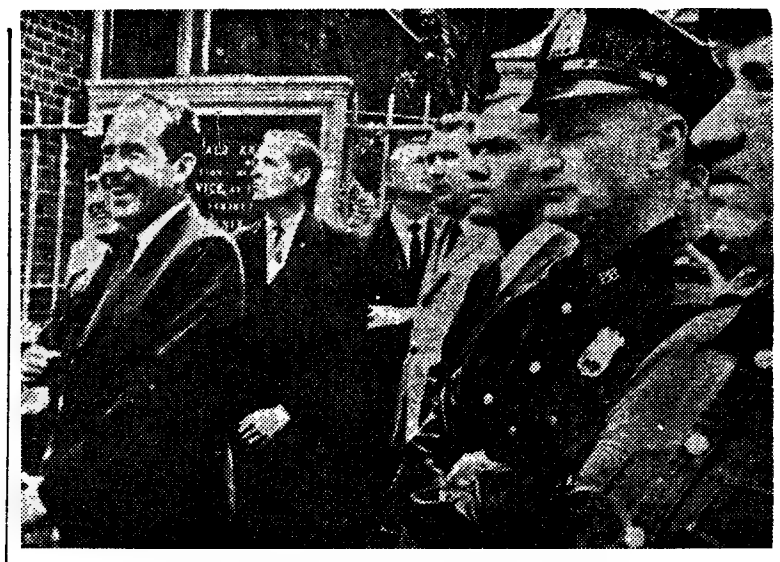
Entre os 2267 candidatos que se apresentam nesta volta contam-se nomeadamente: 470 comunistas; 325 memebros da extrema esquerda (P. S. U. e progresistas); 431 membros da Federação da Esquerda Democrata e Socialista (Mitterand); 462 mebros da U. D. R. — União para a Defesa da Republica (Gaullistas); 267 membros do Progresso e Democracia Moderna (centristas); 143 membros da direita; 17 membros da extrema direita.

GEORGES POMPIDOU FALOU À IMPRENSA

PARIS 20 — (F. P.) — Recebendo ontem a Imprensa escrita, o primeiro-ministro George Pompidou afirmou que «o regresso ao trabalho é muito vasto, embora um certo numero de grandes empresas da industria automobilística e electrónica continuem paralisadas».

No que se refere á educação nacional, Pompidou indicou que o ensino primário e o secundário estavam novamente em actividade e que os exames do bacharelato terão lugar. Quanto á Sorbonne, o primeiro-ministro especificou que «ela não foi ocupada mas encerrada. A acreditar em certas pessoas, nós transformámo-la em caserna das companhias republicanas de segurança. Nada disso: Limpámo-la simplesmente».

O problema da Universidade, observou, deve ser sèriamente discutido entre o Governo, o corpo docente e os estudantes. Nenhuma reforma poderá fazer-se sem o consentimento do Governo. Seria uma ilusão completa pensar que as universidades se podem reorganizar á margem dos poderes publicos. «Recordarei apenas que o Governo é quem administra os dinheiros do Estado, pelo que não percebo como poderiam viver as universidades sem a participação do Governo», comentou o primeiro-ministro.



O candidato republicano à Presidência, Richard Nixon, assiste em Nova York à licenciatura de sua filha, no colégio Finch. Nixon sorri. Os guarda-costas... esses conservam a sua fisionomia grave. As precauções são grandes

POLÉMICA ENTRE MÉDICOS PROVOCADA POR UM ENXERTO CARDÍACO

HOUSTON (Texas), 20 — (F. P.). — Está travada uma polémica por causa dum enxerto de coração. O dr. Joseph Jachimczyk, médico legista, pediu a entrega do coração de Clarence Nicks, 36 anos, soldador, a fim de determinar a maneira como este morrera, morte consequente a uma rixa numa taberna. Porém, o coração de Nicks tinha sido enxertado horas antes em John Stickwish, 62 anos, que veio a morrer uma semana depois. Passou-se o caso em 7 de Maio. Duas pessoas ficaram presas devido á rixa e o médico legista entende que tem de apurar o que sucedeu por causa do julgamento daquelas duas pessoas.

A questão debatida e a seguinte: a quem pertence o coração dum homem vítima de homicídio e que foi enxertado num doente cardíaco, aos cirurgiões que fazem o enxerto ou ao médico legista? — declara o dr. Newell Frances, administrador do hospital de São Lucas, onde Stuckwish foi operado. «Se lhe dermos o coração, isso quererá dizer que quando houver homicídios o coração da vítima fica na posse do médico legista» ou, em subentendido, os cirurgiões deixam de poder contar com estes casos para os enxertos. O dr. Benton Cooley, que é o chefe da equipa cirurgica que tem procedido aos vários enxertos de coração naquele hospital diz: «Por mim utilizarei o coração de qualquer pessoa desde que a família aceite que seja enxertado num doente para o salvar».

MANIFESTAÇÕES DE ESTUDANTES NO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, 20 — (F. P.) — O centro desta cidade esteve transformado, ontem, á tarde, durante mais de duas horas, num verdadeiro campo de batalha. Cerca de 3000 estudantes levantaram barricadas, com bancos, cadeiras e carros voltados.

As forças da ordem tentavam dispersá-los com o auxílio de granadas lacrimogéneas. Ignora-se ainda o numero de feridos. A manifestação começou ao princípio da tarde, quando 300 estudantes, reclamando um aumento dos créditos governamentais para a Universidade brasileira, se reuniram em frente do Ministério da Educação Nacional.

As lojas fecharam. A Polícia montada interveio para dispersar os manifestantes, que, em grupos de 50 e de 100, tinham seguido para diversos pontos da cidade a fim de atraírem as forças da ordem. Às 18 e 30, a calma tinha sido restabelecida, mas a tensão persistia, em virtude de os estudantes ameaçarem voltar a manifestar-se durante a noite.

Sirhan escolheu o seu advogado

LOS ANGELES, 20 — (R.) — Sirhan Sirhan, o suposto assassino desenador Robert Kennedy, escolheu a noite passada Russel Parsons, procurador distrital de Los Angeles, como seu advogado de defesa.

Sirhan deverá comparecer em 28 de Maio perante um tribunal desta cidade.

Parsons substitui Wilbur Littlefield, o advogado oficioso nomeado pelo tribunal superior da Califórnia para defender Sirhan.

Foi anunciado em Amã que cinco advogados árabes visitarão em breve os Estados Unidos para defender Sirhan. Littlefield ameaçou desistir do caso se tal acontecesse.

As autoridades legais da Califórnia declararam, ontem à noite, que seria estabelecido um precedente na lei do Estado se advogados árabes fossem autorizados a representar Sirhan.

FRANK SINATRA E SUA FILHA APOIAM HUMPHREY

NOVA YORK, 20. — (R.) — O famoso Frank Sinatra e sua filha Nancy estão ambos a apoiar o vice-presidente Hubert Humphrey na sua tentativa para conseguir a nomeação presidencial democrática.

Nancy Sinatra, de 28 anos, numa entrevista que concedeu ao ultimo numero da revista «McCalls» descreve o vice-presidente como um «paladino dos jovens».

Declarou á revista que se vira envolvida na política «porque penso que chegou a altura de todos — incluindo as pessoas do mundo do espectáculo — se manifestarem.

EXPLOSÃO NUCLEAR NA UNIÃO SOVIÉTICA

WASHINGTON, 20 — (R.) — A União Soviética realizou, ontem, um ensaio nuclear subterrâneo com uma potência equivalente entre 20 mil e 200 mil toneladas de TNT — segundo anunciou nesta capital a Comissão de Energia Atómica americana.

A Comissão disse ainda que registara sinais sísmicos provenientes da área de ensaios subterrâneos na região central de Palatinsk, na União Soviética.

Foi a terceira vez este ano que a Comissão anunciou a captação de uma aparente explosão nuclear subterrânea soviética. A última vez ocorreu em 11 de Junho.

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
UNION DES FOIRES INTERNATIONALES
IX FIL
DE 9 a 23 · JUNHO · 1968
HORARIO:
Hoje e amanhã — das 17 às 24 horas
ENTRADA 5$00

os serviços bancários na FIL estão assegurados pelo
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
O Banco do Povo ao serviço de Portugal

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Junho de 1938 publicava:

«NOVA YORK, 20 — O «New York Times», apreciando novamente a situação mundial, diz que o povo norte-americano não é neutro em nenhuma situação que crie uma ameaça de guerra e que muito menos o será no futuro, se se romper o equilíbrio das forças mundiais. Acrescenta o jornal que o sentimento americano se dirige para a Inglaterra e a França.

«Este artigo provocou grande sensação, por se conhecerem as relações do referido jornal com a Secretaria dos Negócios Estrangeiros.»

CURIO-SIDADES

● Está certa a prova do «quatro»!

A prova de cruzar uma perna, sustendo-se sobre a outra, isto é, «fazendo um quatro», para o indivíduo demonstrar que não está embriagado, tem a sua lógica, agora cientificamente comprovada, e, segundo os drs. Alex Arief e Nicholas Wetzell, de Chicago, é mais certificadora do que qualquer teste químico. Afirmam esses cientistas, que uma pessoa que se não sustenta sobre um dos pés, com os braços estendidos e os olhos fechados, está sob o efeito da bebedeira.

Esta descoberta sensacional foi, há pouco, revelada no magazine «GP», publicação oficial da American Academy of General Practice, acrescentando que o mesmo teste se aplica aos opiómanos, aos fumadores de marijuana e aos que tomam L. S. D. e outras drogas do género.

● Pesquisas à superfície do Sol

Uma importante fábrica alemã de material óptico está a construir um telescópio-balão, destinado ao projecto conjunto germano-norte-americano e que tem por objectivo a pesquisa á superfície solar. Encomendado pelo Instituto Fraunhofer, de Friburgo, deverá estar pronto até ao próximo Outono.

Trata-se de um telescópio com o peso de 1,7 toneladas, equipado com um espelho de quartzo de 30 centímetros. Colocado no balão deverá ser lançado a uma altura de 25 mil metros, onde fica eliminado o véu de nebulosidade da atmosfera terrestre. Após o lançamento, que deverá ser feito no Texas, trabalhará durante dez horas, baixando depois com as fotografias espectroscópias de duas camaras, mediante um pára-quedas.

● A Feira do Livro em Madrid

Centro e trinta e uma organizações editoriais e livreiras (quase o dobro do ano passado) concorrem á XXVII Feira Nacional do Livro em Madrid, inaugurada há dias.

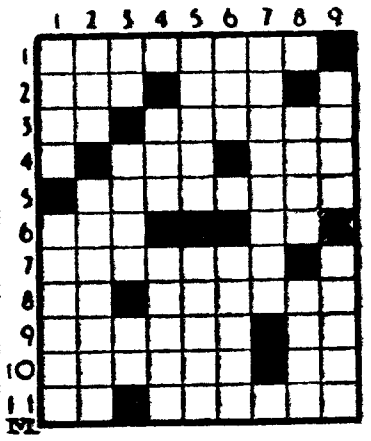
O importante e cada vez mais interessante, certame ocupa uma superfície de 2000 metros quadrados e situa-se na zona tradicional daquela cidade: Avenida de Colômbia e da República Dominicana e «Salón del Estanque». A instalação dos «stands», a cargo do Instituto Nacional do Livro, importou em dez milhões de pesetas.

— Dois palitos e dois copos de água.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4854



HORIZONTAIS: 1 — Dificuldades. 2 — Santo. Mínimo (abrev.). 3 — Porco. Matérias vegetais, mais ou menos carbonizadas, que servem de combustível. 4 — O qual. Aqui está. 5 — Correia com guisos. 6 — Decâmetro quadrado. A ti. 7 — Conformidade do facto narrado com a realidade. 8 — Antigo nome da nota «dó». Contrato entre duas pessoas que afirmam coisas diferentes. 9 — Opíparos. Idem (abrev.). 10 — Conjunto de três pessoas ou coisas. Piedade. 11 — Em porções iguais (abrev. quím.) Indivíduos muito parecidos com outros

VERTICAIS: 1 — Pronome demonstrativo. Aumenta. 2 — Negativa. Fenderá. 3 — Porco. Deseje. Grito de dor. 4 — Cidade da Galiza. Épocas 5 — Arrufos. Alcunha 6 — Chegar. Porções. 7 — Adornos. 8 — Serra do distrito de Santarém. Considerada. 9 — Serra do Alentejo. Elementos

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4853

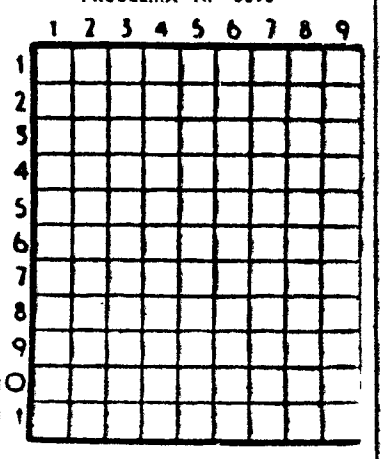
HORIZONTAIS: 1 — Imo. Ena. 2 — DE. Aluído. 3 — Edison. Em. 4 — Ar. Asceta. 5 — Daf. 6 — Ornem. Bar. 7 — Acc. Rosa. 8 — Rotim. 9 — Óvea. Oh. 10 — MAU. CORVO. 11 — Usuários.

VERTICAIS: 1 — Ideado. Som. 2 — Medrara. Vau 3 — Incréus. 4 — Asa. Ecoa. 5 — Elas. Cá. 6 — NUNCA. Rigor. 7 — Ai. BOM. Ri. 8 — Detrás. OVO. 9 — Fama. Ralhos.

(Provérbio: DE MAU CORVO NUNCA BOM OVO).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8698



HORIZONTAIS: 1 — Reputação. Habitante de Java. 2 — Separar. 3 — Planta gramínea. Cobalto (s. q.). 4 — Um cento. Lista. 5 — Cidade da Roménia. Alcova. 6 — Guarnecida de arames. 7 — Gostar muito de. Buraco no chão, para um jogo com pinhões. 8—Cabelos brancos. Álcool de melaço. 9 — Artigo definido (ant.). Educar. 10 — Próprios para moer. 11 — Aflição. Vais para fora

VERTICAIS: 1 — Nota musical. O mesmo que uma (ant. e pop.). Bolor. 2 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Linha secundária do caminho de ferro. 3 — Bordaras a fio de marca. Pedra de marinho. 4 — Desviar. Colocar. 5 — Colorido. Lista. 6 — Está morto. Estudantes que não são assíduos. 7 — Viração. Remira. 8 — Pegar. Monarca. 9 — Parte do vestuário junto ao pescoço ou em volta dele Oure (s. q.). Abreviatura de Santíssimo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8697

HORIZONTAIS: 1 — Riga Fera. 2 — Are. Rer. 3 — Sí. Uga. Má 4 — Gastariam. 5 — Área. Cria. 7 Lata. Adir. 8 — Aval. Coma. 9 — Pi Avê. Im. 10 — Ala. Ota. 11 — Sado. Oral.

VERTICAIS: 1 — Rasga Lapas. 2 — Iriar. Ávita. 3 — Ge. Seita. Ad. 4 — Uta. Ala. 5 — Ega. Vi. 6 — Ar. Aço. 7 — Er. Irado. Or. 8 — Ramal. Imita. 9 — Aroma. Ramal.

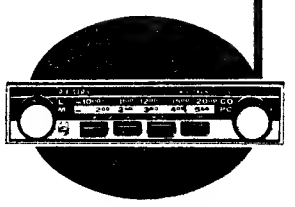
Em RIO MAIOR o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA SANTANA — Rua Serpa Pinto, n.º 20

PHILIPS

30 ANOS DE EXPERIÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE

AUTO RÁDIOS

SPORT • SPRINT • COUPÉ CABRIOLET • SPYDER E LIMOUSINE



6 MODELOS

A PARTIR DE 1495$00

MONTE O SEU AUTO-RÁDIO NOS AGENTES PHILIPS EM TODO O PAIS OU NO

CENTRO COMERCIAL DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA

AV. LUÍS BIVAR, 85-A ★ AV. PINHEIRO CHAGAS, 66

TELEFONE 56 02 00 — LISBOA

QUALIDADE PHILIPS MERECE SERVIÇO PHILIPS

FRIGORIFICOS

OS MAIS BARATOS APARECERAM...

NÃO ACREDITA?

ENTÃO VEJA-OS NOS ESTABELECIMENTOS

ALVARO TORRÃO electrodomésticos

Av. Antonio A. Aguiar, 58-B
telf. 560834

R. dos Anjos, 71-B (ao L. St. Barbara)
telf. 561997

140 L — 2.460$
170 L — 3.730$
200 L — 4.190$
270 L — 5.580$

PRONTO A VESTIR

FATOS LEVES, CASACOS E CALÇAS DE LINHO, VESTUÁRIO PARA CAMPO E PRAIA E AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM MALHAS, CAMISAS E CALÇÕES DE BANHO

VERÍSSIMOS

Av. Guerra Junqueiro, 8-C — Telef. 72 73 35

AVENTURAS DO TIO CARLOS

O CHEFE DO ESTADO NO NORTE DO PAÍS

(Continuação da página central)

que superiormente lhe sejam fixadas.

Fala o presidente da Câmara

Falou depois o presidente da Câmara da Póvoa, sr. dr. João Lopes de Amorim, que em nome da população do concelho endereçou saudações ao Chefe do Estado, ao mesmo tempo que lhe agradeceu a honra da visita.

Referiu a presença dos restantes membros do Governo, afirmando que todos ali se encontravam reunidos para comemorar a primeira parte de uma obra por que a Póvoa anseia desde há muito e pela qual pugnou geração sobre geração, pois sempre foi — disse — uma aspiração máxima esta construção do seu porto de pesca. Prosseguindo, afirmou:

— Terminaram há pouco as obras de construção do molhe deste nosso porto de pesca, peça fundamental e dispendiosíssima do empreendimento. Fundamental porque, como todos calculavam, só com o Molhe Norte bem construído e bem orientado se poderia pôr termo à ondulação forte de Noroeste, que aqui se fazia sentir e que a cada passo ameaçava a vida dos pescdores, ou matava muitos deles à entrada da Barra, inutilizando-lhes as embarcações e os apetrechos de pesca.

O sr dr. Lopes de Amorim acrescentou seguidamente:

— Era também altamente dispendiosa esta construção (e só na última empreitada gastaram-se 38 mil contos), sobretudo porque havia de ter-se todo o cuidado de actuar com prudência, uma vez que a violência do mar, de quando em quando, costuma ser enorme, e com facilidade podia destruir o trabalho realizado durante longo espaço de tempo. Mesmo nestas condições delicadas as obras do Molhe Norte terminaram há meses e os benéficos resultados que se perdiam e que tanto se desejavam, não se fizeram demorar, quer dando amplas facilidades à entrada das embarcações no porto de pesca, quer proporcionando segurança durante a sua permanência na bacia do porto.

Depois de referir outros pormenores sobre bacia do porto anos atrás, observou que actualmente tudo se modificou com centenas de embarcações motorizadas.

Evocou os muitos naufrágios que se deram na Póvoa, o elevado número de pescadores vítimas de acidentes mortais à entrada da barra e os muitos braços válidos que emigraram para o Brasil e a África, onde na sua opinião, aguardavam apenas a conclusão das obras do porto de pesca para regressar à terra natal.

Depois de abordar outros assuntos relacionados com as obras, disse que os poveiros confiam que dentro em pouco tempo poderão comemorar a conclusão das obras quer estreitando a cooperação com tarefa se desincumbiu mais uma vez com grande merecimento, encontrando na Junta Autónoma dos Portos do Norte e no Laboratório Nacional de Engenharia Civil uma prestimosíssima colaboração.

Nos estudos, no projecto e na execução empregaram-se os mais evoluídos conceitos técnicos, buscando-se incansàvelmente a melhor justeza das soluções e rigorosa utilidade dos investimentos. Procurou-se, em suma, seguir as melhores tradições do Ministério das Obras Publicas, onde sempre tem brilhado o alto mérito de engenheiros consagrados á hidráulica marítima.

Tudo se fez á custa de grande esforço de apenas uns poucos devotados ao serviço publico, mas o engrandecimento do País, por que todos lutamos, é de tal forma imperativo, que esses poucos hão-de ainda mais porfiar no trabalho, no entusiasmo e na dedicação á causa publica.

São essas as tradições criadas nas Obras Publicas e elas dão-nos a esperança de que o gosto na resolução dos problemas postos pelo mar, nos domínios da engenharia portuária e litoral, continuará a interiores do porto de pesca, contributo valioso para a economia nacional. Referiu, então, o índice de progresso e o aumento extraordinário, sobretudo na parte comercial, e afirmou poder, num futuro próximo, aumentar o número de embarcações, dizendo ainda julgar ser de toda a conveniência que na elaboração dos projectos definitivos para as obras interiores do porto se aproveite, tanto quanto possível, o espaço existente para que esse aumento surpreendente do número e do tamanho das embarcações não envolva a saturação do porto de pesca.

O discurso do subsecretário de Estado das Obras Públicas

No uso da palavra, o subsecretário de Estado das Obras Publicas, depois de se referir á importancia da visita presidencial á Póvoa de Varzim, disse das vantagens que advêm, para aquela vila, das obras ora inauguradas e historiou as mesmas:

Esta visita presidencial á Póvoa de Varzim assinala mais um passo importante no melhoramento do seu porto e há-de ficar certamente na memória dos poveiros, para quem estas obras constituem velha e querida aspiração.

Coube á Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos realizá-las e da desenvolver-se em jovens engenheiros, aos quais caberá a honrosa missão de serem continuadores da pleiade de ilustres técnicos que de inteiro e merecido direito têm o seu nome ligado a valiosíssimas obras nas costas portuguesas.

É já longa a história dos trabalhos empreendidos para o melhoramento das condições naturais deste porto, mas, ao solenizar-se hoje a conclusão das suas obras exteriores não ficam acabadas e findas as realizações indispensáveis.

Estão agora criadas as condições de abrigo necessárias, mas importa ainda tornar o porto operacionalmente eficiente, com as respectivas obras interiores, instalações, equipamentos e dragagens.

Tudo isto ainda há-de pedir algum esforço e dinheiro a par do tratamento de vários outros portos metropolitanos segundo a política de desenvolvimento delineada para o seu conjunto.

No que lhe cabe, o Ministério das Obras Publicas continuará, também neste sector, a procurar servir o melhor possível o País, outros departamentos do Estado, em especial, neste caso, com o Ministério das Comunicações, e com as actividades privadas, quer pelo revigoramento e aperfeiçoamento dos seus próprios meios.

Assim o exige a expansão crescente do desenvolvimento do País, que é, graças a Deus, clara e viva realidade.

Merece-o, nesta caso, a Póvoa de Varzim como importante centro piscatório de admiráveis homens do mar, que sempre confiaram.»

Terminado o discurso do subsecretário de Estado das Obras Públicas, usou da palavra o almirante Américo Thomaz para se confessar perfeitamente esclarecido quanto ás obras agora realizadas no porto de pesca desta vila, a que o seu coração «e até um certo compromisso moral», como acentuou, estão ligados desde há quinze anos. E precisou:

— Recordo que, em 1953, ao visitar oficialmente o Brasil, como ministro da Marinha, fui recebido na Casa dos Poveiros do Rio de Janeiro e, nessa visita, tive o prazer de ver o amor de todos os seus associados á terra que lhes tinha sido berço E essa gente apenas me pediu uma coisa e essa foi de que envidasse todos os meus esforços para que a Póvoa de Varzim viesse a ter um porto de abrigo capaz de salvaguardar as vidas dos seus pescadores, porto que não era apenas uma aspiração de todos, mas uma necessidade indispensável É natural, pois, que quinze anos após, ao verificar o fecho das obras exteriores deste porto, eu me sinta contente, apesar do tempo passado. É natural que, de hoje para o futuro, este porto deixe de ser uma autêntica ratoeira para aqueles que o buscam, fugidos ás fúrias do mar; é natural que assim aconteça: estou certo, mesmo, de que assim acontecerá.

No final, todos os convidados seguiram para o Casino local, onde participaram no almoço em honra do Presidente da República Durante aquele, um ranchо poveiro exibiu-se em números folclóricos e houve depois um vistoso desfile etnográfico.

O almirante Américo Thomaz, antes de deixar a Póvia, visitou ainda o bairro dos funcionários da empresa Quintas & Quintas após o que seguiu para a Caniçada onde inaugura a pousada local. Dali parte para a aldeia comunitária de Vilarinho das Furnas, regressando, ao princípio da noite à cidade do Porto.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR NO EXTERNATO SÁ DE MIRANDA

Foi inaugurada, no Externato Sá de Miranda, Rua Alexandre Braga, 17, uma exposição de trabalhos escolares, elaborados, durante o ano lectivo, pelos alunos da secção primária do 1.º e 2.º ano, a qual estará patente ao publico até ao fim deste mês.

Festejos de beneficência no Espelho de Água

Todos os dias, das 16 às 24 horas, decorrem no Espelho de Água, em Belém, festejos a favor da Assistência à Maternidade e a Infância, com jantares dirigidos por individualidades ligadas à benemérita instituição.

Nos dias 26 e 28, haverá passagens de modelos para crianças, com chá e divertimentos infantis.

Ardeu pasto no Parque de Monsanto

Pessoal e material do Batalhão de Sapadores Bombeiros foi chamado para extinguir um fogo que, por motivos desconhecidos, deflagrou nuns terrenos de pasto do Parque Florestal de Monsanto, pertencentes á Câmara Municipal de Lisboa. Dirigiu o ataque ao incêndio o subchefe Miranda.

COSTA DO SOL

MORADIA S. PEDRO DO ESTORIL — A cerca 1.200 m. Est., c/ s. comum c/ fogão, 4 quartos c/ roup., 3 c. banho, coz., desp., marquise, lav., quarto e c. banho criada, abrigo carro e jardim. 680 c.

MORADIA ARREDORES CARCAVELOS — Em local grande futuro, sala comum, 3 quartos, 1 c. banho, coz., desp., quarto e c. banho criada, abrigo carro e jardim. 420 c.

ANDARES CARCAVELOS — C/ 5 grandes ass., coz., desp., marquise, 2 c. banho, garagem e 1 arrec. Boa const e bons acab.os. 450 c.

ANDARES PAÇO D'ARCOS — A cerca 500 m. da praia e em luxuoso prédio, 4 boas ass. coz., desp., marquise, 2 c. banho e 1 arrec.

TRATA:

POLICARPO

CASCAIS

Avenida Marginal, RSP, r/c Dt.º Telef. 281497

(Frente ao Cinema S. José)

TAMBÉM ATENDE AO DOMINGO

MEDIADOR OFICIAL

ALUSUISSE

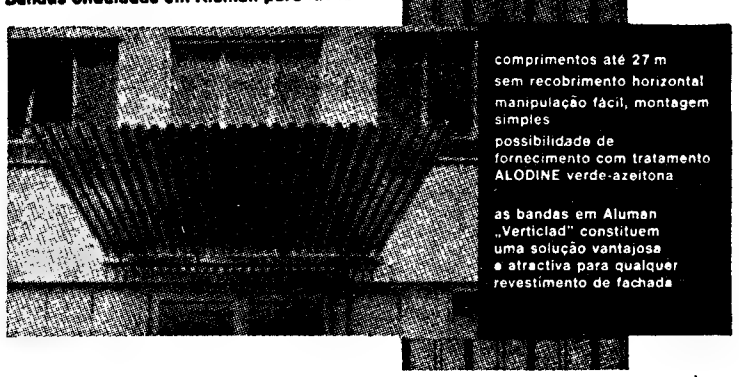
„Longspan" bandas onduladas em Aluman

para coberturas com pequena inclinação e ligeiras curvas

comprimentos até 27 m
sem recobrimento horizontal
leveza permitindo uma construção racional e económica
manipulação e colocação fáceis
sem encargos de conservação ou pintura
bom isolamento, o Aluman reflecte 90 a 95% dos raios térmicos.

"Verticlad"

Bandas onduladas em Aluman para fachadas



comprimentos até 27 m
sem recobrimento horizontal
manipulação fácil, montagem simples
possibilidade de fornecimento com tratamento ALODINE verde-azeitona

as bandas em Aluman „Verticlad" constituem uma solução vantajosa e atractiva para qualquer revestimento de fachada

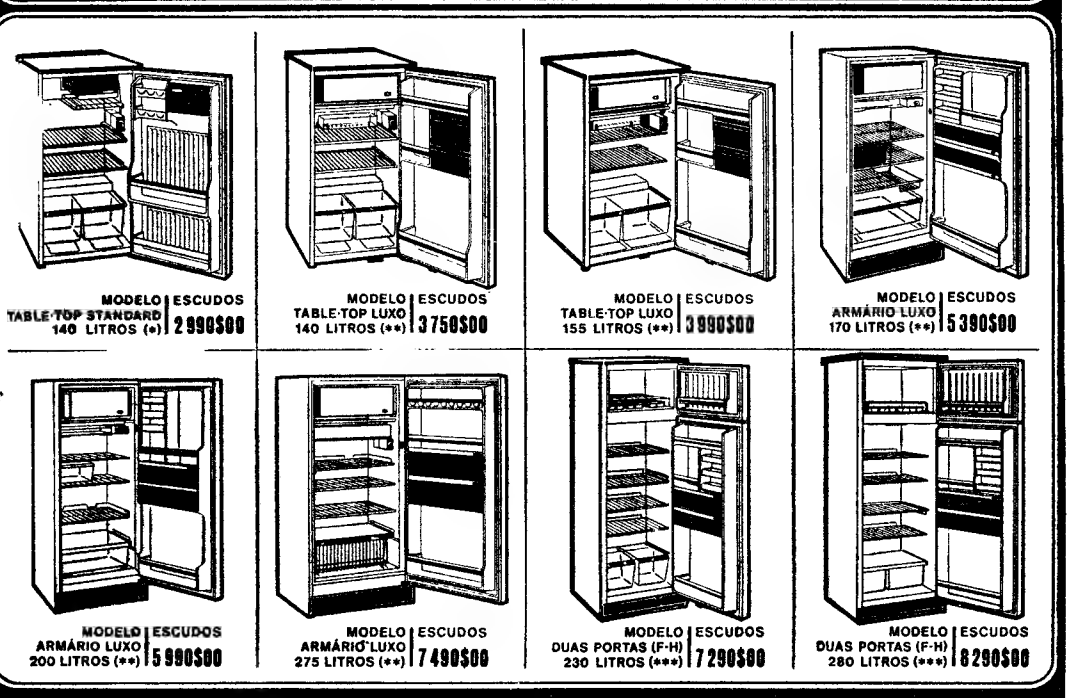
SORVAL

Rua Artilharia Um, 104, 4.º, Esq. — Telefs. 651229-6512220-651812 — LISBOA
Rua Santos Pousada, 571 — Telef. 56921 — PORTO

OS SERVIÇOS TÉCNICOS DA ALUSUISSE ESTÃO AO SEU DISPOR, SEM QUALQUER DISPÊNDIO, PARA LHE FORNECEREM TODO O RESULTADO DA SUA LONGA EXPERIÊNCIA

ABRA A PORTA AO FRIO PHILIPS

A TÉCNICA MAIS AVANÇADA AOS MAIS BAIXOS PREÇOS
ESCOLHA O MODELO QUE LHE CONVÉM!



MODELO	ESCUDOS
TABLE-TOP STANDARD 140 LITROS (*)	2 990$00
TABLE-TOP LUXO 140 LITROS (**)	3 750$00
TABLE-TOP LUXO 155 LITROS (**)	3 990$00
ARMÁRIO LUXO 170 LITROS (**)	5 390$00
ARMÁRIO LUXO 200 LITROS (**)	5 990$00
ARMÁRIO LUXO 275 LITROS (**)	7 490$00
DUAS PORTAS (F-H) 230 LITROS (***)	7 290$00
DUAS PORTAS (F-H) 280 LITROS (***)	8 290$00

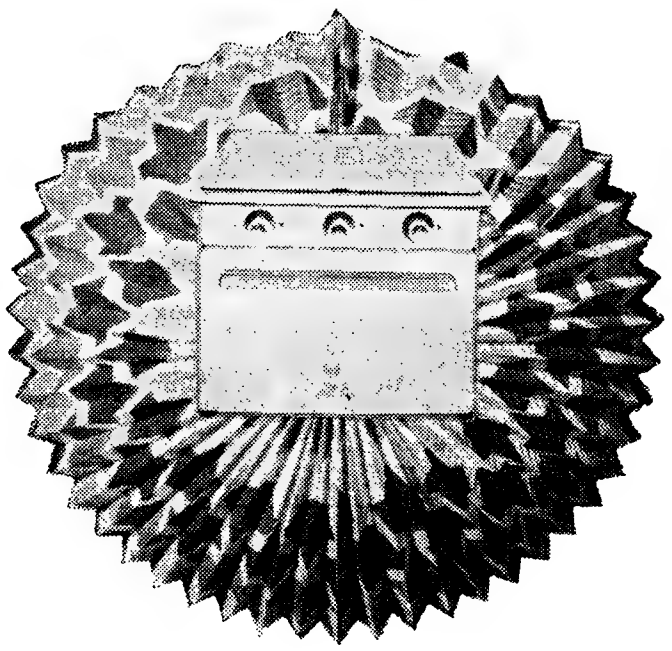
PHILIPS DÁ-LHE O FRIO MAIS DESEJADO DO MUNDO

ODACLA

A MAIS ANTIGA MARCA DE FOGÕES A GAZCIDLA

campanha do

"SANTO" POPULAR



AGORA COMO HÁ 28 ANOS, ODACLA E GAZCIDLA, NA VANGUARDA

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE

C E A L
S. A. R. L.

CAPITAL: 70.000.000$00

Sede: Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 49 — LISBOA

OBRIGAÇÕES DE 5% 1958 — 11.º SORTEIO

Para os devidos efeitos se comunica que o sorteio de obrigações a amortizar em 1 de Julho próximo, se realizará na sede desta sociedade em 24 de Junho de 1968, pelas 11 horas e 45 minutos.

Lisboa, 17 de Junho de 1968

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,
Aliança Eléctrica do Sul, S. A. R. L.
Francisco Corrêa Figueira

QUINTA

Cerca de 5 hectares maioria pinhal, a 20 kilómetros de Lisboa, situação maravilhosa, 2 moradias, 1 delas de construção recente, com todas as comodidades, vários quartos, 3 casas de banho, água própria, luz eléctrica, telefone, garagem e piscina.

Páteo agrícola com habitação de caseiro e 2 cavalariças. Vende-se, resposta a este jornal ao N.º 352.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇOS ECONÓMICOS

Concurso n.º 30 — Para fornecimento de CAT-GUT

Recebem-se propostas até às 10 horas do dia 26 do corrente para o mencionado concurso.

Os concorrentes devem pedir nos Serviços Económicos do H. de S. José, em qualquer dia util das 9 às 11,30 e das 14 às 16 horas as respectivas condições, excepto aos sábados que é das 9 às 12 horas.

Serviços Económicos do H. de S. José, em 17 de Junho de 1968.

O CHEFE DOS SERVIÇOS
Alexandre Pinheiro

DOMINGO, 23 DE JUNHO

Excursões da C. P.

Para a excursão do próximo dia 23 a Sines, S. Torpes, Porto Covo, Cercal, Vila Nova de Milfontes e Santiago do Cacém, a C. P. põe á disposição do Publico um comboio automotor FIAT de 1.ª classe, com ar condicionado.

Preço, incluindo almoço e transporte por caminho de ferro e estrada	245$00
Lisboa a Sines e volta (só transporte em caminho de ferro)	100$00

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rossio), nas Agências de Viagens autorizadas ou na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal n.º 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa.

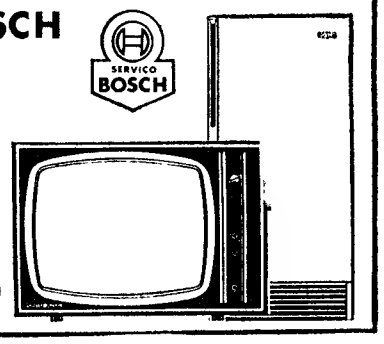
LOPES, BATISTA & NAFZ LDA.

Electrodomésticos BOSCH e PONTO AZUL

SERVIÇO BOSCH

Blaupunkt

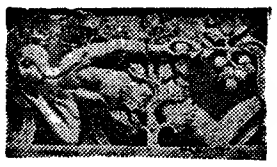
JOMA



Venda e Assistência Tecnica

Rua Luis de Camões 5-A (a Santo Amaro)
Tel·633061/2·633031

DIÁRIO DE EVA



CARTAS DA SEMANA

A propósito da carta aberta a uma estudante universitária (de 18 anos, que se diz culta e viajada) publicada em 6 de Junho nesta secção, recebemos duas cartas dispares: a primeira, de uma jovem que se sentiu visada, embora a referida carta aberta se dirigisse a todas as raparigas universitárias incluídas naquela definição; a outra carta é de um jovem que pede para indicarmos sómente as suas iniciais.

PUBLIQUE!

Lendo no «Diário de Lisboa» de 6 do corrente uma carta aberta que, pelo jeito, se refere a mim que sou estudante universitária, 18 anos, culta e viajada e me chamo Helena Maria (a senhora que escreveu a carta esqueceu-se de pôr o meu nome), venho por esta reclamar a publicação de uma carta posterior á que tanta polémica levantou e que eu lhe enviei para ser publicada, esclarecendo alguns pontos que tanta gente criticou.

Então Eva, porque não publicou essa minha carta?

Creio que esta não a ofendeu visto nem sequer se referir a si... então, porquê? Porque desde o princípio achou que eu não tinha o direito de defender minhas ideias? E porquê?

Porque apesar de me crer (e saber que sou) emancipada e moderna (mas não da maneira que muitas mulheres, infelizmente, compreendem) lhe afirmar querer ser, tão-sómente, dona de casa? Porquê?

Será tão ofensivo assim ter esse desejo? Será tão incongruente assim?

Oh, Eva! Será que você e as outras mulheres que me criticam não tiveram Mãe? Será que não compreendem que ser Mãe é emancipar-se no Lar e no seio de quem mais se ama?

Espero que, desta vez, seja mais desportista, mais Mulher e que publique a minha carta anterior a esta (e esta própria, ou será pedir de mais?) que, quem sabe, levantará maior polémica ainda, mas então, toda a gente saberá com que espírito regendo meus princípios (sic) e... poderão criticar á vontade porque eu sou Mulher verdadeiramente, 18 anos, universitária, culta e viajada... e também tenho noivo.

HELENA MARIA

NOTO á senhora que escreveu a «carta aberta». Não se preocupe, minha senhora, com o meu futuro.

Eu sou jovem, creio em Deus e espero que Ele me ajude a ser feliz ao lado do meu futuro marido e que nunca me faça sofrer a ponto de não acreditar na juventude e na felicidade dos outros, como a senhora que pensa, que com essas palavras, vai pôr cobro ao entusiasmo com que enfrento a **Minha Vida**.

NOTA DA EVA — *A carta de que me falas não chegou ás nossas mãos, mas a presente é bastante significativa do que foi a outra. Você é muito jovem e tem as características da juventude, duma determinada juventude que vive sem problemas, grandes e autênticos. Sabe por que muita gente lamenta a juventude perdida? Não é tanto pela perda da frescura do corpo, mas do entusiasmo confiante, de certa inconsequência que fazia ver e tornava, por vezes, as coisas fáceis*

Não há desprimor nenhum em ser dona de casa, pelo contrário. Dedicar-se uma mulher a gerir eficientemente o seu lar e educar de forma conveniente os seus filhos porque considerou essa a melhor forma de se realizar e ser util aos seus só pode ser louvável. Homenageamos, já que vem a propósito, todas as donas de casa que cumprem eficientemente as suas funções sem se alhearem do Mundo que evolui não muito longe das paredes da casa, mas na sua casa na sua rua, em toda a parte.

Não combatemos ninguém pretende ocmbater as funções de dona da casa. Também o somos, temos um filho, pensámos como você aos catorze anos, fomos só dona de casa e agora acumulamos a vida profissional á vida do lar Houve uma evolução, no pensamento e nas circunstâncias da vida. Ainda que você esbraceje, também passará por essa evolução e oxalá não venha a arrepender-se do demasiado optimismo. Acredite na vida, mas seja previdente. Foi isso que a «mãe de três filhos» que lhe escreveu — a si ou a todas as universitárias — quis dizer-lhe. Isto é: não há uma protecção capaz á família e a falta do seu chefe, quando não tem fortuna pessoal, deixa a mulher em muito más circunstâncias. Observe a vida em seu redor, longe do seu meio. Veja que temos razão.

UNIVERSITÁRIAS

A carta aberta a uma estudante universitária de 18 anos, publicada pelo vosso prezado jornal no passado dia 6 de Junho levou-me a escrever o pequeno arrazoado que se segue.

Sou também estudante universitária, pouco mais tenho de dezoito anos e conheço esse tipo ideal de muitas raparigas portuguesas. Algumas considerações mais gerais que os interesses pessoais dessas raparigas, fazem-me considerar inadmissível esse ideal.

Elas aí vão

1 — Não entendo necessária uma formação universitária para o bom desempenho das funções de dona de casa e de mãe. Se para ser boa mãe é essencial possuir um mínimo nível cultural, especialmente dirigido para os campos pedagógicos, de psicologia infantil e puericultura, qualquer pessoa medianamente inteligente, pode, mediante leituras apropriadas, adquirir esses básicos conhecimentos. Por outro lado todos nós sabemos que a Universidade não fornece, nem é sua missão fornecê-la, esse tipo de cultura.

2 — Quando um jovem entra para a Universidade, a Nação, além da sua família, estão procedendo a um investimento económico de que esperam colher frutos. Esses frutos colhe-os a sociedade ao ter uns anos volvidos, indivíduos preparados intelectual e culturalmente para exercer determinado tipo de actividades extraordinàriamente uteis e complexas. É evidente que a pessoa só pode dar todo o seu rendimento se executar específicamente as tarefas para que foi preparada.

Ora, uma dona de casa ex-universitária sendo a sua actividade absolutamente dispar da formação que recebeu não recompensa essa sociedade do seu investimento na sua economia.

3 — Normalmente, essas raparigas, com um curso superior, não exercem a sua profissão por terem um nível económico elevado e lentamente vão abandonando o lar e a família para terem uma vida mundana, de sociedade, que lhes rouba ainda mais tempo do que um emprego e é muito mais inutil. Assim perdem, na sua intimidade familiar, muito frequentemente, esse seu modestíssmo ideal.

A. V.

POSTAL DE FÉRIAS

Volto a mandar-lhe os meus postais.

Três ou quatro frases sobre o que vejo. Com alguma coisa que possa interessar á mulher. Era a Feira do Ribatejo. Haviam «Donas» em barracas para caridade comentando «coisas». A música tocava e a dona falava daquele negro da orquestra.

— Tão pequenino ao pé dos outros. Mas veio. Trouxeram-no... ainda dizem coisas...

Dona falava da estúpida criada e do «parvo» do irmão.

— É meu irmão mas é muito parvo. Tem havido tanto olhar entre eles, que qualquer dia refilo com o António e ponho a criada na rua!

A orquestra ainda tocava «jazz». Um solo de bateria de um marinheiro louro.

Cresceram e tornaram-se marinheiros de calças vincadas com qualquer coisa de forçado. Nunca tocaram assim nos bairros onde nasceram, onde deram a primeira flor a uma rapariga, onde trocaram sorrisos, beijos para plateias de dois.

A orquestra tocava e na barraca da «Caridade» discutia-se qualquer coisa de importante, de «forte», democràticamente servida a todas as donas.

Zé

Casaco de corte masculino desenhado por Daniel Hechter para a sua colecção Outono-Inverno. Bastante assertoado e grande gola o casaco, em tom liso, acompanhará perfeitamente uma calça príncipe de gales

MOEDAS

Antigas de ouro, prata e cobre, compra aos melhores preços a

Ourivesaria Santos Catita

R. das Portas de Santo Antão 44

Ligação directa entre Porto e Salamanca pela Barca d'Alva

FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO, 20 — Há muitos anos que a linha do Douro, cuja ultima estação portuguesa é a de Barca de Alva, neste concelho, não experimentava os efeitos do progresso.

Finalmente, e após demoradas conferências entre a C. P. e a RENFE, sua congénere espanhola, parece que o problema da ligação internacional vai ser resolvido. Com efeito, e para já, nas terças, quintas e sábados passará a haver uma ligação directa entre o Porto e Salamanca e, nas segundas, quartas e sextas, uma ligação directa entre Salamanca e o Porto.

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — Tel. 45587

Dr. Abel Alves — Ouv., nariz e garganta, 14 h

Dr. Artur Fernandes — Doenç. olhos — 2.ª 4.ª e 6.ª ás 14.30; 3.ª e 5.ª às 17 horas.

Dr. Armando Valle — Anál. clín. e vacinas, 11 h.

Dr. Armando Luzes — Rins e vias urinárias, 17 h.

Dr. Benard Guedes — Raios X, 16 h.

Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv. mentais (2.ª, 4.ª e 6.ª), 18 h.

Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.

Dr. Fernando Castor Amaro—Medicina geral, 14 h.

Dr. J. Junqueira Júnior — Boca e dentes, 17 h.

Dr. Maia Mendonça — D. das crianças (2.ª, 4.ª e 6.ª), 15 h.

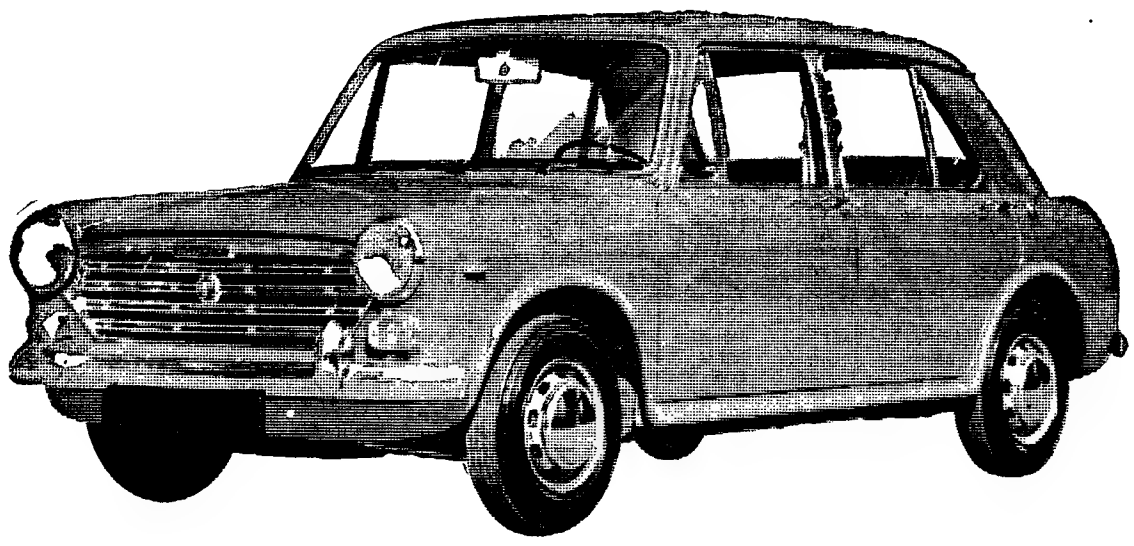
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.ª 5.ª e sáb.), 15 h.

Dr. Rui Branco — Clínica médica, Doenças do Coração. Electrocardiogramas, 15 h.

Dr. Souto Soares — Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.

Dr. Tito de Noronha — Doenças da pele e sífilis (2.ª, 4.ª e 6.ª), às 12.30.

novo AUSTIN 1300 HYDROLASTIC®



mais segurança
mais conforto
mais robustez
mais estabilidade
mais rendimento

DIST.GERAIS: J.J.GONÇALVES SUCRS.S.A.R.L.
LISBOA,PORTO,ÉVORA,BRAGA,SANTARÉM,MATOSINHOS
AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS
Stands em Lisboa: rua Alex. Herculano n.º 4 e av. da República n.º 36-A

68-A1300-02

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

*

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

CONCURSO

Está aberto concurso para a apresentação, até ao dia vinte de Julho do corrente ano, do desenho destinado á execução do cartaz e do selo antituberculoso.

As condições encontram-se patentes no Serviço Central de Aquisições do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos — Avenida 24 de Julho — Lisboa, ou nos Centros de Diagnóstico e Profilaxia do Porto e Coimbra, respectivamente nas Ruas da Constituição e Dr. Bissaia Barreto, todos os dias uteis, das 9 ás 12 e das 14 às 17 horas (sábados: 9 às 12.30 horas).

VULCAIN
RELÓGIO SUIÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

200 Km/hora!

Pela primeira vez, em França, um combóio a 200 Kms/hora! É o CAPITOL, no percurso PARIS—TOULOUSE... Mais rapidez, com a mesma exactidão, a segurança de sempre e em pleno conforto! (Não é de hoje a fama da comodidade dos combóios franceses!)

Pagamento em Escudos nas Agências de Viagens

SNCF CHEMINS DE FER FRANÇAIS

AV. JOSÉ ANTÓNIO, 57 — MADRID — TEL. 247 20 20
TOURISME FRANÇAIS — 234, R. ÁUREA, 242 — LISBOA

HAVAS

DESPORTO

O Vitória de Setúbal em Badajoz e na Corunha

• Dificuldades sadinas na utilização dos seus melhores jogadores

A pouco mais de quarenta e oito horas da sua apresentação no 2.º Torneio Ibérico em Badajoz, o Vitória de Setubal, ainda não sabe quais os jogadores que poderá utilizar naquela competição.

Com cinco jogadores convocados para os trabalhos da selecção que em Lourenço Marques, defrontará o Brasil, de um plantel de trinta onde três estão lesionados e quatro, são guarda-redes, fácilmente se depreendem os problemas com que os sadinos se debatem para corresponder aos compromissos tomados

Ontem, á noite, numa tentativa para encontrar solução para algumas das dificuldades, os dirigentes sadinos, avistaram-se com o seleccionador nacional dr José Maria Antunes. Porém e apesar da boa vontade evidenciada, só possívelmente ao fim da tarde de hoje o «responsável» pelo «onze» nacional poderá decidir até que ponto pode satisfazer as legítimas pretensões dos setubalenses, de utilizar os seus melhores jogadores em compromissos internacionais.

Entretanto a partida da comitiva sadina está marcada para as 10 horas de amanhã, ficando a equipa instalada em Elvas, no Hotel Alentejano.

Presença do Vitória de Setúbal na Taça «Teresa Herrera»

A equipa do Vitória de Setubal, que desfruta de grande prestígio em terras castelhanas, acaba de ser distinguida com novo convite vindo de Espanha, mais exactamente da Corunha, para participar na disputa da Taça Teresa Herrera, que terá lugar naquela cidade da Galiza em 6 de Julho próximo.

A embaixada sadina deverá partir no dia 4 para Madrid, por via aérea, seguindo depois para a Corunha também de avião. Instalados no Hotel Finisterra, os setubalenses têm previsto o regresso para o dia 7. Ainda se desconhece qual será o adversário do Vitória na Taça Teresa Herrera.

Ron Clarke
triunfante em Londres

LONDRES, 20 — (A. N. I.) — O australiano Ron Clarke, detentor de seis «records» mundiais de atletismo em provas de meio-fundo, conseguiu, ontem, nova vitória nos 800 metros, no torneio do Clube Atlético de Londres, que se disputa no Palácio de Cristal da capital britanica.

Clarke, que fora ao Palácio de Cristal para treinar no novo material de que a pista acaba de ser revestida, foi convidado pelos organizadores do torneio a disputar os 800 metros, e ganhou em 1 minuto e 54 segundos.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Grande Torneio feminino de Lisboa (fase final): C. I. F.-Atlético, ás 21 horas, e C. D U. L.-Atlético da Encarnação, ás 22 horas, no Pavilhão da Ajuda.

GINASTICA — Sarau Ginnodesportivo da Associação Cristã da Mocidade, na sua sede, ás 21 horas.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio de Juvenis do Clube Atlético de Campo de Ourique, no seu pavilhão: Oeiras-Cascais, ás 21 horas; Sintra-C. U. F., ás 21 e 45, e Campo de Ourique-Paço de Arcos, ás 22 e 30.

— Torneio de S. João do Vilanovense, em Vila Nova de Gaia: Carvalhos-Vilanovense, ás 21 e 30, e Infante de Sagres-F. C. Porto, ás 22 e 30.

NATAÇAO — Festival no Algés e Dafundo: Algés-Natacion Sevilha, ás 21 e 15

TÉNIS — «Taça 61 Anos», nos «courts» do Clube Internacional de Ténis, ás 18 horas.

FRANCISCO ANDRADE
provável treinador da selecção de juniores

Ficou ontem á noite definitivamente assente que Peres Bandeira será o treinador do Atlético na próxima temporada.

O ingresso daquele treinador no clube alcantarense provoca porém uma «baixa» na equipa técnica da selecção nacional de juniores, uma vez que o respectivo seleccionador, dr. David Sequerra, defende o principio de que o treinador da selecção não deverá estar vinculado a uma turma da 1.ª Divisão, pelos multiplos problemas daí resultantes.

Julgamo-nos, porém, aptos a informar que o assunto já foi abordado pelos responsáveis e que está na mente do dr. David Sequera endereçar convite ao actual treinador da Académica, Francisco Andrade, que no âmbito do futebol Junior dos escolares tem produzido acção de muito mérito.

Devemos acrescentar que o afastamento de Peres Bandeira não será definitivo, uma vez que o treinador do Atlético poderá continuar a colaborar com os «comandos» dos juniores, numa função de observador.

MERCAUTO FABRIL
PAIÃ-ODIVELAS

* PAVILHÃO DA MERCAUTO NA FIL/68

UMA INICIATIVA DA ORGANIZAÇÃO C. SANTOS NO SECTOR METALOMECÂNICO

UM EMPREENDIMENTO AO SERVIÇO DA INDUSTRIA AUTOMOVEL, DOS TRANSPORTES E ARMAZENAMENTO

ÁREA COBERTA 9600 M2 • NÚMERO DE EMPREGADOS 330

FABRICO DE:
Carroçarias - Cabinas de camião - Station-Wagons - Viaturas mistas de carga e passageiros - Pequenos autocarros - Carroçarias especiais - Atrelados. **Componentes para a Indústria de Montagem de Automóveis** — «SILENCIL» - Sistemas de escape - Depósitos de combustível - Reservatórios de ar comprimido - Estofos - Tampões de roda - Peças estampadas, etc. **Material Metálico de Manutenção** — «TRIME» - Caixas de carga paletizáveis para camião - Contentores de pequena capacidade - Carrinhos para transporte de materiais - Estantes desmontáveis - Bancadas de trabalho - Mobiliário para fábricas e armazéns. **Cunhos cortantes e moldes - Construções Metalomecânicas em geral.**

DESPORTO

NOTAS À MARGEM

OS GANHOS DOS FUTEBOLISTAS

Fulano muda de clube e recebe setecentos contos; Beltrano, idem, e quer oitocentos; Cicrano terminou o contrato e, para continuar com a mesma camisola, pretende seiscentos, ou mais.

— Não é um escândalo, isto? — pergunta-me, indignado, um velho amigo particularmente impressionável por tudo quanto meta cifrões. E vai traçando paralelos, apontando os casos dos professores catedráticos, dos médicos, dos funcionários públicos e, para me comover, dos jornalistas.

Digo-lhe que não, que não me parece escândalo nenhum. Que se trata apenas de uma consequência natural entre a oferta e a procura e que o futebolista profissional é também o artista de um espectáculo que tem mais público **que qualquer outro espectáculo. Aliás, o problema é dos clubes-empresários. Dão, se quiserem dar. Mas eles sabem que uma «companhia» sem «vedetas» também sofre na fazenda, isto é, nas bilheteiras, se lhe falta o êxito desportivo. Isto, no futebol, como em qualquer outro sector do mundo do espectáculo. Amália a cantar o fado mete centenas de contos nas bilheteiras e tem de ganhar em conformidade. «El Cordobés» não tem curso nenhum, é capaz de ter as suas atrapalhações na gramática ou na tabuada, mas os aficionados pagam para o ver tourear.**

E há outro aspecto, não menos importante, que é o do tempo **de profissão. Pode ser-se profissional de futebol entre dez e quinze anos, não mais; e esses anos são precisamente os da mocidade, quando outros constroem alicerces para um futuro tranquilo. O único caminho que fica ao futebolista, para acautelar esse mesmo futuro, é ganhar mais do que se ganha em qualquer outra profissão, das que «duram» toda a vida.**

O meu amigo que se assim se revoltava contra os ganhos dos jogadores de futebol tem um filho que é estudante. Pergunto-lhe a que preço autorizaria ele que o rapaz deixasse os livros e os planos de vida para ir jogar a bola, e ele, lealmente, responde-me: «Tinha que ser uma fortuna!»

Pois. O que não podemos é conceder a nós próprios direitos que recusamos aos outros.

M. Z.

SPORTING: Chave de ouro a fechar a temporada

UM «FOGUETE» DE LISBOA ULTRAPASSOU O RAPID DE VIENA...

SPORTING, 4-RAPID, 1

Através de uma actuação que teve fases de muito agrado, a equipa do Sporting alcançou, ontem à noite, no Estádio José de Alvalade, nítido triunfo (4-1) sobre os austríacos do Rapid. Esta vitória garante desde já ao clube português o primeiro lugar no Grupo III da Taça Internacional de Futebol e, consequentemente, o seu apuramento para a segunda fase da prova, se ela se vier a efectivar.

A equipa de Fernando Caiado terminou, assim, com um triunfo saborosíssimo uma temporada em que passou da maior evidência para uma «crise» na altura decisiva das principais competições. Ontem, o Sporting, voltou a ser a equipa da primeira metade da época. O **melhor Sporting de 1967-68.**

Quinze minutos de sensação

Que a decepção sportinguista dos ultimos passos do campeoto assentou, fundamentalmente, no esgotamento físico e no consequente desânimo da maioria dos seus jogadores — provou-se, ontem, com o *regresso* desses mesmos jogadores ao espírito de luta e á velocidade sem pausas, grandes e decisivos trunfos para os seus melhores êxitos. Não se poderá dizer que esse tom de actuação foi uniforme, igual do primeiro ao nonagésimo minuto, e muito dificilmente isso poderia acontecer. Sensacional, o primeiro quarto de hora. Excelente, toda a primeira parte dos «leões». Menos valioso, mas ainda assim, com frequentes motivos para aplausos, o labor sportinguista na segunda parte.

O Rapid foi ultrapassado logo ao apito de largada. Os jogadores sportinguistas, lançando-se no ataque com admirável vivacidade e empenho, perturbaram de tal modo os defensores austríacos que as oportunidades de golo começaram a aparecer com rara frequência. Aos 12 minutos já o Sporting ganhava por 3-0 e perdera, ainda, alguns ensejos de golo possível.

Só por volta dos vinte minutos os avançados vienenses fizeram perigar, pela primeira vez, a baliza de Carvalho. E logo nesse lance se revelou a sua pouca capacidade de remate, o que viria a confirmar-se na segunda parte, especialmente na meia-hora final, quando a defesa do Sporting deixou de ser — por cansaço ou displicência — o bloco de impressionante solidez do primeiro tempo.

O primeiro golo da partida, marcado por Peres entre dois austríacos. Gonçalves e o juiz do encontro (o espanhol Gaspar Pintado) observam o lance

Depois dos 3-0, o Sporting deixou de atacar com o ímpeto inicial, mas continuou a fazê-lo de modo muito agradável, com velocidade e bom entendimento colectivo. A defesa austríaca passou por repetidos embaraços, já que os portugueses dominavam por completo na faina do meio-campo e insistiam em golpes de ataque que entusiasmavam o público.

No segundo tempo, a turma sportinguista baixou de velocidade e foi o Rapid que se tornou mais insistente nos seus avanços, mocstrando destreza e boa organização nesses movimentos ofensivos. Frente á baliza, os austríacos mostraram-se, no entanto, quase inofensivos. Marcaram apenas um golo, dos vários que tiveram á sua mercê, mas não é menos verdade que a dianteira sportinguista, mesmo neste período de menos fulgor, continuou a colocar em xeque a linha defensiva adversária. O rasgo individual de Peres, a obter um golo magnífico no ultimo minuto do jogo, foi resgate apenas parcial das «perdidas» sportinguistas.

A «chave de ouro» sportinguista

Na muito agradável actuação com que o Sporting se despediu da temporada de 1967-68, nem um só dos seus jogadores deixou de colaborar com um rendimento aproximado ao seu melhor em toda a época. Exceptua-se o caso de Carvalno, que não teve matéria para grandes rasgos, mas não deixou de evidenciar uma serenidade reveladora de boa «forma». O quarteto defensivo levou uma boa hora a dominar inteiramente as operações no seu sector, actuando com a

(Continua na página seguinte)

Comentário de MÁRIO ZAMBUJAL

Estádio José Alvalade, em Lisboa.
Árbitro: Gaspar Pintado (Espanha).

SPORTING: Carvalho; Pedro Gomes, Armando, José Carlos e Hilário; Barão e Gonçalves; José Morais, Lourenço, Márinho e Peres.

RAPID: Fuchsbichlen; Gebhardt, Glechnen, Ulmann e Fak; Skocik e Floegel; Fritsch, Bjertegaard, Kaltenbrunnen e Sondergaard.

Ao intervalo, 3-0.

Os golos:

1-0, aos 7 minutos, por PERES, a passe de Lourenço.

2-0, aos 9 minutos, por GONÇALVES, em oportuna recarga a um remate de Márinho.

3-0, aos 12 minutos, por LOURENÇO, com fortíssimo remate a concluir excelente jogada do ataque do Sporting.

3-1, aos 53 minutos, por KALTENBRUNNER, a concluir uma insistência do ataque austríaco.

4-1, aos 89 minutos, por PERES, em jogada individual, que terminou com um admirável remate, executado sobre a linha de cabeceira.

Eusébio, o grande ausente, foi visitado pela selecção nacional que se desloca a Moçambique para enfrentar o «escrete canarinho»

EM EXPOSIÇÃO

O NOVO MODELO

ASTON MARTIN

D B S

O G. T. MAIS RÁPIDO

MOCAR, LDA. – AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 19-A

DESPORTO

OS COBIÇADOS ERNESTOS

A importancia, neste caso, é a de ficar com Ernesto. Isso é o que mai interesse ao Benfica e ao Sporting, neste momento cobiçando o par de Ernestos da 1.ª Divisão do nosso futebol.

Um, em Coimbra, estudando e jogando ao lado de Artur Jorge, cuja atitude anterior em relação ao Sporting poderá, ou não, influir na decisão que terá agora de tomar em relação ao mesmo clube.

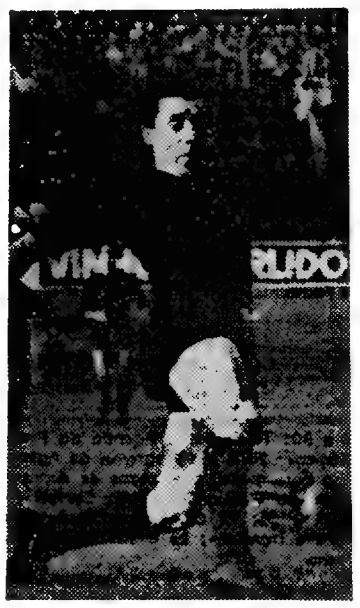
O outro em Belém, interessando ao Benfica que procura assegurar o seu concurso para a próxima época, não sendo as suas qualidades indiferentes ao Sporting.

O Ernesto de Coimbra ainda não deu o sim, nem disse que o vai dar, ao clube de Alvalade, mas deixou entender que a interrupção dos estudos e o simples fazer malas valem 1700 contos. Mas parece, mesmo, que prefere ficar em Coimbra.

O Ernesto de Belém não tem problema de exames... será talvez, antes, uma questão de... notas.

Quatro hipóteses, portanto, a considerar: os Ernestos

ERNESTO (o do Belenenses): está nos planos do Benfica



ERNESTO (o da Académica): foi «sondado» pelo Sporting

ficarem onde estão; mudar-se apenas um (o de Belém); jogarem um no Benfica, outro no Sporting, na próxima época; e, finalmente, a mais sensacional e que não é de pôr de parte: dois Ernestos na equipa do Sporting 1968-69. Por enquanto, a importancia é a de chamar o (s) Ernesto (s)... depois é a de contar com o (s) Ernesto (s)...

«FOMOS VENCIDOS POR UMA EXCELENTE EQUIPA»

(VYTACIL, treinador do RAPID)

Na cabina dos austriacos não havia ambiente de desgosto. O treinador, o checo Vytacil, estava até sorridente e declarou-nos:

— O resultado justo seria um empate, pois o Sporting fez uma excelente primeira parte e o Rapid foi superior na segunda. O Rapid perdeu muitas ocasiões de modificar o resultado. Perdemos, mas estou satisfeito por ter sido com uma excelente equipa, que pratica fuebol moderno, que tem no seu defesa-esquerdo um jogador extraordinário.

«Espero que o publico tenha gostado do espectáculo que foi de futebol de primeira, adequado a um publico conhecedor e desportivo.»

GLECHNER: «5-3 traduziria melhor o jogo»

Ouvimos, a seguir, o capitão da equipa o defesa-central Glechner que nos declarou: — Se ganharmos em Praga ainda poderemos continuar em prova. Ficaremos em segundo e o Sporting em primeiro. Quanto ao jogo de hoje, perdemos com toda a justiça pois no primeiro tempo cedemos golos a mais. No segundo tempo, porém, perdemos várias ocasiões de golo pelo que um 5-3, para o Sporting traduziria melhor o trabalho dos dois «onzes».

«Em Viena o Sporting também jogou bem, mas teve menos lances de golo.

«Peres e Armando foram os seus melhores jogadores.

— A que atribui os golos feitos de entrada?

— Glechner sorriu e disse: — Na Austria usamos muito a táctica do fora de jogo. Quando o fiscal de linha não está atento é uma arma de dois gumes...

CAIADO: «Que pena isto não continuar...»

Fernando Caiado, o técnico do Sporting, prestou-nos as seguintes declarações:

— Este bom fim de época do Sporting não é consequência de uma subita melhoria fisica, mas sim psicológica.

Em Viena fizemos melhor exibição, mas não conseguimos marcar. Aqui lançámo-nos ao ataque com vontade e o resultado viu-se. Os vinte minutos iniciais do Sporting igualam o que de melhor a equipa fez na época presente.

«É uma pena se a prova não prosseguir, parece que devido ao facto de a U. E. F. A. não receber percentagens nestes jogos. Gostava de ver até onde iria o Sporting.»

P. A.

SPORTING-RAPID

(Continuação da página anterior)

autoridade e a segurança que lhe são habituais. Pedro Gomes e Hilário, especialmente este, mantiveram-se, de princípio a fim, em plano notável. Os dois «centrais» — Armando e José Carlos — que ao longo de uma hora foram tão bons como os melhores, tiveram algumas falhas e desatenções na meia hora final. A linha intermediária, quer entregue aos cuidados de Barão e Gonçalves, quer reforçada com a presença de Peres, marcou acentuada vantagem sobre igual sector da equipa vianense, e dessa superioridade resultou muito do impulso para a boa exibição sportinguista.

Dos dianteiros, refira-se especialmente José Morais, que realizou uma exibição como há muito não lhe viamos. Quando se possui categoria técnica e espirito de combate é «difícil» jogar mal. Lourenço teve jogadas magnificas, Peres foi, nas duas funções em que dividiu a sua actividade, dos melhores futebolistas no terreno, e Márinho colaborou com aplicação e acerto.

A equipa do Rapid não deixou impressão favorável. A defesa mostrou-se particularmente insegura e vários dos seus jogadores mostraram deficiências de execução. No segundo tempo, o grupo austriaco desenhou algumas boas jogadas de ataque, mas sem poder de finalização. Os melhores: Fak, Scocik e Katherbrunner.

O espanhol Gaspar Pintado é, sem duvida, um árbitro excelente. Sereno, senhor do jogo, com boa visão dos lances, dirigiu a partida de forma a confirmar a sua categoria. Mas no melhor pano cai a nódoa, e as nódoas da arbitragem terão residido no ignorar do fora-de-jogo de Peres, na jogada do primeiro golo do Sporting (culpa, aliás, do fiscal-de-linha) e em não punir com grande penalidade o defensor austriaco que derrubou ostensivamente Lourenço, na grande área dos visitantes, já na segunda parte.

M. Z.

ATLETISMO em Lourenço Marques

Em Lourenço Marques, na inauguração do estádio erguido pelo Clube Ferroviário de Moçambique, vão realizar-se provas de atletismo com a participação do sportinguista José Pina, do laurentino José Magalhães e do benfiquista Carlos Tavares. Com eles, estará o técnico e seleccionador nacional prof. Mário Moniz Pereira, que observará, em acção, três dos atletas com possibilidades de estarem presentes nos Jogos Olímpicos do México.

HÓQUEI EM PATINS

Vitória do C. Ourique na «Taça José Prazeres»

Realizou-se ontem á noite no recinto do Paço de Arcos a final da «Taça José Prazeres», entre o Campo de Ourique e o Cascais, jogo que os lisboetas venceram por 6-1.

As duas equipas sob a arbitragem de Manuel Barata apresentaram:

CAMPO DE OURIQUE — Luís Alves; (Azevedo); Albino Adriano, Catarino, Julio Pires e Barata.

CASCAIS — Quim; Sombreireiro, António José, Barros, Cunha, Abílio e Vitor.

Na «finalíssima» do torneio de Abertura, disputado no mesmo recinto entre as reservas do Sporting e da Juventude Salesiana, a vitória pertenceu aos «salesianos» por 3-2.

Mulheres elegantes, bem cuidadas, mas ela... ela tem

UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL

TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!

o adorável sorriso Pepsodent!

Que diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diàriamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!

Super Pepsodent
com PL3 - brancura natural dos dentes

TAPETES
Carpélio
Um produto "ALAMAC"
Elio Amorim & Filhos, Lda.
PORTO — LISBOA
CARPETES

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: Uma orquestra; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 20: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 18.º episódio do folhetim «A Fazenda Abandonada»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: A Orquestra de José Santos Rosa; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de teatro: «Auto de Santo António»», de Gustavo de Matos Sequeira; 23 e 45: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 6 e 30: 2.º acto da ópera «Os Mestres Cantores de Nuremberga», de Wagner; 18 e 08: Musica do século XX — Obras de Paul Hindemith; 19: Horizonte, semanário de letras e artes; 19 e 30: Folclore português — musica da Ilha de Santa Maria (Açores) recolhida por Artur Santos; 19 e 45: Fragmentos da Suite «para as crianças», de Bela Bartok, pelo pianista Carl Seeman; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Concurso internacional de agrupamentos corais «Let the Peoples Sing 1968» — Vozes mistas e iguais; 21: Concerto em si bemol maior, para violino e orquestra de Haydn; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de saxofone e piano por Marcel Perrin e Suzanne Perrin Valla; 22 e 20: Poemas sinfónicos, de Ernest Bloch e Leon Jongen; 23: A Voz do Ocidente, 1 e 15: Fecho

3.º Programa (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de tecla, de Rameau e Prokofieff; 23 e 30: Raridades musicais da arte vocal italiana; 0 e 21: Variações sinfónicas, de Paul Gilson; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Isto é Brasil; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Grandes do ritmo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções ibéricas; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: «Impacto»; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08. Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 08: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52 Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4. Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 08: Miscelânea; 9 e 7: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 20 e 45: «Crónica Feminina»; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 6: Radiorama; 18: Cartaz musical de Paris; 18 e 20: Boletim religioso; 8 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 9: Crítica de livros recebidos; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: Fados; 21 e 45: Canta Barbra Streisand; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19: Crítica de livros recebidos; 19 e 05: Grande plano; 19 e 25: Publicações recebidas e boletins de filmes; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s: **Rádio Peninsular:** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 0 ás 12 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2: **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

ARTES PLÁSTICAS

Exposição de António Charrua

Será encerrada no domingo, a exposição de António Charrua, que pode ser visitada todos os dias, das 14 ás 20 horas, na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços especializados da **FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO.** Pedidos aos escritórios: R. Conde Redondo, n.º 64, 2.º, Dir. — Telef. 59288.

Orçamentos grátis

LUSTRES

de sonho para a sua casa. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. — Tel. 771639 (ao Campo Pequeno).

PROGRAMA DA TV

Ás 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Nós as mulheres; 20 e 15: «Carrossel Mágico»; 20 e 25: Vamos Jogar no Totobola; 20 e 40: Sangue na Estrada; 20 e 55: Segredos do Mar; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Folhetim «Playhouse 90»; 22 e 25: Variedades, com o conjunto «Os Keepers», a cançonetista Clara Sarmento, a Classe de Ginástica do Sporting e ainda Salomé, o Ballet Espanhol de Sara Lezanna e o conjunto musical com Fernando Albuquerque; 23 e 20: Casei com uma Feiticeira; 23 e 45: Telejornal, Meditação e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Ás 14 e 40: Telescola; 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: TV Educativa; 20 e 15: «Carrossel Mágico»; 20 e 25: Programa da Agência Geral do Ultramar; 20 e 50: Recital de música portuguesa, com obras de Armando José Fernandes, pela pianista Angeles Pressutto da Gama; 21 e 10: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: TV Clube, com Paula Ribas e Filipe de Bruto; 22 e 25: Série Policial «O Chefe Ironside»; 23 e 20: Cinema sem estrelas; 23 e 45: Telejornal, Meditação e Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

SERVIÇOS ESSENCIAIS

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ❁ Companhias Reunidas, 537011 ❁ Gazcidla, 538821 ❁ Gazcidla (dom. e feriados) 382069

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ❁ Voluntários, 538524.

POLICIA — G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ❁ Segurança Pública, 366141 ❁ Judiciária, 535380 ❁ Marítima, 326456 ❁ Internacional, 362721 ❁ Viação e Trânsito, 42205 ❁ G. N. R. (área rural), 36865.

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ❁ Enfermagem permanente, 766161 ❁ Enfermagem de urgência, 43738 ❁ Hospital de Santa Maria, 775171 ❁ Hospital de S. José, 860131 ❁ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ❁ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ❁ Centro de Intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ❁ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ❁ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ❁ Estação Fluvial (T. Paço), 325345 ❁ Estação Mar de Alcântara, 663195 ❁

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno B

(Ver pelos bairros das mediações e telefones entre parênteses)

AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 17 (633288) ❁ Boa Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (637777).

ALCÂNTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (637020).

ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (712070) ❁ Ideal, Avenida Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803).

AREEIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (á Av. S. João de Deus) (724941) ❁ Onilda, Av. João XXI, 13-A (726848) ❁ Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (710465).

ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. Arroios, 215 (45079)

AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (junto á Avenida Sacadura Cabral) (770776) ❁ Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ❁ Sagres, Av. Luís Bivar, 59-71 (47213) ❁ Correio de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo 21-B-C (47385)

BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (junto á Fonte Monumental lado Sul) (842152)

BAIRRO ALTO — Labor, R. Diário de Notícias, 8 (323428)

BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Pombo Tivoli, 40 (841122).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso R. 21, 41 (31126)

BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romana, R. 5 de 6 R. Marquês de Olhão, (383800)

BAIXA — Estácio, Pr. D. Pedro IV, 60-63 (321067-324224) ❁ Marão — R. do Assunção, 7-19 (321289)

BENFICA — Benfica, Estrado de Benfica, 678-E (702532) ❁ Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027)

CAMPO DE OURIQUE — Portírio, R. Francisco Metrass, 59 (663349)

CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 38 (714682)

CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (680304) ❁ Ivone, Ld.ª Rua Silva Carvalho, 282-C (650760)

CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780 81)

CONDE DE REDONDO — Jaime José da Costa, R. Conde de Redondo, 68-72 (54342)

ESTEFÂNIA — Universal, R. Actor Taborda, 5-1 (44 58)

ESTRELA — Paivas & Parente, R. de Santo António á Estrela, 96-98 (655 96) ❁ Martins, Calçado do Estrela, 67 (660823)

GRAÇA — Arnall, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) ❁ Morão, Largo da Graça, 63 (860700)

INTENDENTE — Intedente, L. Intendente Pina Manique, 50 (47838).

LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ❁ S. Tomé Est. do Desvio, lote, 12-C (790704)

MADRAGOA E SANTOS — Fontoura de Carvalho, Rua de Santos-o-Velho 12 (662075)

OLIVAIS — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (881623) ❁ Antunes Rosas, R. C, lote 199—Olivais Sul (3 36 10).

PEDROUÇOS — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório 7 P. M. 3 (610256)

PICHELEIRA — Mariluz, Caís da Pichelaria, 40-B-C (720703-728395)

RATO — Soares, Av. Álvares Cabral, 1 (684282).

REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (773728).

S. PAULO — Central, R. de S. Paulo, 108 (320389)

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (á Av. D. Afonso III) (843439) ❁ Martins, Ld.ª, R. Fernão de Magalhães, 33 (849448)

MOSCAVIDE — Farmácia Banha — Av. Moscavide, 22 — (Tel. 2518518).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av. Combatentes da Grande Guerra, 66 (Tel. 213953)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 86 (Tel. 2420034)

OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PAREDE — Grincho — Av. da Republica, 87-A (Tel. 247204)

ESTORIL — Lopes — R. Haugar 3 (Tel. 260008)

CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Calcas (Tel. 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo — P. D. João I, lote 46 — Barro Janeiro (Telef. 938551); Central — Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210), Igreja — P. da Igreja, lote 2 (Telef. 937740); Jardim — Av. Conde de Oeiras, loja X-1 — Reboleiro (Telef. 938424)

DAMAIA — Confiança — Est. Militar, lote D (Tel. 971023)

QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950045), Queluz — Av. Miguel Bombarda, lote 4 (Tel. 951844).

CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 98 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)

SINTRA — Misericórdia — L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391).

COLARES—Colares—Abreia (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100);

ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA — Magalhães — R. Capitão Leitão, 10 (Tel. 270242).

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 174 (Tel. 224302).

BARREIRO — Central — Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2273207).

COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. dos Barrocos, 50-A (Tel. 275182).

MOITA — Silva Rocha — P. da República, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).

SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028).

SETÚBAL — Marques — R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783); Benfim — Av. Rodrigues Manitto, 12 (Tel. 24558).

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 2 21 85 80)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injecções — Tratamentos — Veias — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

Telef. P. P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE

CLÍNICA GERAL

CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA

INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS

Rua Conde Redondo, 56, 2.º

Telef. 43738

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO	Cotes	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4% 1	530$00	—	535$00
Consolidado 3% 1. 10	550$00	550$00	—
Consolidado 3 /2% 1	650$00	—	650$00
Centenários 4% 940	1.535$00	1.530$00	1.540$00
Obgs Tes 4 1/2% 942	—	—	—
Obgs Tes 4 1/2 % 943	—	—	—
Obgs Tes 4 1/2 % 944	—	—	—
Externa 1.ª série	—	—	850$00
Externa 1.ª série cor.	—	—	850$00
Externa 2.ª série	—	—	—
Externa 2.ª série cor.	—	—	—
Externa 3.ª série	880$00	875$00	—
Externa 3.ª série cor.	900$00	895$00	—
Caut. de 3.ª série s/luro	—	210$00	220$00
OBRIGAÇÕES			
Aguas de Lisboa 3 %	—	480$00	490$00
C. P. 4 /2 %	940$00	935$00	945$00
Gás e Electricid. 3 3/4 %	—	840$00	—
Gás e Electricidade 4 %	860$00	860$00	—
Gás e Electricid. 4 1/2 %	880$00	880$00	—
Gás e Electricid. 5 %	930$00	920$00	940$00
H. E. Douro	870$00	870$00	875$00
H. E. Norte de Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
Metropolitano	—	910$00	918$00
Petroquímica	—	—	—
Sonefe	805$00	800$00	805$00
T. A. P.	—	—	—
Termoeléctrica Portuguesa	840$00	840$00	850$00
U. Eléctrica Port. 3 3/4%	—	83$00	—
U. Eléctrica Port. 4% 945	85$00	84$50	—
U. Eléctrica Port. 4% 948	85$00	84$50	—
U. Eléctrica Port. 4 /2%	—	90$00	—
U. Eléctrica Port. 5% 951	—	83$00	—
U. Eléctrica Port. 5% 952	—	83$00	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	930$00	930$00	933$00
Alentejo	610$00	610$00	615$00
Angola	—	1.480$00	1.500$00
Burnay	—	2.800$00	—
Crédito Predial	—	—	—
Espírito Santo	—	13.050$00	13.100$00
Lisboa & Açores	—	—	4.080$00
Portugal	—	—	2.420$00
Português do Atlântico	—	5.000$00	—
Totta-Aliança	—	4.100$00	4.300$00
Ultramarino	435$00	1.430$00	1.435$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	280$00	282$00
Sagres	—	—	1.200$00
Soberana	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Açúcar de Angola	640$00	630$00	660$00
Ag. Cassequel	—	470$00	500$00
Ag. Colonial	—	110$00	—
Ag. das Neves	—	110$00	130$00
Baror	110$00	110$00	115$00
Cabinda	—	89$00	92$00
C. A. D. A.	—	—	—
Cot. do Buzi	59$00	58$00	60$00
Diamantes	1.050$00	1.040$00	1.050$00
Ilha do Príncipe	—	400$00	450$00
Incomati	—	900$00	1.000$00
Lobito	—	395$00	405$00
Moçambique	40$00	39$50	41$00
Sonefe	220$00	220$00	225$00
Zambeze	—	42$00	—

C.as Diversas			
Cimentos Leirio	—	1.750$00	1.850$00
Cimentos Tejo	—	—	2.440$00
Ca. Navegação	595$00	590$00	600$00
C. U. F.	—	1.005$00	1.020$00
Industria Aliança	—	—	640$00
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	—
Portugal e Colónias	1.210$00	1.210$00	1.215$00
Port. de Celulose	—	—	2.950$00
Port. de Pesca	—	630$00	660$00
Port. de Tabacos	400$00	398$00	400$00
Sacor	—	4.700$00	4.800$00
Siderurgia Nacional	—	—	—
Soca	—	1.900$00	—
Tabacos de Portugal	—	730$00	770$00
U. F. Azoto	—	661$00	690$00
Electricidade e Gás			
Aguas de Lisboa 934	—	395$00	—
Aguas de Lisboa 936	—	390$00	—
Eléctrica das Beiras	—	1.485$00	—
Gás e Electricidade	375$00	374$50	375$00
H. E. Alto Alentejo	165$50	156$00	157$00
H. E. Cávado	—	1.205$00	1.220$00
H. E. Douro	1.198$00	1.197$00	1.199$00
H. E. Portuguesa	—	—	1.800$00
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	—	—	—
Nacional de Electricidade	1.310$00	1.308$00	1.310$00
Termoeléctrica Portuguesa	1.345$00	1.340$00	1.380$00
União Eléctrica Portuguesa	198$00	197$00	199$00
F. DE INVESTIMENTOS			
F. I. Atlântico	—	151$30	155$80
F. I. D. E. S.	—	105$20	108$40

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	12/6/968	19/6/968	20/6/968
GERAL	101,9	100,6	100,8
METROPOLITANAS	101,7	100,9	100,8
ULTRAMARINAS	103,6	98,2	100,8

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	35$50	38$00
América:		
Dollars de 1 a 2	28$25	28$65
Dollars de 5 a 000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$08	7$28
Argentina — Peso	—$—	—$—
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	6$00	9$00
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Liro	$04,5	$04,68
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$562	$582
França — Franco	5$00	5$70
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	319$00	334$00
Inglaterra — 1/2 Libra	230$00	250$00
Ouro Fino — Barra	38$00	40$50

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras papeis de crédito

Tel. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO LUIZ — Tel. 32 71 72
Às 15 e 21 h. (Adultos) Festival da Casa da Imprensa «Os melhores filmes 1963-1967»
WINCHESTER 73
UM IATE PARA A JAMAICA

IMPÉRIO — Tel. 55 51 36
Às 15.15 e 21.30 (Adultos) O moderno cinema inglês
MENTIRA IMPERDOÁVEL
Um filme de **Lance Confort** com **William Sylvester** e **Barbara Shelley**

estúdio — Tel. 55 51 36
As 15.30, 18.30 21.45 — Adultos 4.ª SEMANA
Um filme de LUCHINO VISCONTI inspirado no romance de ALBERT CAMUS, c/ **Marcello Mastroianni, Anna Karina, Bernard Blier**
O ESTRANGEIRO

POLITEAMA — Tel. 82 62 05
HOJE, À NOITE, às 21.30 REAPARIÇÃO **de um êxito de sensação mundial**
O mais fabuloso festival de riso de todos os tempos
CANTINFLAS, O BOM PASTOR (Col.) (Maiores 12 anos)

Hoje, às 18.30 — SESSÃO CLÁSSICA (Maiores 17 anos)

MUNDIAL — Tel. 53 87 43
As 15.15, 18.15 e 21.30
Não perca esta oportunidade de
UM HOMEM... E MUITAS MULHERES
RIR... RIR... RIR
Antonella Lualdi — Peter Alexander
M. 17 anos COLORIDO

CONDES — Tel. 32 25 23 e 32 67 10
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos) MR. SOLO EM ACÇÃO—CINEMA DE ALTA TENSÃO!
Robert Vaughn e David Mc Callum em
O ESPIÃO DO CHAPÉU VERDE
— The Spy in the Green Hat —
Jack Palance — Janet Leigh — Letitia Roman
Ar condicionado Metrocolor

RESTELO — Tel. 61 03 75
As 21.30 (Adultos) (M. 17 anos) Uma sátira admirável que proporciona um filme excepcional
Em Technicolor e Techniscope
NA ITÁLIA É ASSIM
(MADE IN ITALY)

Mercê de um tratamento especial, esta casa está permanentemente higienizada contra bactérias, fungos e micróbios

CINE-TEATRO **LIDO** — Tel. 93 75 93 AMADORA
As 21.30 h. (M. 12 anos) **Desesperada luta de um «cow-boy» pela sua liberdade**
O SOLITÁRIO DE NEVADA
com **George Martin** e **Marianne Rock**

TERRASSE — Tel. 32 09 17
As 15 e ás 21 (M. 17 anos)
OS MAUS TAMBÉM AMAM
PARTY EM PIJAMA

CASINO ESTORIL — TELEFONE: 26 07 29
As 21.30 (M. 17 anos)
SETE VEZES MULHER
COLORIDO
com **Shirley MacLaine, Alan Arkin, Rossano Brazzi** e **Michael Caine**

CINEMA IDEAL — Tel. 32 41 94
As 21 horas (M. 12 anos)
QUE NOITE RAPAZES!
A FRONTEIRA DO MISSISSIPI

EUROPA — Tel. 68 10 18
As 15.15 e 21.30 (M. 12 anos) Em 70 m/m A história ardente de uma mulher apaixonada
LONGE DA MULTIDÃO
Julie Christie — Terence Stamp — Peter Finch

IMPERIAL — Tel. 4 59 33
As 15 e ás 21 h. (Adultos)
O HOMEM COM A MORTE NOS OLHOS
À PROCURA DO AMOR

ELIZ — Tel. 4 85 60
As 14.45 e 21 h. (Adultos)
PAIXÕES QUE ESCALDAM
A VIÚVA NEGRA

MONUMENTAL — Tel. 55 51 31
Às 15.15 e 21.30 (12 anos) 8.ª SEMANA
ADIVINHA QUEM VEM JANTAR?
com **Spencer Tracy Sidn Poitier Katharine Hepburn**
TECHNICOLOR
EM COMPLEMENTO:—O documentário a cores «10 DE JUNHO — DIA DE PORTUGAL», realizado por **Silva Brandão** e produzido pelo S. N. I.

SÃO JORGE — Tel. 54153 - 54154
As 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 17 anos) EM 3.ª SEMANA
James Mason, Geraldine Chaplin e Bobby Darin em
UM ESTRANHO EM CASA
Extraído de um romance de GEORGES SIMENON
Em COMPLEMENTO:—O documentário a cores «10 DE JUNHO — DIA DE PORTUGAL», realizado por **Silva Brandão** e produzido pelo S. N. I.

TIVOLI — Telef. 505965
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
CARY GRANT e **DEBORAH KERR** numa famosa comédia
O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA

ROMA — Balcão 72 91 02 Plateia 72 77 78
As 15.30 e 21.45 (Adultos)
Leo Gena, Heinz Drache, Margaret Lee e **Christopher Lee** numa palpitante aventura de Edgar Wallace
O CIRCO DO TERROR
(Em eastmancolor)
Um filme concebido para quem gosta de emoções fortes!

EDEN — Tel. 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.45
Um filme de grande emoção de **Henry Hathaway**
DESAFIO AO MEDO
Colorido — M/ 12 anos
com **Stewart Granger** e **Gabriela Licudi**

ALVALADE — Tel. 76 20 80
Às 15 e 21 h. (Adultos) Festival da Casa da Imprensa «Os melhores filmes 1963-1967»
UM IATE PARA A JAMAICA
WINCHESTER 73

estúdio 444 — Tel. 77 00 95
As 15.30 18.30 e 21.45 (Adultos)
15.ª E ÚLTIMA SEMANA
A PRINCESA
Realização de **Ake Falck**, com **Crymet Molvig** e **Lars Passgard**

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 21 e 45: «O tempo e a era» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A louca de Chaillot» (17 anos).

CINEMAS
SALÃO LISBOA — Às 21: «Uma bala para um bandido» (12 anos).
PARIS — Às 21: «A vingança de Pecos» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «Dois espiões de guarda-chuva» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «A última batalha» (17 anos).
IMPERIAL — Às 21: «O homem com a morte nos olhos» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Uma francesa em férias» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Contos da lua vaga» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Despedida de solteira» (17 anos).
CINE-ENCARNAÇÃO — Às 21 e 30: «O duplo homem» (12 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Fantomas» (12 anos).
CASTANHEIRA — Às 21 e 45: «O último Moikano» (12 anos).

● **Linha de Cascais**
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «A marca do vingador» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE Às 21: «Momento a momento» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O homem da mala preta» e «À procura do ídolo» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17: e ás 21 e 30: «Sete vezes mulher» (17 anos) e CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «30 Winchesters» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Paixões que escaldam» (17 anos).

● **Linha de Sintra**
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Dio come te amo» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Sebastian» e «D'ngaka» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHAIBY — Às 21 e 30: «Ferrery» (12 anos).

● **Outra Banda**
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Soror Angélica» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21: «Ambição do ouro» e «Objectivo garotas» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNHÃO ARTISTICIA — Às 21 e 45: «Ulisses» (12 anos)

ODEON — Tel. 32 62 83
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30 EM 3.ª SEMANA DE FABULOSO ÊXITO
Um novo estilo de comédia musical sempre fascinante
NOIVA POR UM DIA
com **Rocio Durcal** e **Vicente Parra**
A história de uma jovem «alugada» para fingir o que não era...
(Col.) (maiores de 12 anos)

AVIS — Tel. 53 23 00
As 15.30 e 21.45 (Adultos)
CHRISTOPHER LEE, HORST FRANK e **ISAI-CHIN** noutra estranha e diabólica aventura, fotografada em eastmancolor
A VINGANÇA DE FU-MANCHU
O mais audacioso filme desta famosa série!

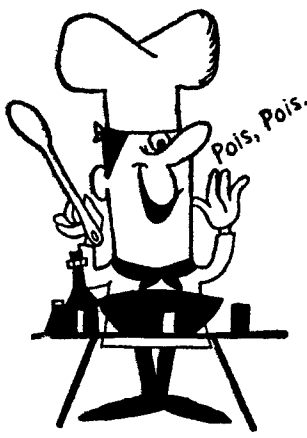
ESPECULAÇÃO NO COMÉRCIO DE CARNE DE OVINO E CAPRINO

SOBRAL DA ADIÇA, 20 — Tudo indica que o comércio de carne verde de ovino e caprino está a atravessar um período de intensa especulação, nesta freguesia. Com efeito, o gado é comprado a 8$00 por quilo (o mesmo que se praticava há seis anos) e menos ainda, em alguns casos; a carne, por sua vez, é vendida a 32$00 (mais 14$00 do que há seis anos). Quer dizer: enquanto o preço de compra ao criador estacionou, o preço de venda ao consumidor aumentou substancialmente.

Também a carne de suíno tem sido objecto de menor ou maior especulação. Basta citar o caso da linguiça, de fabrico local, em cuja confecção entra elevada quantidade de toucinho e que, mesmo assim, é vendida a mais de 60 escudos por quilo, muito acima do que está tabelado para os enchidos.

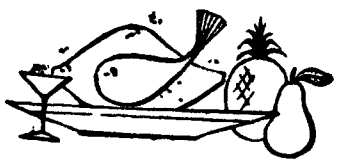
O centenário de Jorge Colaço

Na terça-feira, ás 17 horas, no Palácio Galveias, ao Campo Pequeno, será inaugurada uma exposição comemorativa do centenário do artista Jorge Colaço.



J. PIMENTA, LDA.
ANDARES DE 2 A 10 DIVISÕES ASSOALHADAS
TEM 150 CONTOS?...
Aplique as suas economias na nossa, que é a vossa organização e obterá rendimentos de 8% na compra de apartamentos mobilados.
ESCRITÓRIOS
EM LISBOA — Rua do Conde de Redondo, 53, 4.º-Esq. — Tel. 4 58 43 e 4 78 43
EM QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Tel. 95 20 21/22
EM REBOLEIRA — AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — Telefone 93 36 70

BALANÇAS «SUPREMA»
MÁXIMA PRECISÃO
ELEGANTES E MODERNAS
UTILMÓVEL
VISITE O STAND 455/458 PAVILHÃO E
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
LISBOA ● TEL. 36 24 23 - 32 57 01 - 37 09 89
PORTO — COIMBRA — FARO — CACÉM — SANTARÉM — SETÚBAL — AVEIRO — MADEIRA — AÇORES

bom apetite


Restaurante CASTANHEIRA — DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ESPECIALIDADAS DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

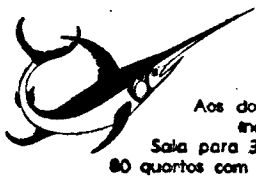
ILHOTA
RESTAURANTE
R. ILHA DO PICO, 19-21
Telef 49063 (Junto à Estefânia)
PRATOS VARIADOS TODOS OS DIAS
AMANHÃ
BACALHAU À ILHOTA

RESTAURANTE **SANCHO**
Trav. da Glória, 14 — Telef. 369780
ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE
NO MELHOR AMBIENTE
SALA PARA 40 e 80 PESSOAS
● AR CONDICIONADO ●

Parreirinha do Rato
Restaurante, snack-bar, cervejaria, mariscos
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 11
(entrada pelo arco) — Tel. 685908
Parque para automóveis

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144—Tel. 790211
(2.ª Circular ao Campo Grande)
Aos Sábados e Domingos JANTARES DANÇANTES com o conjunto privativo AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)

tamboril
Restaurante—Snack—Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana) — Telef. 46247

VISITE SESIMBRA

Almoce no
HOTEL ESPADARTE
Serviço à carta e menú do dia — 55$00
Aos domingos das 12 às 16 horas, 8 pratos à escolha, incluindo a célebre caldeirada
Sala para 300 pessoas, marquise e esplanada frente ao mar
80 quartos com banho — Diárias desde 165$00 Telef. 22 91 89

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Racismo, pobreza e guerra são a origem da violência — afirmou CORETTA KING

WASHINGTON, 20 — (A. N. I.) — Perante milhares de negros e brancos e no mesmo lugar onde, há cinco anos Luther King proferiu o seu discurso «Tenho um Sonho», sua viúva falou desse sonho, citando o excerto final «livre, finalmente, livre, finalmente — graças a Deus, sou livre, finalmente».

Coretta King, que não escondia a emoção do momento, afirmou que a violência dos nossos dias tem origem «nos três demónios do nosso tempo — racismo, pobreza e guerra» — salientando, a seguir, que «a doença do racismo, o desespero da pobreza e a aflição da guerra» combinam-se para tornar a vida pior para os pobres, negros e brancos, dos Estados Unidos.

Segundo Patrick Murphy, director do serviço público de segurança, o número de assistentes á manifestação do dia da solidariedade não deve ter excedido os 50 mil. Este número é superior ao das últimas perspectivas, embora seja inferior ao que inicialmente se previa.

CHICAGO (Illinois), 20 — (A. N. I.) — As armas de fogo mataram mais pessoas do que os acidentes de viação, no condado de Cook (que inclui a cidade de Chicago) durante o ano de 1967, informa o médico legista Andrew Toman, acrescentando que as cifras respectivas foram de 607 e 591 mortos.

O PROBLEMA DAS RELAÇÕES COM AS MISSÕES PROTESTANTES ABORDADO PELO GOVERNADOR DE ANGOLA (TEN.-CORONEL REBOCHO VAZ)

SILVA PORTO, 20. — O governador de Angola, ten.-coronel Rebocho Vaz, referiu-se ao problema das relações do Governo-Geral daquele território oeste-africano português com as missões protestantes, ao visitar a escola da missão protestante de Chilesso, durante a visita que faz presentemente ao distrito do Bié, informa de Silva Porto a agência noiciosa Lusitânia.

Respondendo a palavras do pastor local, disse o governador:

— É certo que existiu uma desconfiança das autoridades em relação às missões protestantes.

O ten.-coronel Rebocho Vaz acrescentou:

— Se o problema gira à volta da promoção social, de educação, de saúde, de melhoria de vida, não há razão para haver qualquer desconfiança. Ao contrário, se o problema se situa em razões de outra natureza, especialmente de natureza política, ou outras que envolvam qualquer dúvida sobre a nossa honrosa condição de sermos todos portugueses, existe, necessàriamente, problema.

E o governador disse ainda:

— O Governo Português não impõe qualquer limitação a que qualquer cidadão seja católico ou seja protestante. As nossas leis dão uma liberdade absoluta de culto, no plano espiritual. O nosso Governo, nós portugueses, apenas pomos limitações a essa liberdade quando qualquer católico ou qualquer protestante se desvia dessa linha espiritual ou religiosa.

E o ten.-coronel Rebocho Vaz sublinhou:

— Não podem as autoridades estar de um lado, num clima de permanente desconfiança, nem podem as missões afastarem-se das autoridades e não buscarem esse contacto. É necessário dialogar. É preciso falar.

de VEZ em quando

Noite de apoteose. A época de «ballet» oferecida ao lisboeta teve ontem a sua consagração. Cheio como um ovo, o Coliseu parecia um estádio. E, se pusermos de parte pequenos exageros provocados por juvenil idolatria, foi uma noite de encantamento. Fica-se extasiado ao ver aplaudir um bailado como se vitoriam os golos do Benfica, o que nos leva a pensar na viabilidade de ampliar entre nós as épocas de espectáculos deste género (e já não queríamos que fossem tão grandes como as do futebol). Mesmo que para isso fosse necessário inventar um «totoballet», para o qual muitos balletomanos não se importariam de colaborar regularmente com simples ou duplas. Daí viria a possibilidade de oferecer ao público, com regularidade, bons e baratos espectáculos. A avaliar pela amostra de ontem, muitos seriam os que de bom grado trocariam uma perna inteira do Eusébio por um pé de «dame» Margot, ou uma defesa do Costa Pereira por uma pirueta do ex-camarada Nureyev.

V. D.

HOMENAGEM AO PROFESSOR VARELA CID

Alunos, antigos alunos, amigos e simples admiradores reuniram-se ao meio da tarde de hoje para prestarem homenagem ao prof. Lourenço Varela Cid, no Conservatório, por motivo de aquele professor e ilustre pianista ter atingido o limite de idade, deixando de exercer as funções docentes que até agora tem desempenhado naquele estabelecimento de ensino.

O prof. Lourenço Varela Cid viu assim, ao seu redor, caras amigas, algumas das quais pertencentes a alunos de dezenas de anos atrás.

Durante a cerimónia de hoje, que decorreu no melhor ambiente de camaradagem e respeito pela obra do pianista, voltou a pôr-se em destaque a justiça que haveria na instituição do prémio Varela Cid, o qual se destinaria a premiar anualmente um aluno do Curso de Piano do Conservatório.

O prof. Lourenço Varela Cid é ainda o presidente do Sindicato Nacional dos Músicos.

TUDO ISTO AO SEU ALCANCE...

... na magnífica baía de Lagos e num ambiente que agrada simultâneamente a estrangeiros e nacionais. Porque TORRALTA — Club Internacional de Férias proporciona-lhe (nas suas instalações da Praia de Alvor, ou no Hotel Golfinho, na praia de D. Ana — Lagos) as mais agradáveis férias, a preços muito acessíveis. E para pequenas economias, a partir de 28 contos, TORRALTA poderá também garantir um grande rendimento anual. Peça para a Av. Duque de Loulé, 66-A (ou pelos telefones 5 17 48 e 5 44 79) folhetos acerca de TORRALTA, a empresa de que já muitas centenas de portugueses são accionistas. E se pretende marcar instalações faça-o no mesmo local ou pelo telefone 428 de Portimão

M/6 anos

CAMPO PEQUENO

HOJE, AS 22 HORAS

Cavaleiros

JOSÉ ATAÍDE
VICTOR RIBEIRO

Espadas

FLORES
BLÁSQUEZ

RICARDO
CHIBANGA

Forcados

AMADORES
DO MONTIJO
chefiados por
António Sérgio

8 - TOIROS DE COIMBRA BARBOSA - 8

Em BUCELAS o «DIARIO DE LISBOA» está à venda na casa No CARREGADO e «DIARIO DE LISBOA» vende-se na CASA VICENTE ROMÃO BRAVO. VI-LANTE.

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

SUPLEMENTO
Diario de Lisbôa
LITERÁRIO

Ana Hatherly
Eduardo Prado Coelho
E. M. de Melo e Castro
José-Augusto França
Júlio Moreira
Lorrie Tussan

N.º 516/20 DE JUNHO DE 1968

São Vicente «encore une fois»

Folhetim artístico de José-Augusto França

HÁ muito se tranquilizara a «Questão dos Painéis». Caso típico dos anos 20 portugueses, da sua atmosfera passional, duma cultura artística ainda arraigada nos maus finais do século XIX, o tempo alterou-lhe os dados sociológicos e foi também dando algum juízo aos contendores. É claro que pôde ainda aparecer Fulano a proclamar em volumes sucessivos a solução do «mistério», e Sicrano à vender outro peixe definitivamente pescado; e mais dois ou três Beltranos a explorarem as mesmas águas — mas são «marginais», amadores ou curiosos destas coisas da arte, sem maiores responsabilidades.

Os notáveis livros de Adriano de Gusmão e de A. Vieira Santos, nos anos 50, tinham fixado o problema, como problema tratado e não já como «mistério» ou sequer como «questão». Fixado mas não resolvido, é claro, que muito falta ainda saber e investigar, para lá chegarmos, no seio de uma história da arte (e não só da arte) cheia de trevas.

Mas surgiu agora na revista francesa «L'Oeil» um magno artigo de Charles Sterling, que foi conservador do Louvre e tem vasta bibliografia de historiador da arte. Nele se dá o prolema por resolvido — o que parece um tanto exagerado.

O profissionalismo de Sterling dá-lhe sem dúvida autoridade para se debruçar sobre problemas filológicos e estilísticos — e, dedicando-se aos primeiros no artigo em questão, promete consagrar-se aos segundos em próximo texto. Esperemo-lo, lembrando-nos de que até hoje a contribuição de crítica estilística mais válida foi feita por outros historiador francês, René Huyghe. Desde já, porém, importa marcar certas restrições ás considerações de Sterling no plano filológico em que se coloca, com nítida preferência por interpretações iconográficas.

Em tais preferências não difere Sterling dos gostos nacionais, e identicamente se prende em conjecturas aliciantes. Pode até pensar-se que se mais figuras não identifica é porque não está bem a par da história portuguesa.

A identificação de S. Vicente é considerada definitiva: «o prolema da identificação do santo está definitivamente resolvido». A maneira «tranchante» de Sterling não deixará de ferir susceptibilidades. É bem feito, poder-se-á achar—«mais, quand même»...

Sterling avança rápidamente, sem se preocupar com dúvidas já expostas e que assim são varridas mais do que respondidas. Nova maneira de encarar o problema? Menos isso do que novo modo pessoal de agir. A metodologia de Sterling mantém-se ao nível daquela que José de Figueiredo usara — e como este seu amigo (a quem o artigo é dedicado), dela usa e abusa.

Mais interessante parecem as identificações do famoso «judeu» que, sem barbas, não poderá ser rabino e virá a ser o financeiro e erudito Isaac Abrabanel, e dos frades agostinhos, que leva a situar os painéis originàriamente em S. Vicente de Fora. É uma hipótese que não deixará de abrir perspectivas de interpretação do significado real da obra, tanto mais que Sterling, apoiando-se em pesquisas feitas na Torre do Tombo por uma aluna sua, americana, pode definir factos pertinentes da história do mosteiro.

Esta aluna, Mrs. Jean B. Rosenwald, apresentou na Universidade de Nova York (Institute of Fine Arts), em 1965, uma tese de diploma sobre «The Dating and the Meaning of the Panels of Saint Vincent». Seria importante conhecê-la — e é até bizarro que, tendo essa senhora tido uma colaboradora portuguesa, tudo se ignore em Portugal dos seus trabalhos.

MAS Sterling ocupa-se do significado dos painéis dando-os como um díptico comemorativo da conquista de Arzila (1471) — uma primeira parte representando «S. Vicente dando a Afonso V a missão de propagar a fé cristã em África pela cruzada», e uma segunda parte figurando «S. Vicente a confiar ao Condestável o comando da expedição». Entre elas, uma imagem esculpida. De S. Vicente (como defendera Reynaldo dos Santos na exposição de Londres, em 1955)? Não: do Infante Santo. Assim realiza o historiador francês o casamento (o casamento místico...) entre as duas versões maiores, num curioso «tour» de prestidigitação.

Terá ele razão na sua interpretação ideológica — para a qual algo se inspirou em Jaime Cortesão? É difícil responder, por certo. A sua ideia é lógica — tão lógica, ou mais, ou menos, do que outras já expostas. Mas as «vues de l'esprit» nem sempre se acomodam á realidade — mormente quando o pesquisador não co-

(Continua na 6.ª página)

«dossier» reaberto

O SÍMBOLO, romance de Alvah Bessie (um dos dez de Hollywood; após o exílio, vários anos de silêncio e de trabalho obscuro como argumentista de séries B; vive actualmente em San Francisco, num pequeno *night-club)*, reconduz o leitor á personalidade fascinante e à vida tumultuosa de Marilyn Monroe, procurando responder ao estribilho duma canção popular escrita pouco depois da morte da vedeta:

QUEM MATOU
NORMA BAKER?

Bessie não ousa uma resposta inequívoca, preocupado em sublinhar a complexidade da sua personagem principal (no romance, Wanda Oliver) e em traçar, aliás significativamente, um sintético esboço do mundo que a circunda.

De facto, na história de Wanda Oliver o romancista pretende não tanto fornecer o *seu* retrato de Marilyn mas lembrar a trágica realidade dum certo tipo de divismo criado por uma máquina implacável que leva as suas vítimas á destruição total. Reconstituindo a «ascensão e queda» duma deusa do sexo através dum diário hipotético e dum imaginário e ininterrupto diálogo entre a protagonista e o seu psiquiatra dois planos montados segundo a técnica dos *scripts* cinematográficos, semeados de *flash--backs* e de subtis anotações psicológicas), Bessie bisturiza uma tentativa angustiosa de adaptação ao mito criado e da sua libertação pelo amor: uma procura que termina na solidão e na indiferença geral — talvez (na hipótese formulada pelo autor) devido á impossibilidade do prazer sexual que teria caracterizado a vida fisiológica da vedeta, impossibilidade que a levara ao falhanço, tornando obsessivo, da sua integração social e humana.

A hipótese surge documentada o suficiente para se tornar plausível. Mas ao leitor caberá a resposta final ao estribilho da canção.

QUEM MATOU M. M. ?

Porém, num artigo publicado pela revista *Positif* em Outubro de 1962, o mesmo Alvah Bessie vai mais longe, sem dúvida impressionado pela (então) morte recente de Marilyn Monroe. A transcrição é longa mas esclarecedora, constituindo documento importante para o *dossier* das mitologias do cinema:

«Na sua ultima entrevista publicada *(Life,* 3 de Agosto de 1962), que foi efectivamente um testemunho revelador, até pela sua liberdade, Marilyn Monroe cita Goethe dizendo: «O talento cultiva-se na intimidade».

Depois acrescentou: «E isto é realmente verdade... Mas as pessoas andam sempre atrás de nós. Dir-se-ia que gostariam de dispor de nós, que gostariam de se apropriar dos bocados de nós mesmos...».

(Continua na página seguinte)

MM — «dossier» reaberto

(Continuação da página anterior)

«A industria do cinema», dizia ela, «devia conduzir-se (em minha opinião) como uma mãe cujo filho acaba de evitar á justa um automóvel. Mas, em vez de apertar a criança contra si, ela apressa-se a castigá-lo».

No dia 5 de Agosto, a «criança» Marilyn estava morta, com uma dose muito forte de barbitúricos. Tinha 36 anos.

Nenhuma nota foi deixada pelo «simbolo sexual» da nossa época, mas no artigo da *Life* ela indica com o dedo os seus assassinos. Porque «eles» são a indústria do filme e foi à indústria do filme que a matou.

Se isto vos parece exagerado, basta deitar uma rápida vista de olhos ao que aconteceu a esta jovem que estava longe de ser um mero simbolo sexual. «É isso que é aborrecido», dizia ela ao redactor da *Life*, «um simbolo sexual torna-se um objecto. Eu detesto ser um objecto».

E quando recusou ser um objecto puseram-na a andar. A sua falência foi triunfalmente anunciada por Hedda Hopper num artigo de primeira página do *San Francisco Cronicle* de 19 de Junho.

«Marilyn Monroe esgotou todos os recursos... foi ela quem pagou as favas... Despedida pela Twentieth-Century Fox, dificilmente constitui uma garantia suficiente para qualquer outro produtor que queira arriscar milhões de dólares no seu humor e nos seus caprichos».

(...) Num dos artigos principais de *Frontier Magazine* (Março de 1961), um dos Dez de Hollywood escreveu: «As deusas-cadelas odeiam-na cordialmente e não se poupam a esforços para a abater, a difamar, a denunciar pelos seus atrasos, os seus modos «não cooperadores» ou a sua «ingratidão» para com a indústria. É claro, a sua sedução universal é um espinho cravado nas áridas gargantas das mais secas (ou mais gordas) das harpias da imprensa mexeriqueira, mas mais importantes são ainda estes factos: desde início, ela nunca fez o jogo de Hollywood; não se entregava desde há anos, á publicidade pura e simples que alimenta esses parasitas do lombo ás fatias e os enche de campanhe: não telefona á cara Hedda ou á Lonella querida para que sejam «as primeiras a saber...» E mais importante ainda: «ela infringiu o código de Hollywood, casou com um homem acusado de ultraje ao Congresso, apoiou-o enquanto ele era insultado duma ponta á outra do país e finalmente absolvido pelos tribunais superiores. Pois não há dúvida de que o ultraje de Miller não tem parte pequena nas causas dos ultrajes infligidos quer a ela quer ao primeiro dramaturgo da América pelos jornalistas cinematográficos e os mexeriqueiros mais reaccionários».

Na entrevista da *Life*, Marilyn revelou ainda mais sobre o que aconteceu quando Miller estava em má situação: «... um certo alto responsável da companhia declarou que ou ele dizia nomes e eu o convenceria, portanto, a fazê-lo ou então estava acabada. Eu disse: «Sinto-me orgulhosa pela posição tomada pelo meu marido e fico a seu lado até ao fim».

Miller não disse nomes e Monroe ficou com ele, e mostrou na sua entrevista da *Life* um certo desprezo pelos altos responsáveis que controlam a indústria quando declarou: «Afinal eu não estou numa escola militar. Um estudio também é o lugar em que se pratica uma arte, não é apenas uma fábrica».

E mais: «Não me considero uma mercadoria, mas tenho a certeza de que muitas pessoas não me consideram de outro modo. Incluindo uma certa firma, de que não direi o nome». Igualmente: «E devo dizer que, se sou uma estrela, foi o publico que me fez assim. Não a firma, não uma pessoa em particular, mas o publico».

E ainda: «Se repararem, em Hollywood, onde se ganham milhões e biliões de dólares, não há nenhuma espécie de monumento ou museu... Ninguém deixou nada atrás de si: eles vieram, eles deitaram a mão, eles correm ainda — os que ganharam os biliões de dólares — nunca os trabalhadores».

(...) Também não pôde nunca esquecer as suas origens: filha ilegítima de uma mulher que passou a maior parte da vida num asilo de alienados; enviada para um orfanato e vivendo depois em doze lares adoptivos; por vezes mais que esfomeada e espancada até mais não poder; «adoptada» por fanáticos religiosos, partiu de menos que nada para atingir a celebridade mundial e a opulência financeira.

Ainda por cima, tinha sofrido três processos matrimoniais uma (ou mais) tentativas de suicídio e dois abortos e foi vítima, toda a vida, da instabilidade emocional tornada quase inevitável por tais acontecimentos. E o facto de ser esta instabilidade uma das causas determinantes da sua morte não anula nada esta evidência: que ela foi vítima da cupidez dos seus empregadores e da sua determinação em obrigar a sua «hot property» (a sua «vaca leiteira») a sujeitar-se ao compromisso mais total.

Como explicar de outro modo a «vendetta» que a perseguiu, desde o dia em que abandonou Hollywoord, nos anos 50, e veio para Nova Iorque estudar no Actor's Studio? Nessa época, estava ela no apogeu da sua carreira e os seus filmes tinham rendido milhões á companhia. Mas ela queria mais: queria ser uma boa actriz em vez de ficar «pin-up»; queria melhores argumentos, melhores realizadores — e mais dinheiro. E a companhia capitulou.

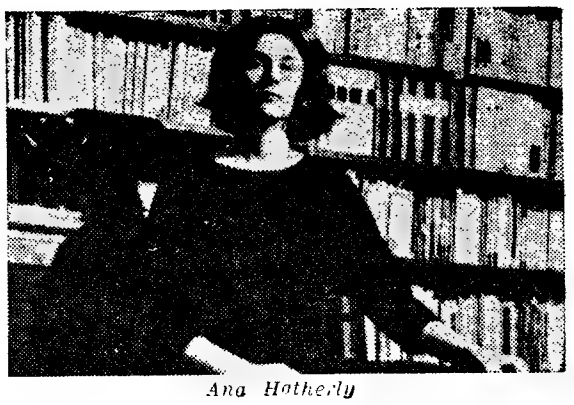
Mas a «vendetta» prosseguiu e não houve nada que esta mulher fizesse, quer fosse o desejo de representar Grouchenka em «Os Irmãos Karamazov», ler livros um pouco mais que superficiais ou fazer saber que tomava o seu trabalho a sério, que não fosse utilizado para fazer dela o alvo do escárnio e da calúnia.

Um momento veio, durante as horas nocturnas entre o 4 e o 5 de Agosto, em que a criança baptizada Norma Jean Baker, em 1926, no velho Hospital Geral de Los Angeles, viu enfim claro em si e o corpo irradiante consumiu-se. Uma parte do seu sonho realizava-se: as pessoas que a tinham feito estrela estavam estendidas a seus pés e ela caminhava com uma sensação de liberdade, atenta a não pisar ninguém.»

O SÍMBOLO

Wanda Oliver não é pois o retrato em *flash* de Marilyn. No romance de Alvah Bessie, a personagem perde os contornos precisos daquela que foi para os americanos o sonho em celulóide da Daisy Mae dos *comics* para atingir o valor e o significado de símbolo.

Símbolo trágico de uma época e de uma sociedade.



Ana Hatherly

Uma aventura poética

Com «Eros Frenético», recentemente publicado na colecção «Círculo de Poesia» da Moraes Editora, Ana Hatherly prossegue uma aventura poética em que o resultado do discurso conta menos que a sua formulação (e ordenação) estrutural.

As características pessoais das suas pesquisas num campo inegàvelmente rico de potencialidades sugeriram um breve encontro com o poeta e dele se registam alguns pontos essenciais.

● Dois anos de intervalo

«Eros Frenético» é uma colectânea de textos seleccionados entre os que escrevi durante um período de cerca de dois anos, 1964-66. Desde 1963, cada livro que publico corresponde a uma fase determinada da pesquisa que iniciei com «O Mestre» e que incide sobre as estruturas da narrativa, em todos os seus aspectos, inclusive o visual. Ao longo destes anos de pesquisa cheguei a algumas conclusões e são elas que têm orientado o meu trabalho.

● Pesquisa e participação

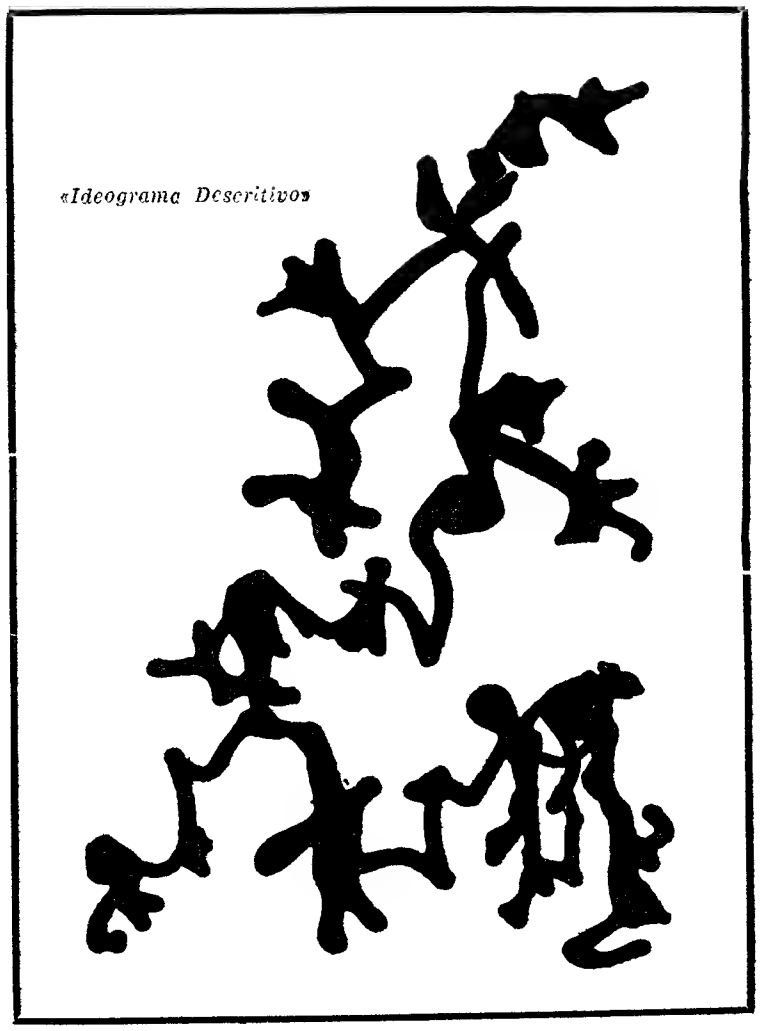
Não tenho a menor relutância em declarar que sou um pesquisador, um pesquisador da realidade a todos os níveis. Estou no mundo e a minha atitude é a de vigilante atenção. A minha pesquisa é uma pesquisa da linguagem e como a linguagem é o expoente máximo da comunicação entre todos os aspectos da realidade, a responsabilidade do escritor reside no facto de lhe competir, mais que a ninguém, observar, manipular, recriar precisamente a linguagem. Sinto-me socialmente responsável pelo trabalho que produza e por isso procuro agir dentro de uma ética de participação, criadora. Falo do que descubro e do que procuro descobrir. Trabalho tentando aperfeiçoar a minha percepção e a minha técnica. Ajo sobre a linguagem como ela age sobre mim, segura de ser esse o processo ultimo e primeiro de penetração da realidade.

● Um artífice que interroga

Sou um artífice que manipula e interroga a matéria com que trabalha. Estou no presente olhando para trás e para a frente. Acho que só as grandes máquinas fazem desenvoltas grandes percursos.

● A palavra-chave

Em «Eros Frenético» faço algumas experiências que para mim foram muito interessante, por exemplo, a manipulação de um poema lírico estruturado a partir de uma palavra-chave. Essa palavra, fundamental no poema, numa segunda versão é pura e simplesmente eliminada do texto, ficando em branco o espaço que ela ocupava. Eliminando a palavra-chave, pude verificar que afinal ela era perfeitamente dispensável para a coerência poética do texto. Então prossegui a minha manipulação retirando todo o texto e deixando ficar apenas a palavra-chave, que aparece rigorosamente nos lugares que ocupava no texto original. Isso permitiu-me verificar que o texto eliminado era perfeitamente dispensável. Mas aqui é preciso acrescentar que isso é assim porque ao apresentar a palavra-chave como uma estrutura, eu lhe acrescentei uma nova dimensão, visual, resultante da sua colocação no espaço da página. Além desta experiência há outras, como o poema em forma de espiral, que consiste num tema a partir do qual faço variações em circuito fechado criando semânticamente uma rotação que a si



«Ideograma Descritivo»

própria se acelera ritmicamente sem outra intervenção. Faço também experiências com interposição de planos de expressão, escrevo prosa em verso e verso em prosa, contradigo abertamente a teoria dos géneros.

● Do grafismo chinês

Quanto ao aspecto visual da narrativa, observei que todas as formas de comunicação são, de uma maneira ou de outra, narrativas, descritivas. Foi por ter verificado isso que me dediquei ao seu estudo sistemático. Estudei, inclusivamente o grafismo chinês, para tentar compreender o problema visual da narrativa. Fiz até hoje algumas centenas de experiências no campo do ideograma. Tenho mesmo planeada uma exposição com alguns desses trabalhos.

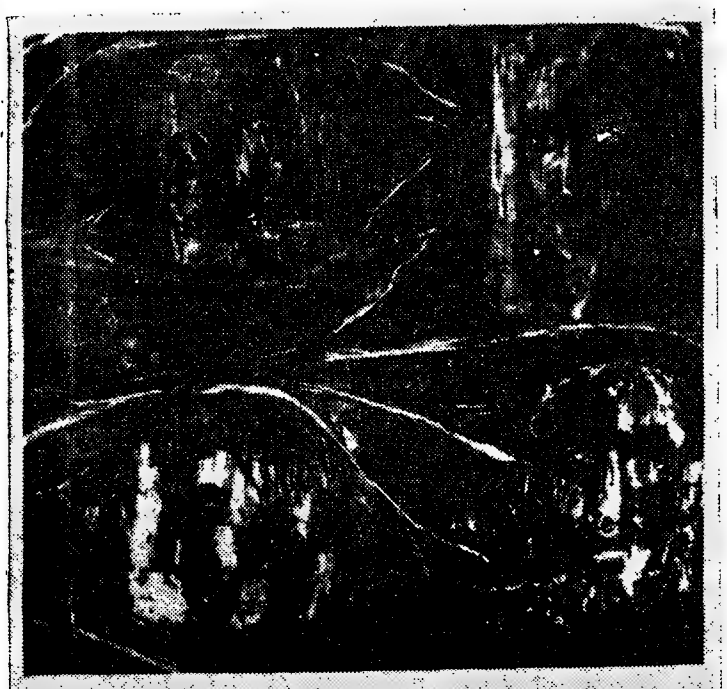
● Agir e comunicar

Trabalho isolada. A minha experiência concretiza-se na sua própria realização, traduzida em trabalho. Não estou de modo algum afastada das pessoas ou dos problemas dos meus contemporâneos, bem pelo contrário. A minha maneira de agir ao nível da comunidade assim o prova. A minha maneira de agir tem esta forma porque para um escritor como eu não podia ter outra. Alegra-me saber que há no mundo muita gente tentando agir, participar, interferir na realidade e que cada um encontra a sua via própria. Acredito numa necessária distribuição de tarefas. Defendo o princípio da diversidade, da necessidade do múltiplo. Seria uma pretensão inconcebível querer traduzir todas as formas da realidade ou tentar agir sobre todas elas. Embora eu tente constantemente alargar o meu campo de acção. Mas conheço os meus limites. E os dos outros. É mesmo a partir de aí que começa toda a minha actividade.

● A herança da aventura

A vanguarda é um termo que só se aplica com rigor à estratégia militar. Acho que o conhecimento ou o avanço ou o progresso ou como lhe quisermos chamar, não se faz com essa nitidez. Acho que o conhecimento é um processo de acumulação. Há séculos que trepamos nos ombros uns dos outros. Mortos ou vivos. Os modernos acabam sempre por ser antigos e depois primitivos. Nesse processo o que mais me impressiona é a quantidade incalculável de indivíduos cuja função é a de serem apenas lastro, suporte estatístico da progressão. Na verdade, o que talvez se possa dizer com algum rigor, é que há indivíduos criadores. Esses pertencem á família biológica dos aventureiros, em que a constante é a família, ou seja, a herança da capacidade de aventura.

Uma abelha na chuva



Carlos de Oliveira

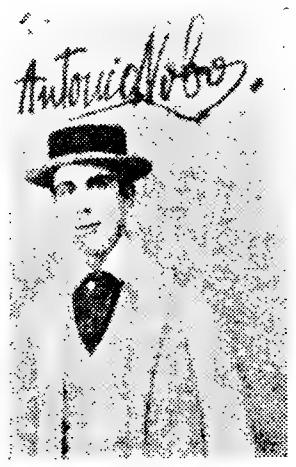
Méh az esőben

«Uma Abelha na Chuva», um romance que ocupa um lugar fundamental na História da Literatura Portuguesa, acaba de ser publicado em tradução hungara de Hargitai Gyorgy, numa tedição de bolso da casa Kossuth, de Budapeste. Tiragem: 60 mil exemplares; ilustrações no texto de Németh

Várias vezes reeditado e com os direitos de adaptação já adquiridos por um produtor cinematográfico, este romance de Carlos de Oliveira entra agora no circuito internacional da edição com um prestigio que bem define o valor intrinseco da obra. Nela, com efeito, se condensam as virtudes mais acabadas do grande prosador: o estilo, admirávelmente talhado de gosto clássico e de modernidade, a profundidade temática sem alardes de doutrinação, a humana e dolorosa compreensão das singularidades interiores de cada personagem.

Raros livros, depois de «A Casa Grande de Romarigães» e de «Barranco de Cegos» nos deram esse ruir de um mundo e de convicções com a densidade com que o fez Carlos de Oliveira neste seu romance. A comprovação dessa evidência pressupõe-se do êxito obtido pela versão hungara deste livro, uma vez que a mesma editora adquiriu recentemente os direitos de publicação, e para a mesma tiragem, de outro romance—«Casa na Duna».

O príncipe da Torre



António Nobre, 1893

«Anto mais do que a abreviatura de um apelativo representava para António Nobre a criação de uma nova pessoa», escreveu há anos Guilherme de Castilho, numa antologia dedicada ao poeta da Torre-de-Anto (ed. Arcádia, col. *A Obra e o Homem)*. E é este extraordinário solitário, este poeta que se mistificou e se fez ponto-de-fuga para projectar, a partir dele, todo o universo de uma sociedade melancólicamente a desfocar-se dos seus valores tradicionais, que Guilherme de Castilho numa bela edição Portugália (col. *Presença do Homem)* vem agora apresentar a publico numa biografia crítica notávelmente documentada.

Este *António Nobre*, pela devoção de trabalho que representa e pela subtileza com que absorve o espírito do personagem-poeta, ultrapassa de longe as apaixonadas elegias ou os estreitismos com que muitas vezes se tem estudado o autor do *Só*. Raros ensaístas como Guilherme de Castilho dispõem de tão vasta e tão seleccionada documentação sobre esta figura singular. Raros a saberão descrever com tamanha clareza, dando-a nas suas contradições existenciais e, com exemplar lucidez, situá-la humana e literáriamente nos ambientes que a moldaram.

«De entre as diversas pessoas dadas á critica nesta terra só Guilherme de Castilho poderia ter escrito um *Nobre* como aquele que firmou. Ir alinhando e coordenando, com ares de cronista insignificante que se abstém de comentar, o pior e o melhor, tudo o que se sabe e se conseguiu descobrir de novo acerca de uma figura e pôr na coordenação um poder de evocação que não romanceia, como na prosa escorreita um calor de simpatia que é pela figura escolhida e não pela bela demonstração de talento que o texto está sendo — eis o que melhor define e valoriza o livro. Não haverá admirador compreensivo de António Nobre para quem ele não fique sendo um *vademecum* indispensável...»

Com estas palavras saudou Jorge de Sena o *António Nobre* de Guilherme de Castilho e são tanto mais válidas quanto é certo virem de um grande poeta e de um exigente crítico.

Cacimbo . . .

«Cacimbo em Angola» — Notas — Contos — Crónicas e Narrativas de Eduardo Teófilo — Colecção Imbondeiro-1966

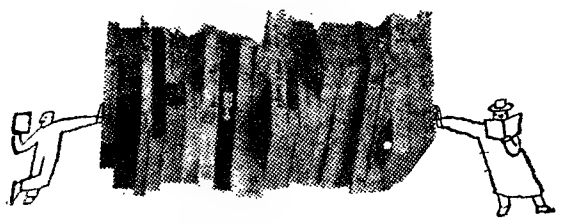
Neste volume reune Eduardo Teófilo alguns trabalhos que trazia dispersos por várias publicações com outros que tinha ainda inéditos.

«Cacimbo em Angola» é assim uma «manta de retalhos» que o autor serziu, com uma finalidade principal: — a de dar um testemunho humano sobre a Africa dos nossos dias, sobretudo aquela que pôde conhecer e amar ao longo dos seus quase quinze anos de vivência e contacto com as suas gentes, as suas paisagens, os seus ambientes, etc.

É uma Africa conturbada por ódios e guerras «absurdas» a que ele nos apresenta em pano de fundo. É sobre ela que constantemente se interroga, angustiado e inquieto. Mas nas suas narrativas é sobretudo o amor, a solidariedade e a compreensão que afloram com mais destaque, não havendo nelas lugar para conflitos resultantes de preconceitos rácicos ou de distinções sociais. Eduardo Teófilo não esconde o seu idealismo impenitente e gostaríamos de poder sonhar com ele em «Último Natal» — se não fora logo a seguir romperem-se-nos as asas ao chocarmos com a realidade de «Comunicado».

Bem certo que o autor não procurou essencialmentes fazer literatura. As suas notas, impressivas, algo apressadas por vezes, ressentem-se da escassez de tempo imposta por obrigações de carácter profissional e que impossibilitam o viver-para-a-arte que a arte exige. Todavia, são de tal modéstia as palavras da sua «explicação» final, que nos força a declarar-lhe que, sem duvida, *valeu a pena*! Em muitas páginas revela um talento de grande escritor que, com ele, lamentamos ter-se frustrado pelas circunstancias limitativas apontadas. Mas mesmo assim não deixa de ser uma das vozes mais válidas que, na nossa literatura, soube dar expressão aos problemas ultramarinos.

JOAQUM CORREIA



ESCAPARATE

(De 11 a 17 de Junho de 1968))

Autores portugueses

Título — O Tédio Recompensado.
Autor — Ruy Cinatti.
Editora — Guimarães Editores — Lisboa.
Colecção — «Poesia e Verdade».
Número de páginas — 94.
Preço — 30$00.

Título — O Espírito e a Graça de Guerra Junqueiro.
Autor — Luís de Oliveira Guimarães.
Editora — Romano Torres — Lisboa.
Número de páginas — 173.
Preço — 20$00.

Título — Feitiço do Namibe.
Autor — José Galvão Balsa.
Editora — Autor — Moçamedes.
Número de páginas — 94.
Preço — 30$00.

Título — Discípulos de David — I volume — Crónicas do Mundo de Ontem, de Hoje e de Amanhã.
Autor — Armando Paschoa.
Editora — Dep. Livraria Portugal — Lisboa.
Numero de páginas — 267.
Preço — 45$00.

Título — Monumento a Guerra Junqueiro em Lisboa — Acto da Inauguração.
Editora — Aillaud & Lellos — Lisboa.
Numero de páginas — 50.
Preço — 25$00.

Autores estrangeiros

Título — A Vida é Sonho — O Alcaide de Zalamea e O Mágico Prodigioso.
Autor — Calderón de la Barca.
Tradutor — Orlando Neves.
Editora — Livraria Civilização — Lisboa.
Colecção — «Civilização» — Teatro.
Numero de páginas — 308.
Preço — 15$00.

Título — A Caminho de Jerusalém. Romance.
Autor — Walter Scott.
Editora — Romano Torres — Lisboa.
Colecção — «Obras Escolhidas de Autores Escolhidos» — n.º 70.
Número de páginas — 460.
Preço — 40$00.

PORTUGÁLIA EDITORA

NOVIDADES E REEDIÇÕES

ADOLFO (seguido de Cecília), de **Benjamim Constant**

Glorioso expoente do romance psicológico, precursor **avant la lettre** da moderna literatura existencial, **Adolfo,** obra-prima da literatura clássica, **é o** livro que «atravessa as idades sem rugas nem poeira»; nele, os leitores de hoje encontram bem viva a perpetuidade dos sentimentos, a profundidade das paixões, a beleza e a exactidão da análise, a estreita fusão da arte e da vida. A novela **Cecília,** que acompanha o volume, prefaciado por Marcel Arland, é publicada pela primeira vez em Portugal.

Colecção OS ROMANCES UNIVERSAIS — 272 pp. 50$00

PÃO INCERTO, de **Assis Esperança**

A 2.ª edição de **Pão Incerto,** profundamente refundida pelo Autor, confirma a presença de Assis Esperança entre os nossos grandes ficcionistas. Prémio da Imprensa Cultural, **Pão Incerto** é um impressionante testemunho sobre a odisseia dos serranhos do Barlavento algarvio.

Colecção CONTEMPORÂNEA — 2.ª edição — 326 pp. 45$00

OFÍCIO DE VIVER, de **Cesare Pavese**

Surge finalmente a edição portuguesa de **Ofício de Viver,** marco na literatura de raíz intimista do século, que de 1935 a 1950 é o resumo de quinze anos de peregrinação humana e reflexo de uma solidão trágica e sublime. Diário íntimo, ou esboço de ensaísmo estético e vivencial, ou pesquisa atormentada de um modo de ser e de existir — **Ofício de Viver** é a lúcida confissão de um homem à procura de si mesmo e dos outros, dilacerante na consumação dramática em que finaliza («basta de palavras. Um gesto. Não escreverei mais»).

Colecção DOCUMENTOS HUMANOS — 390 pp. 65$00

A ALEMANHA SEM MILAGRE, de **Heiuz Abosch**

De Hitler até, pràticamente aos nossos dias, uma autópsia reveladora da Alemanha Federal, onde são analisados os factores económicos, sociais e políticos do «milagre» alemão, através da conjuntura da guerra fria, do sistema de alianças e das concessões ideológicas. Os capítulos sobre Adenauer, o exército e os seus objectivos políticos, a cultura (indústria de cultura), restituem um perfil da Alemanha bem mais conforme à verdade histórica dos factos do que o mito do «milagre» alemão.

Colecção PROBLEMAS — 324 pp. 45$00

A EVOLUÇÃO ECONÓMICA DE PORTUGAL, por Armando Castro (VII vol.)
Pela sua vastidão, pela importância e reperoussão cultural, pelo gigantesco esforço de investigação que representa, **A Evolução Económica de Portugal nos Séculos XII a XV** raros paralelos tem na nossa historiografia, e é o único estudo de carácter sistemático e exaustivo sobre o fenómeno económico na vida portuguesa. O 7.º volume, agora publicado, ratifica o alto significado do empreendimento na cultura nacional.

Colecção PORTUGÁLIA — 486 pp., 9 extratextos, 75$00

ECONOMIA E CONTABILIDADE DAS UNIDADES DE CONSUMO, por **Martim Noel Monteiro**

Um tratado teórico-prático sobre os aspectos económicos, administrativos e contabilísticos das unidades de consumo: associações, fundações, organismos corporativos, instituições de previdência social, serviços públicos, cooperativas. Tanto na parte teórica como na parte prática, são tratados desenvolvidamente todos os problemas relacionados com a actividade económica, processos gestivos, sistemas financeiros, seu orçamento e contabilidade, nas variantes que a sua diversificada natureza exige.

Colecção ECONOMIA & FINANÇAS — 484 pp. 130$00

A poesia barroca

por E. M. de Melo e Castro

Em 1967 publicaram-se no Brasil três obras que pouca ou nenhuma repercussão tiveram entre nós e que, no entanto, são, em diversos níveis de pesquisa, testemunhos de uma consciência crítica bem viva, sobre um problema maior da nossa cultura actual: a Poesia Barroca. Essas obras são as seguintes: «*Poesia Barroca — Antologia*» com introdução, Selecção e Notas de Péricles Eugénio da Silva Ramos — edições Melhoramentos — São Paulo; «*Apresentação da Poesia Barroca Portuguesa*», de S. Spina e M. A. Santilli — edições da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, S. P.; e finalmente os dois volumes de «*Resíduos Seiscentistas em Minas*» — de Affonso Ávila — edição do Centro de Estudos Mineiros, Belo Horizonte. Obras entre si de desigual valor, e ambições, não podem ser comparadas, pois só de comum têm o reconhecimento implícito do significado do Barroco no desenvolvimento da cultura e literatura em português, e o reconhecimento da necessidade de reabrir e estudar de novo o processo do Barroco — esse tão injusta e ignorantemente desprezado período da nossa literatura. É certo que no Brasil o problema tem uma acuidade muito nítida, porque à influência da Arte Barroca Portuguesa correspondem os primeiros impulsos culturais que levariam a arte brasileira a desenvolver-se autònomamente, como muito agudamente o nota a proposta de estudo sociológico do Barroco contida na obra de Affonso Ávila. Também nos textos contidos na Antologia dos Poetas Barrocos Brasileiros elaborada por Péricles E. da Silva Ramos, essa influência e impulso iniciais se tornam evidentes, embora a Introdução não ultrapasse o nível da informação académica vulgar sobre a Poesia Barroca.

DINAMIZAÇÃO E ABERTURA

No entanto, em Portugal, o Período Barroco não tem talvez, quando considerado apenas como período histórico, um significado tão decisivo como no Brasil, quer pelo contexto cultural, quer pelas circunstâncias políticas daquele momento.

Mas o importante para nós, homens da segunda metade do século XX, não é o período histórico dos séculos XVI e XVII mas sim a potencialidade dinâmica da ideia de Barroco. É a esta luz que em Portugal tem de ser reestudado o nosso fenómeno estético, chamado Barroco.

O Barroco apresenta-se perante a consciência crítica actual como um período de transição (e não de degenerescência) entre a atitude classicizante típica da Renascença e as formas progressivamente mais sensibilizadas e dinâmicas do Romantismo e do Modernismo.

O Barroco ganha assim o significado de dinamização e abertura, e desprende-se de um período histórico definido. Se procurarmos cuidadosamente, encontraremos características de actividade de tipo Barroco, por exemplo no século X e XI e em todos os períodos da História em que o equilíbrio das formas e das fórmulas perfeitas e o estatismo das certezas, dão lugar ao dinamismo das dúvidas e das perguntas, ao plurissignificado das formas, à crescente quantidade da informação contida nos sinais, à ambiguidade viva dos símbolos, ao espaço sensível das hipóteses, às formas dinamizadas na sua própria ascenção ou queda, ao ornamento estruturalmente funcional, à luz que potencializa os volumes, à sombra que define ou dilui guestàlticamente o fundo e a figura, às palavras em movimento que inventam as ideias, às metáforas e aos objectos em diálogo de informação mútua, à redução e rigor matemático do aleotório, contra os cânones rígidos da Beleza.

É por tudo isto que é preciso estudar e compreender o Barroco, não como mero período histórico mas sim como ideia mestra oposta à ideia de «clássico», definindo um dos dois modos do homem estar no Mundo, viver, criar e comunicar.

AS INTERPRETAÇÕES EQUÍVOCAS

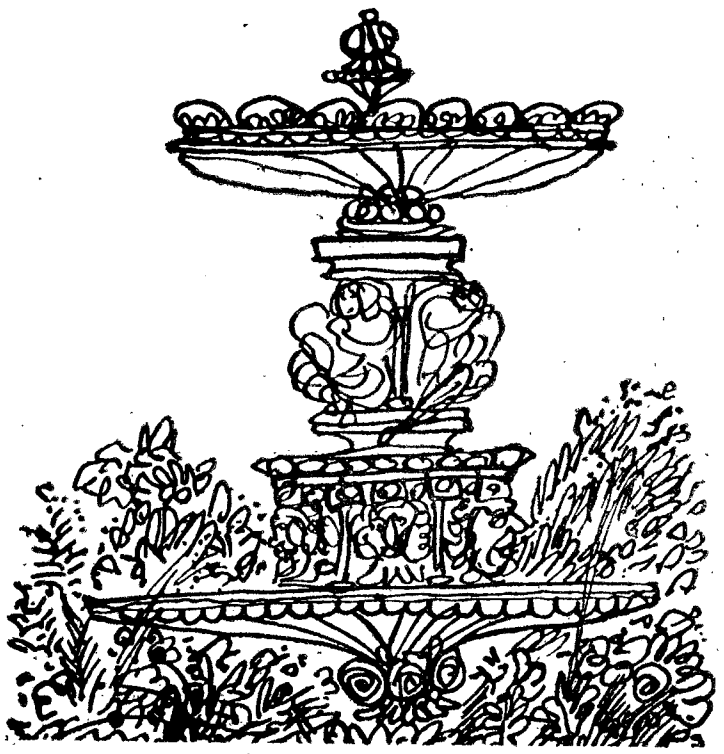
Na Península Ibérica o Barroco tem especial importância tanto na arquitectura como na literatura, mas é sobretudo no campo da literatura que o desconhecimento e as interpretações equívocas são mais notórias, possivelmente porque as obras literárias não são de pedra nem se vêem, nem ocupam o espaço das cidades, e podem mais fácil e impunemente ser esquecidas e negadas. Foi precisamente isto o que aconteceu e acontece com a Poesia Barroca tanto Portuguesa como Brasileira que jaz esquecida nas bibliotecas e apenas aparece mencionada nos compêndios e nas histórias da Poesia para ser mal compreendida e demitida como secundária em nome de princípios estéticos e críticos nem sempre claros e quase nunca adequados ou sequer assentes num conhecimento sólido e actualizado da natureza íntima do fenómeno poético e do seu modo de evoluir, para não falar já em deformações tendenciosas, principalmente de importação de França, país que nunca conheceu um período de literatura Barroca síncrono ou equivalente ao ocorrido em Portugal e Espanha. Não são portanto os modelos críticos franceses, quer racionalistas, quer empíricos ou intuicionistas, os mais adequados para se estudar e julgar o Barroco Português.

O URGENTE...

É neste aspecto que o Prefácio de S. Spina é exemplar e constitui uma das mais sérias contribuições para uma metodologia compreensiva da Poesia Barroca Portuguesa. Quanto à significação dessa Poesia para a Poesia Portuguesa actual de pendor experimental, é trabalho que já compete aos críticos e poetas mais novos e directamente interessados. Mas esse trabalho de pesquisa de fontes não pode ser feito sem um acesso fácil aos textos. Por isso a antologia de S. Spina é muito valiosa, mas não é um trabalho definitivo. Precisamos, sim, mas é da Edição completa dos 5 volumes da Fénix e dos 2 volumes do Postilhão de Apolo e da pesquisa dos textos Barrocos que jazem na Biblioteca da Universidade de Coimbra, asim como da publicação dos livros de autores individuais só parcial ou anónimamente incluídos na Fenix (exemplo: as obras de Soror Violante do Céu).

Numa entrevista recentemente publicada no «Jornal de Notícias», do Porto, o poeta brasileiro Haroldo de Campos referia-se a um problema que já em 1966 eu com ele discuti em São Paulo — a necessidade urgente de se fazer o levantamento rigoroso crítico-analítico e de processamento dos elementos linguísticos e estruturais da Poesia Barroca Portuguesa, com o intuito de melhor se determinarem as constantes da actividade poética em Português, e assim as raízes da actividade da Vanguarda Experimental portuguesa e da Poesia Concreta no Brasil.

Foi precisamente um levantamento deste tipo que numa zona limitada, em Minas Gerais, realizou o poeta Affonso Avila, produzindo um trabalho de maior importancia para se entender como o Barroco Português refloriu no Brasil com um vigor bárbaro novo, e como a «festa barroca» está na base da sensibilidade estética e social do brasileiro de hoje. É um trabalho modelar este de Affonso Ávila na amplitude da concepção socio-cultural do



(Continua na 7.ª página)

O espírito

«*Blow Up*»: Uma juventude fragmentada?

Uma «lógica» para fragmentar

Numa análise recente K. A. Jelenski estuda as atitudes dos «hippies» — uma juventude contemporânea influenciada por dois autores americanos, Marshall Macluhan («The Medium is the Message»), e Norman O. Brown («Love against Death»). A mensagem de Macluhan é a de que a juventude intuitivamente compreende o novo ambiente americano — aquele que agora está a transformar o mundo. Os jovens vivem-no «miticamente e em profundeza», mas «são instruídos conforme aos métodos de uma outra idade». Por isso, buscam uma fórmula para esta «idade visual da impressão»; a que reconhece «o místico da participação num universo «put-on». Jelenski cita Johan Cage (autor e músico americano) como um «herói» de Macluhan cujas ideias são bem representativas da juventude desta geração... «A forma é tirania»... A música mais desenvolvida é o silêncio»... «O projecto mais elevado é não se ter projecto».

Norman O. Brown advoga um regresso ao estado «pré-Édipal» e uma abolição de repressão. Procura uma reivindicação do «id» e uma condenação do «ego» pois que este é formado pelo passado por forças externas e alheias à natureza do homem «A fronteira entre a realidade interior e a realidade exterior é artificial; não é mais do que a muralha de defesa de uma personalidade repressiva».

Jelenski caracteriza o espírito da juventude como expressivo destas ideias:

«Compreende-se, assim, melhor o espírito de uma juventude que reivindica precisamente essas ideias e nas quais o traço comum é a recusa das imposições históricas, a denuncia da existência social tal como nos é proposta, o desejo de abolir as normas de identidade, a nostalgia do misticismo oriental ou do quietismo cristão.»

Este «espírito de juventude» é profundamente negativo, visto que provém de um condicionamento radical na história das sociedades: a quebra da Unidade. Hoje tem-se um ataque absurdo, sofisticado, desesperado e total, não sómente contra as crenças e formas da nossa civilização, mas também contra o acto de acreditar e ordenar — contra a Forma própria — que está a paralisar as estrtuturas tradicionais de pensamento e acção, de comunicação e organização. Em Macluhan, Brown e Cage vemos um novo espírito — um espírito centrífugo — impelido pelo «memonic principle», que descreve o teologo Paul Tillich.

O espectáculo apresentado pelo mundo moderno é o de uma explosão das restrições tradicionais de natureza e de sociedade. As Formas já não parecem capazes de conter nem o espírito inquieto e crítico do homem moderno, nem as mudanças exigidas pelo progresso. Porém, tem a destruição da Unidade resultado numa concomitante «soltura do contrário?». Na autêntica liberação do indivíduo e da sociedade? Basta sómente observar a condição do «man of progress» nos Estados Unidos para compreender como a confusa hesitação e a falta de objectivo, marcam esse novo «homem» sem «limitações» como um outro tipo de escravo.

Irónicamente, esta libertação da Forma parece ter estabelecido as suas próprias categorias de limitação em mais profundidade ainda e com maiores intimidações do que o fizeram as sociedades tradicionais. A Multidão, a monocultura — por um lado — e o Indivíduo «Alienado», por outro são inigmáticas manifestações dessa nova tirania. Qualquer delas exprimem a essência do Absurdo, isto é, um princípio de inversão de valores, desenvolvido em tais moldes que se transforma na sua própria contradição. A Liberdade como limite em si mesma.

Daqui se segue que a perspectiva do homem contemporaneo sofre uma inversão, uma vez que se dirige à descoberta do absurdo na vida, na natureza, no mundo exterior — antes ainda de o procurar descobrir na sua própria posição. Isso explica a confusão que resulta do confronto do caos com a conformidade e, do mesmo modo, forte atracção exercida pelas filosofias e atitudes do Absurdo como consequência das tentativas de racionalizar uma perspectiva invertida. (Kierkegaard, Kafka, Sartre e os Existencialistas, etc.).

Os efeitos desta atitude são particularmente trágicos ao nível da juventude. Até agora os americanos «têm abraçado o seu paradoxo» — convivendo na sua «sociedade livre», desenvolvendo uma estruturação mecanizada e estabelecendo soluções de compromisso. Mas uma nova geração está a reagir explosiva e intensamente a esta condição de Liberdade-Tirania. Falta-lhe no entanto uma base significativa que lhe permita compreender, condenar ou corrigir uma tal condição. O resultado é a busca de uma libertação total das ligações das definições, das limitações...

Nos Estados Unidos a tecnocracia tem em grande parte destruído, não só o contexto, mas também o conteudo fundamental de tradição: o artesanato, os hábitos e os rituais processados ao longo de uma ligação estreita com o ambiente natural. O americano sacrifica o saber da mão á produtividade da máquina. Prefere o ambiente artifical ao natural;

da juventude * O espírito da juventude

o acto de consumir ao de criar. A juventude americana nunca experimentou um tal conteudo tradicional a não ser fragmentàriamente. Ela é filha da idade electrónica e foi nutrida pela máquina. Não pode por isso reconhecer ou definir os autênticos valores de civilização. Sente os efeitos perturbadores dessa rotura e consequentemente pretende destruir os ultimos resquícios da tradição como elementos inadequados à vida que a rodeia. A idade tecnológica atinge o seu ponto.

Assim o acto inconsciente da fragmentação da unidade de valores adquire uma «lógica». A idade tecnológica projecta-se no seu «logical climax» através da derrota do humano e do civilizado. A excentricidade, o acidental e a expontaneidade adquirem agora um sentido e um mito. A razão é forçada a servir o irracional. Um Marshall Macluhan, falando para a idade electrónica, torna-se profeta — um profeta de descontinuações. Um Norman O. Brown, falando em nome das psiques desumanizadas é igualmente profeta — profeta das descontinuidades.

A juventude americana está a buscar o que a máquina lhe nega: um lugar na história, a autêntica existência social, o sentido da identidade, a assimilação da vida de outras pessoas. Mas a tragédia é a que os jovens não percebem que buscam estas coisas. Sensíveis ás consequências da fragmentação dos laços familiares e sociais, condenam a Sociedade em si mesma e não os factores responsáveis dessa crise. Isolados do mundo por força de identidade fragmentada, os jovens procuram perder-se numa mais larga experiência — experiência negativa — como as drogas ou a filosofia indiana.

«A nostalgia do misticismo oriental» é uma projecção do culto do Nada. Auarenta oferecer á juventude «la mistique de la participation» — um sentido de negação-aceitação; de conciliar o Um com o Outro... o eterno paradoxal problema do homem. O misticismo oriental é um regresso ao interior; uma rejeição de uma realidade hostil, desligada... uma evocação das experiências mais intimas. A sua atracção é devida, em ultima análise, á alienação da natureza e, consequentemente á desagregação da família, da comunidade e da religião. A vida na impessoal cidade americana, a máquina, a «consumer-society», têm destruido o sentido humano de fazer parte do mundo.

Paradoxamente, o individualismo da cultura americana nega uma responsabilização autêntica ao individuo. No mundo electrónico não há tempo para a criança. Em consequência, a criança chega a adulta, procurando sempre evasões infantais e revoltando-se contra os requisitos da vida adulta. Isso explica o «erotismo difuso» caracteristico da juventude americana.

As obras de Norman O. Brown são exemplos das tentativas em aplicar uma solução dificil e complicada (porque exprimida ao nivel de um altissimo e sofisticado intelecto), mas negativa e destrutiva na essência porque menospreza a disciplina primária e simples da infancia e o contributo de ternura que lhe é indispensável.

Porém, o erotismo—nem «difuso», nem concentrado; nem privado, nem social —, não pode fornecer no nivel adulto as carências frustradas na infancia. A descontracção do «id» só pode destruir o objectivo pretendido de trazer uma compensação a um individuo que é forçado a viver num sistema de disciplinas e de tensões dentro de um sistema bem delineado. Essas necessidades adultas são tão importantes e justificáveis como as da necessidade de ternura e de estabilidade. Mas o individuo só se encontra em condições de as enfrentar se puder dispor socialmente de si próprio e tiver dado satisfação ás suas necessidades infantais a um nivel infantil.

É compreensivel que a juventude dos Estados Unidos não tenha compreensão autêntica da essência da sua privação porque lhe falta a perspectiva que lhe permite observar a pessoa total nos limites do movimento entre a infancia e a velhice. Os jovens na América aderem á adolescência e ao seu «peer group», condenam a familia porque experimentam unicamente as consequências da familia desintegrada.

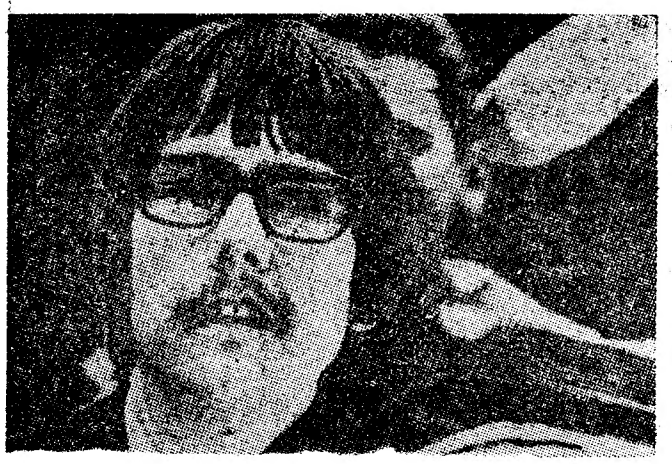
O que é significante neste «esprit de la jeunesse» é que não se vislumbra nele um sinal objectivo de revolta contra as causas de base da alienação. Pelo contrário, o que essa juventude tenta é ajustar essas causas a um nivel infantil. Como explica Jelenski, descrevendo a popularidade das obras de Tolkien («The Lord of the Rings»), a luta é encarada em termos de «uma reivindicação da inocência e da espontaneidade contra as estruturas inclementes do Poder». O activismo nos Estados Unidos e a participação da juventude no «Civil Rights Movement» têm exactamente esses aspectos.

Que espécie de comunidade poderá emergir deste «esprit de la jeunesse»? De maneira substancial pode afirmar-se que a civilização do Ocidente foi construida nos principios da antitese e da alienação, na substituição do natural pelo espiritual e também pelo artificial. Os patriarcas cristãos do século IV foram seguidos no deserto por multidões de povo em demanda de Deus. Eles foram postos perante o dilema de estabelecerem uma comunidade numa posição de anticomunidade, isto é, na alienação de uma sociedade existente para procurarem numa comunhão interior a base de uma nova organização.

O Cristianismo representa o ajustamento da sociedade ao mundo do espirito — a «Civitas Deus» antes da natureza. Santo Agostinho conciliara Platão com Freud (a razão com as emoções). São Tomás de Aquino conciliara a lógica com o misticismo, Reus com a «máquina». Como é evidente pela popularidade dual de Macluhan e Brown (pela «pop-culture» e erotismo), a juventude está a tentar a conciliação do ambiente electrónico com os impulsos primitivos, a máquina com o «id», a aceitação da «mass-society» com a fuga individual.

LORRIE TUSSAN
(Berkeley, 2Calif.)

Independentemente das ideias expostas, mas considerando a originalidade e o nivel intelectual da interpretação, o **Suplemento D. L.** *apresenta uma correspondência especial de Lorrie Tussan da Universidade de Berkeley, Califórnia, acerca de um problema de flagrante actualidade e segundo uma óptica representativa de um importante sector cultural norte-americano.*



Peter Handke: o leão amável

Godot quando jovem

Quando Leopoldo Stokowski, 86 anos, falou, há tempos, diante dos 210 estudantes que fazem parte da orquestra da American Youth Performe, ficou feita a demonstração de que muitas vezes o espirito de juventude permanece para além da fragmentação e da idade. «O que muitas pessoas parece não compreenderem é que se está a processar uma enorme transformação no nosno tempo, incluindo na música», disse o maestro. «Tudo se encontra num estado de vibração — o Sol, a Terra, as ideias — e tudo emana de um núcleo central com vistas a alargar o Universo.»

Este «universo em expansão» que Stokowski definiu, nessa noite do famoso Carnegie Hall, obriga a continuas alterações na concepção musical e por isso se lhe afigura ridiculo ouvir falar na morte da música e noutras «ideias feitas para travar a evolução da arte». Enquanto os adultos, na assistência, sacudiam a cabeça, desgostosos, Leopoldo Stokowski (relata o «New York Times» de 10 de Junho) continuou, impávido, a sua lição. Falou de Borodin e dos actuais compositores de vanguarda e tentou convencer (sem grande êxito, naturalmente) que a música que está nascendo corresponde á maneira de como o universo de hoje é composto. «Não há dúvida de que uma grande parte da educação é simples rotina».

O LEÃO NA JAULA

Enquanto isto, no lado de cá do Atlântico, na fria e americanizada Francfort, a voz do tempo tinha outro tom. Em vez da juba branca de Stokowski o que intrigava a multidão era uma cabeleira de pajem e um bigode adolescente.

«Sou um enorme leão na jaula» urrava o orador um jovem de 26 anos que desfruta de cartaz de sucesso na Alemanha: Peter Handke.

Mas que urro era este? A quem se dirigia, ou, antes, contra quem se dirigia? Em boa verdade, a proclamação tornara-se célebre por ter sido feita numa reunião do famoso Grupo 47 de que são expoentes máximos Hans Magnus Ezensberger, Gunther Grass e Uwe Johnson. Era um grito de guerra á geração dos escritores *engagés* e resultou. Peter Handke tornou-se, do dia para a noite, o *enfant terrible* (e sobretudo *gaté*) de uma certa juventude alemã. A única peça que até então escrevera, *Um Caso Ostensivo*, foi prontamente posta em cena e por mais heterodoxa que se mostrasse nos processos e no tema desapontou pela ingenuidade e pelo conteúdo inóquo.

A História não se faz por gerações, mas há gerações que fazem Histór.a Como a geração de 70 em Portugal, como a geração de 47 na Alemanha do pós-guerra. E a geração de Peter Handke? Terá ela realmente existência histórica? Será o sector da renuncia dentro de uma geração?

Marshall MacLuhan: juventude e mass-media.

GODOT EM TOM MENOR

Na sua nova peça teatral, *Kaspar*, simultâneamente representada em Francfort e Oberhausen, Handke retrata uma personagem histórica, Kaspar Hauser, cujas origens se encontram envoltas em mistério e que viveu nos principios do século passado em Nuremberga. Uma figura tosca, primitiva, desastrada nos gestos e na voz e ignorante das mais elementares causas e efeitos da vida.

Peter Handke, para quem não interessa qualquer noção de «conteúdo» ou a «realidade» mas apenas a fala, utiliza o seu Kaspar como uma cobaia do seu laboratório de sons. Um Godot, afinal. Um Godot mais gratuito do que o de Beckett mas sobre o qual ele exerce também infindáveis torturas.

Kaspar aparece como palhaço de tamancos vermelhos, camisa amarela e casaco de fantasia. A sua entrada no palco é um confronto com os objectos mais triviais da vida, que para ele são perfeitamente desconhecidos — a cadeira, a mesa, o guarda-fato. Para se identificar com eles, para lhes descobrir a função começa por lhes atribuir um nome, sons. De toda a parte caem sobre ele vozes, frases feitas, uma oratória frenética que mistura afirmações de politica com *slogans* de publicidade. As alicíações do universo civilizado bombardeiam inclementemente o homem primitivo, a pureza inicial.

NO PRINCÍPIO ERA O VERBO

Peter Handke acredita que a acção é o verbo e que o verbo está condenado pela ameaça dos meios de expressão das novas sociedades. Os sons misturam-se, perdendo significado, coordenação. O próprio Kaspar acha-se, ao cabo de tamanha tortura, agarrado a um microfone e a colaborar nesta histeria sonora.

Happenings, pantominas, efeitos de Buster Keaton, ecos de Charlot, insinuações de *pop-art* — nada falta no envolvimento cínico de *Kaspar*. Revolta? Elogio do Absurdo? Nem isso. A peça, com todo o caos que apregoa, chegou tarde. Historicamente tarde. E o público saiu frio, com a sensação penosa de que tinha visto tudo — e que era nada, afinal.

Como diz o Eclesiastes, «uma geração vai e outra vem, mas a terra permanece». Mas em cada geração há os que acreditam na terra e há os que a negam. Os que lhe descobrem um significado e os que a abafam em furor de som, de nada.

Ceramistas e pintores de cerâmica

A cerâmica tem tradições na Península que se perdem nos mais remotos tempos. A cerâmica artística toma relevo com os árabes e grande parte das decorações nos edifícios públicos e nas residências eram feitas em cerâmicas. O que resta ainda em Portugal e, sobretudo, em Espanha, atesta a importância da cerâmica artística na vida social peninsular.

Não deixa de ser de assinalar que a chamada cerâmica hispano-árabe tem aquelas características fundamentais de conjunto que são as de toda a obra de arte. O azulejo, o painel, pintado ou modelado, são concebidos como um todo, relevo e pintura se enquadrando e completando. Ás vezes a cor é apenas um ligeiro complemento e uma indicação que a estrutura vale por si mesma. Noutros é um tom vidrado, um brilho de oiro ou de fogo a marcar e infundir carácter.

A cerâmica decorativa expande-se depois nos séculos XVII e XVIII, em que os azulejadores portugueses cobrem paredes inteiras de igrejas e capelas, quase se servindo do azulejo como outros pintores se serviam de tábuas, de zincos, de telas. É a época dos irmãos Bernardes e daqueles admiráveis azulejadores das igrejas do Porto que se prolongam para o século XIX.

Entre a força do granito, nos palácios e igrejas que Nazoni e Carlos Amarante delineavam a pintura em cerâmica incrustava-se no seu elemento próprio. Quadros bíblicos, cenas líricas, aspectos da vida rural, militar ou social, enchem as salas ou escadarias.

Nessa época também se multiplicam os azulejos de figura avulsa, ou sejam outras tantas miniaturas graciosas, requintadas. De Delft vieram numerosos e não há muitas semanas ainda nos referiamos no nosso jornal aos do palácio onde se encontram hoje o Hospital dos Capuchos. Para onde foram eles? E entretanto cerâmicas requintadas enviava o Oriente para a Europa, havendo enormes transacções de louças orientais.

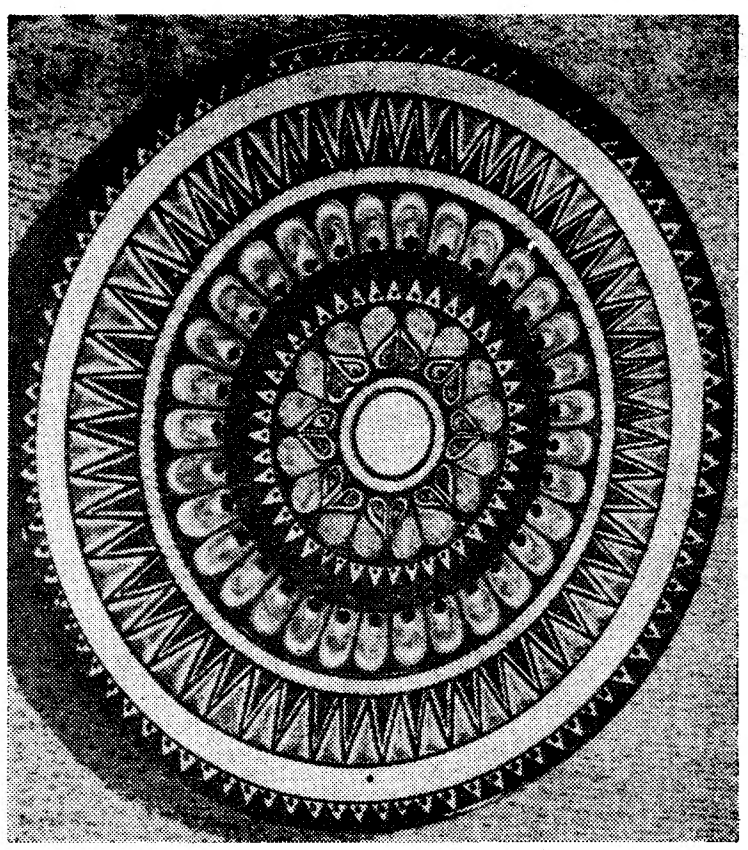
O ceramista voltou em nossos dias e depois da tentativa singular de Rafael Bordallo Pinheiro florescia uma indústria nas Caldas da Rainha. E na Lisboa e Porto de nossos dias, a arte do nosso tempo chamou a si também o barro e soube-o modelar com a sensibilidade de hoje. E depois de o modelar, soube dar-lhe as tonalidades apropriadas.

Mas a par do ceramista que concebe as peças, as executa inteiramente ou dirige essa execução, sejam painéis grandes, taças ou pratos, jarras ou placas, encontramos o pintor de cerâmica. Para este a peça encontra-se modelada. Há que a decorar apenas, ou com uma cena de bairro, que pode ser um quadro a que o forno avivará os tons, ou com linhas e tons abstratos. A finalidade decorativa é a essência da arte do pintor de cerâmica.

Arte ingrata e difícil, sem dúvida, como é toda a arte cerâmica porque se joga sempre com um elemento contingente qual é o fogo.

Queremos referir-nos hoje a duas experiências válidas, uma já conhecida e de que várias vezes temos falado, qual é a da artista Maria Adelaide Lima Cruz que levou o seu talento ás peças da fábrica de Sacavém; e o mesmo carácter que marcou a sua pintura a óleo, a aguarela, marca algumas travessas e pratos com cenas de praia ou de Alfama, com costumes típicos das províncias e profissões.

A outra experiência é de uma jovem a dar os primeiros passos, mas bem firmes por sinal. Trata-se de Isabel de Castro que há um ano expos com vários colegas seus de escola numa galeria do centro da cidade. Agora aparece-nos nas montras da Fábrica de Sacavém com uma série de peças cerâmicas pintadas a dizer que encontrou um caminho prometedor.



Prato decorado, por Isabel de Castro

Isabel de Castro decora com cenas várias as suas peças. Ás vezes apenas uma figura, um monumento; outras é um pequeno quadro que compõe, mas o traço é sempre firme e o sentido da decoração sólido. Noutros pratos é a decoração geométrica que domina. E, nalguns, essa decoração resulta perfeita, dando-nos elementos que enchem por si mesmos um recanto, uma parede. As cores quase sempre fortes, raras vezes cedendo á brandura e suavidade.

A pintura sobre cerâmica tem novos praticantes e há empresas que se lhe consagram. Há que saudar uns e outros porque é uma forma de levar a arte, a harmonia, a todos os lares; e desde sempre o público mostrou predilecção especial pela cerâmica pintada.

Uma valiosa edição

Está concluído o primeiro volume da parte consagrada ás Ilhas Adjacentes e ao Ultramar de «A Arte Popular em Portugal», obra de enorme importância cultural lançada pela Editorial Verbo e que constará de três volumes.

Depois de inestimável contributo prestado ao reconhecimento da etnografia nacional com a anterior publicação de um amplo estudo, também em três volumes, sobre o continente, «A Arte Popular em Portugal» ocupando-se agora das Ilhas Adjacentes e do Ultramar, vem trazer até nós toda a variedade de formas, de técnicas, de realizações que o engenho popular ali concebeu.

Como se declara no prefácio do volume agora concluído «o Ultramar Português, na sua dispersa vastidão, será verdadeiro manancial de imprevistos para todos quantos, do ângulo etnográfico, o contemplam agora em pormenor. Povoado por variadíssimos grupos étnicos, com ritos e práticas que vêm da noite dos tempos, a arte indígena, brotando entre uma flora e uma fauna exóticas, é um produto de tudo isto, que muitas vezes consegue transmitir duma forma superior e singular. Campo de investigação etnográfica de primeira ordem, ele permite-nos assistir, como num laboratório, ás sedimentações lentas, ás combinações harmoniosas e, também, ás extravagâncias inesperadas».

Para conseguir um tal propósito, a obra conta, para cada Província, com trabalho de aturada investigação dos estudiosos a eles ligados por laços de nascimento ou por uma longa permanência: Luís Chaves encarregou-se da arte popular madeirense; Armando Cortes Rodrigues, da açoriana; Nuno de Miranda, da cabo-verdiana; Fernando Rosado Quintino, da guineense; Fernando Reis de Sá, de São Tomé e Príncipe; José Redinha,

da angolana; Jorge Dias, da moçambicana; Maria Madalena Cagigal e Silva, da indiana; Maria José d'Eça Remédios de Lima, da macaense, e Fernando Sylvan, da timorense.

Estes nomes, tão autorizados como os de Fernando Castro Pires de Lima e do arquitecto Fernando Lanhas, que é o orientador gráfico, garantem a qualidade cultural e alto valor crítico, histórico e informativo de «A Arte Popular em Portugal» (Ilhas Adjacentes e Ultramar), obra que pela primeira vez vem focar, em conjunto, a multiplicidade da arte indígena nos territórios ultramarinos portugueses.

O volume agora concluído é totalmente consagrado á ilha da Madeira e aos Arquipélagos dos Açores e de Cabo Verde, apresentando excelentes textos dos especialistas atrás referidos. Conta 392 páginas, dezenas de ilustrações, a negro, por fotografia, 24 extratextos a quatro cores e inclui índices geral, ideográfico, toponímico e antroponímico.

Acontecimento mundano e artístico na Galeria Interior: exposição de tapeçarias de Anna Christina Dryselius, pintora sueca e «medalha Marie Laurencin 1967» do Salon des Femmes Peintres, de Paris.

Constituído por peças executadas em Portalegre, o certame registou no acto da inauguração a presença do Ministro da Marinha, subsecretário do Comércio, Embaixador da Suécia, Embaixatriz da França, personalidades da vida artística e social, etc.

São Vicente — «encore une fois»

(Continuação da 1.ª página)

nhece profundamente essa mesma realidade.

O problema, aliás, os problemas dos «Painéis» ultrapassam o domínio da história tradicional da arte: eles inserem-se numa problemática socio-cultural delicada de dilucidar. Magalhães Godinho, em 1959, alguma achega já deu, como historiador da época que é — e parece evidente ser sujeita a caução toda a teoria, por mais aliciante, que não parta de um conhecimento aprofundado deste período da história nacional. As probabilidades da temática dos painéis só por tal ciência sociológica e cultural podem ser medidas.

O resto é, naturalmente, uma questão de método — e não parece que ai Sterling inove. Ao ler o seu artigo, fica-se com a impressão de se estar a ler um autor português, com suas raízes oitocentescas, apenas de melhor qualidade, por vezes.

ORA, há meia duzia de anos, ao escrever para a revista «Annales» uma «mise-au-point» tive que pôr de parte toda uma introdução que, na justa opinião de Pierre Francastel, era uma «histoire de fous». Era (ou é), e fiquei algo encabulado, mesmo que o doido não fosse eu...

Nesta «histoire de fous» se meteu agora mais ajuizadamente Charles Sterling. Mas não chega dizer, com franca desenvoltura: «Il vous sera facile de le montrer» — e ir mostrando e demonstrando, por ai fora.

Por mim, ignorante embora na época em questão, parece-me razoável repetir em 1968 o que em 1962 escrevi. Por exemplo: que «continua por saber se a função dos painéis (quer dizer, o seu destino, o tipo de cerimónias que deviam realizar-se perante eles) implica uma estrutura especial». Ou que «a formação artística do autor dos painéis continua também por explicar» — ou que etc., etc.

«Il semble que la plupart des secrets des panneaux soient maintenant élucidés» — afirma Charles Sterling. Ele é o 34.º (?) a dizê-lo — e sem mudar de método...

O «snob» nas origens

(Continuação da 8.ª página)

DA ESPECULAÇÃO

Estas definições, o conhecimento das origens e a experiência que o uso quase quotidiano nos confere, deveriam bastar para nos permitir uma definição concisa da palavra SNOB.

Pelo contrário, origem, definições clássicas e experiência, não definem uma estrutura coerente de sentido. Quantas outras palavras, sobretudo entre as palavras-siglas não gozam da mesma propriedade de indefinição?

SNOB. Um extremista (pois a semântica terá também os seus extremistas) dirá: é um *aprendiz de sapateiro*, ou é um *tolo*. Outros extremistas, de tendência oposta (pois há sempre tendências opostas, tentativas de ocultar a clareza das coisas claras ou de aproveitar a obscuridade das coisas obscuras) dirão talvez: é *alguém consciente da sua superioridade* (Webster, significado n.º 5).

Nós que por definição não somos extremistas — pois nenhum extremista estaria disposto a por em duvida o significado da palavra SNOB — a menos que o desejo de desmistificar as palavras não seja (abusivamente) considerado um extremismo, não podemos aceitar a condição do SNOB identificável á do aprendiz de sapateiro nem á de alguém superior, consciente da sua superioridade.

Quanto á primeira, porque a profissão de sapateiro é tão respeitável como qualquer outra e não haverá portanto qualquer justificação para insinuações desprimorosas que só dum extremista poderiam esperar-se; quanto à segunda, porque a condição de *superioridade* nos parece mais uma concessão à posteriori, uma espécie de homenagem póstuma, do que uma actualidade assumível pelo próprio em plena consciência.

Dois elementos se destacam, por um desapaixonado desmembramento das definições (e da experiência) na complexa estrutura do vocábulo-sigla SNOB: o elemento «mudança de estado», componente dinâmica, e o elemento «nobreza», componente estática.

Para o elemento dinâmico podemos ainda considerar dois sentidos: o da pretensão à nobreza ou *sentido aspirante* e o da recusa dessa aspiração ou sentido *premente*.

Podemos assim considerar dois grandes grupos de snobs: os *snobs aspirantes* e os *snobs prementes*.

Esta classificação, apesar do rigor de tipo científico (dinâmica, etc.) que quiz imprimir-lhe, revela-se desde já insuficiente pois ignora o outro componente estático, aliás dinamizador, ou seja potencial: a *nobreza*.

A definição do vocábulo nobreza uma vez conseguida, permitir-nos-ia imediatamente a classificação de todos os snobs em dois grandes grupos opostos: os *aspirantes e os prementes*. Mas o que é a nobreza? *Qualidade do que é nobre* (Morais)? Evidentemente. Mas que qualidade é essa? Na nossa escassa experiência das palavras, de que tantos «tabous» nos separam, apenas lhes conhecemos significados, nunca o significado.

Asim com a palavra nobreza conhecemos o significado tradicionalista, aliás ligado á origem do vocábulo SNOB e capaz de explicá-la, mas insuficiente para exprimir a sua actualidade, mesmo com o esclarecimento dos sentidos complementares *aspirante* e *premente*. Conhecemos ainda outros sentidos particulares: em tauromaquia, por exemplo, «nobreza» é a qualidade do animal que investe direito à capa em vez de procurar sub-repticiamente atingir o toureiro. Nobre é pois o animal que assume a ficção, se assim lhe podemos chamar, do exercício hierarquizante onde frente a frente a destreza e a inteligência se encontram com a força bruta, e abdica de todo o recurso à inteligência ou á destreza para se comportar exactamente como força bruta: este é o sentido de nobreza em tauromaquia.

É também conhecida a expressão «nobreza de sentimentos» É um factor particularmente subtil no plano das relações humanas, logo difícil de definir, mas que revela sempre, da parte da pessoa em questão uma capacidade de aceitar as regras pre-estabelecidas desse jogo preestabelecidas desse jogo das relações, mesmo (e sobretudo) com prejuizo próprio. O paralelo com o sentido mais simples e claro da tauromaquia é evidente, o que nos leva a crer que tocámos uma via de sentido com suficiente universalidade.

DA CRIAÇÃO

Voltando agora ao significado da palavra SNOB e aos dois sentidos de progresso para a nobreza (aspirante) e de recusa desse progressso (prementé), aproximamo-nos dum conteúdo da palavra SNOB que, à data, será o mais correcto, ainda que desde já condenado pelos progressos da linguística. SNOBS serão pois os indivíduos que, complementarmente, procuram assumir as regras de um jogo, ou os que defendem essas regras duma vulgarização que acabaria por comprometer o jogo em si.

Através deste antagonismo alguma coisa passa. Um movimento se gera incontestàvelmente nesta oposição criadora. Assim, na arena, se cria o espectáculo.

Aceitemos pois, provisóriamente, que o seja, que o snobismo funciona como uma verdadeira bomba, uma vulgar bomba aspirante-premente como tantas que já teremos accionado durante os nossos passeios ao campo, pelo simples prazer de as accionar, em nos preocuparmos fundamentalmente com o líquido que passa através delas, que tanto pode ser água como vinho, insecticida ou o denso e rico purim que escorre das estrumeiras.

JULIO MOREIRA

Agora pode tirar mais fotografias a cores!

Kodak

BAIXA OS PREÇOS
DOS
ROLOS KODACOLOR-X
E
FOTOGRAFIAS KODACOLOR

Fotografar a cores é agora mais barato, simples e rápido do que imagina...

COMECE JÁ A FOTOGRAFAR A CORES

Para uma poética neo-realista

(Continuação da 8.ª página)

perigo que corre todo o Neo-realismo é o de limitar-se a ser a ilustração (ou reflexo) de verdades estabelecidas.

Indiquemos aqui a oscilação entre vários vocábulos da parte de Mário Sacramento: passa de *recriação*, de *reflexão* (no sentido de reflexo activo), para *revelação*, para designar o processo artístico sem anular o que nele é ultrapassagem do «conhecimento já codificado». Fixa-se no termo *revelação*, como sendo o mais aberto. Pelo meu lado, prefiriria falar em *apropriação* do mundo pela *produção* dum objecto estético. De qualquer forma, estamos longe das teorias empobrecedoras da arte como reflexo ou documento, figurinos herdados do século XIX, ou ainda da arte como *expressão*, que é apenas a outra versão, à maneira de Régio, do mesmo figurino.

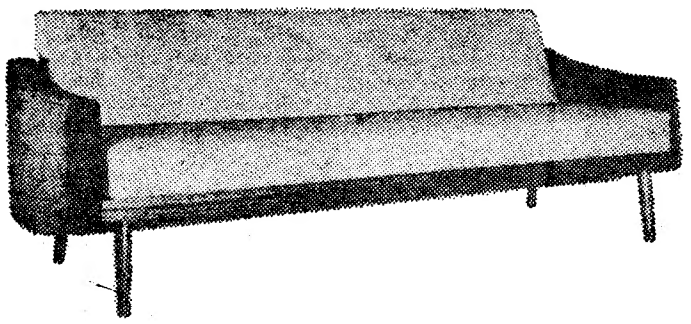
Temos portanto que, se a arte não é expressão de uma verdade anterior, mas movimento produtor de verdade, não podemos definir o Neo-realismo por uma temática anterior às próprias obras neo-realistas. Será melhor falarmos em *problemática:* conjunto de questões que antecipadamente determina um campo ilimitado de respostas possíveis e exclui todas as questões impossíveis.

O Neo-realismo é pois uma problemática. Podemos defini-la dizendo que nela todas as questões se entrelaçam na questão do conjunto que é a da passagem da escassez à plenitude, da necessidade à liberdade, da opacidade à transparência. O que define o Neo-realismo é o facto de conceber essa passagem como passagem *histórica*, como acção humana estèticamente antecipada e estèticamente proposta.

Podemos dizer ainda que, se «a questão mais profunda» para utilizar os termos de Blanchot) é a questão sobre o todo, questão incessantemente dissimulada e presente na pluralidade das questões que atravessam a história do homem e do ser, o «neo-realismo» define-se em arte por operar uma *coincidência*, que sabe impossível mas histórica e absolutamente necessária, entre a questão mais profunda e a questão de conjunto do nosso tempo, que é a que se formula na problemática da passagem. Portanto, a obra de arte neo-realista não se alheia da questão mais profunda (que é a do Ser e da Verdade), mas desenvolve-a da única forma que julga possivel para o seu desenvolvimento *racional* nos nossos dias. O que Mário Sacramento também indica ao dizer que «há neo-realismo onde o reflexo estético e o reflexo científico se disputam».

EDUARDO PRADO COELHO

SOFÁS CAMA



Lico

práticos e de alta qualidade

OLAIO

JOSÉ OLAIO & Cª (FILHO)
Rua da Atalaia, 36/46 Telef. 36 25 25 / 36 76 57 / 32 18 70 LISBOA

OLAIO
SÍMBOLO DE QUALIDADE

A poesia barroca

(Continuação da 4.ª página)

Barroco e sua constante referência aos prolongamentos até á modernidade como por exemplo: o primado do visual na cultura barroca, os dísticos, as inscrições e a montagem visual de textos em verso, típicos das «festas mineiras», que são uma prefiguração do actual «Poema Cartaz» tão cultivado pelos poetas da vanguarda de Minas, e a que se poderia acrescentar, em certa medida, as manifestações» ou «hapenings».

Mas não se deve deixar de salientar também o rigor da documentação e do inestimável enriquecimento que é a reprodução fotográfica dos textos literários do Barroco de Minas, que até agora eram tão inacessíveis como os nossos próprios textos Barrocos aqui em Lisboa.

E. M. DE MELO E CASTRO

Eduardo Prado Coelho

Para uma poética neo-realista

PUBLICOU Mário Sacramento um volume muito breve com este título: *Há uma estética neo-realista?*, para figurar como o n.º 1 da colecção «Cadernos de Literatura» das Publicações Dom Quixote. O tamanho reduzido do texto não nos deve contudo iludibriar. E, embora se trate de um trabalho de circunstância, ele resulta da reflexão amadurecida a ponderada de longos anos de contacto com a literatura e da experiência duramente vivida de tudo o que ela nos propõe e a que nos obriga. É certo que este estudo se reduz quase a anotações mais ou menos desenvolvidas, mas isso não o torna superficial. Pelo contrário, se defeito há, é o inverso, isto é, a excessiva densidade de certos enunciados, que, pelo seu carácter sintético, desorientam por vezes o leitor mais desprevenido. O texto pressupõe uma rede de alusões que é difícil dominar. E mais: nem sempre a formulação dos problemas em causa nos surge com nitidez. E a organização didáctica dos conceitos fica, como é evidente, a cargo do leitor. Que isto são grandes responsabilidades, não haja dúvida, mas vale a pena o leitor decidir-se a assumi-las, porque ficará compensado. E sejamos leais: se existem certas deficiências de exposição no estudo de Mário Sacramento, têm elas origem num só factor: ter sido este trabalho programado para um volume de conjunto, que, em parte por responsabilidade minha, não chegou a aparecer. Por conseguinte, esperava Mário Sacramento ver-se apoiado por uma introdução informativa e por um grupo de textos que melhor o situasse e esclarecesse junto do leitor. Se assim não acontece, o esforço que a este é exigido torna-se maior. Mas as grandes revelações em literatura e em filosofia são as que nos exigem um maior esforço: uma ruptura brutal com as ideias fossilizadas a que nos agarramos para assegurar uma estabilidade provisória

DIVIDE-SE este pequeno estudo em quatro capítulos: um proémio, uma reflexão sobre a natureza da arte, algumas indicações gerais para uma estética materialista e, por fim, a questão essencial: existe uma estética neo-realista?

É evidente que a resposta ao problema «que é a arte?» não pode surgir em duas páginas e meia. Mas certas direcções essenciais estão aqui enunciadas. Por exemplo: «a arte é uma dialéctica (em termos de sensibilidade) entre um estado de necessidade e uma aspiração de liberdade». E também que «o domínio da natureza e da sociedade definem àquela aspiração de liberdade de um simbolismo perpétuo». Portanto, uma arte idealista é a que se reduz «a proclamar uma «liberdade» sem preço: a que M. Jourdain incessaria ao delírio se fosse informado sobre ela».

No capítulo seguinte, baseando-se em biólogos actuais ou em Jacobson, Lukacs e Lévi-Strauss, estabelece uma relação entre estruturas culturais e certas formas de organização biológica, sobretudo nessa zona fronteiriça entre a natureza e a cultura que é a linguagem. Para concluir: «e se é certo que o estudo dos grandes conjuntos humanos impõe a existência de estruturas que ultrapassam o indivíduo, não é menos verdade que tais superestruturas são um produto do trabalho colectivo e, como tais, orientadas por uma teleologia que outra teleologia, devidamente fundada, pode transformar». Assim, «a arte, como linguagem que é (...) implica uma teologia de significações em que caiba o mais lato do homem». Deste modo, «o artista idealiza do real o que o objecto artístico como unidade-em-si lhe impõe. O que é dizer: a especificidade do trabalho artístico conduz não à objectivação de um conhecimento apenas, mas à criação de um modelo auto-suficiente do real».

Na parte restante do texto, confronta Mário Sacramento o efeito estético e o efeito científico (que designa por reflexos, acrescentando por vezes que se trata de reflexos activos). Entrando no domínio das coisas portuguesas, procura inserir o Neo-realismo na evolução histórica, procura caracterizá-lo como tensão e dinamismo crítico e procura ainda encontrar, no plano da análise estilística, um «modo de informação neo-realista».

Muito importante, julgo, é esta tentativa de estudar estilisticamente, *como neo-realistas*, certos autores mais significativos. E se Mário Sacramento não explora por inteiro as perspectivas que abriu, e se os seus exemplos ganhavam em ser esmiuçados à vista do leitor, que nem sempre apreende com facilidade a sua importância, a verdade é que esta primeira contribuição deverá ser decisiva.

Para Mário Sacramento, «há neo-realismo onde a expressão estética envolve um dinamismo que implicita a interpretação científica (socialmente considerada) das estruturas básicas que a um nível específico reflecte, recria e antecipa». Por conseguinte, «será neo-realista a expressão dialéctica da totalização humanista de um dado momento histórico, mediante o equilíbrio instável, que sucessivas negações transformam, dos pólos objectivo e subjectivo conjunturalmente dominantes».

LIMITEI-ME até agora a resumir, sentindo amiúde as múltiplas implicações que o texto de Mário Sacramento contem. Gostaria no entanto de formular alguns problemas que julgo de certa pertinência. E, em primeiro lugar, fazer uma proposta. O termo «neo-realismo» designa duas coisas.

Sentido 1: designação inadequada para um movimento geral do pensamento filosófico e ideológico iniciado no século XIX, que se define, no plano da teoria, por uma reafirmação da perspectiva materialista e por uma nova concepção de dialéctica.

Sentido 2: designação (com valor indicativo) para uma corrente literária e cultural portuguesa que, enraizando já nos finais do século passado, vem a eclodir com a chamada geração de 40.

Designaremos o sentido 1 por «neo-realismo», e o sentido 2 por Neo-realismo. Creio que estas distinções poderão ser de alguma utilidade e desfazer alguns equívocos.

Diremos então que o «neo-realismo» apresenta no domínio da arte uma *estética*: estética materialista, ou teoria do modo de produção do objecto estético.

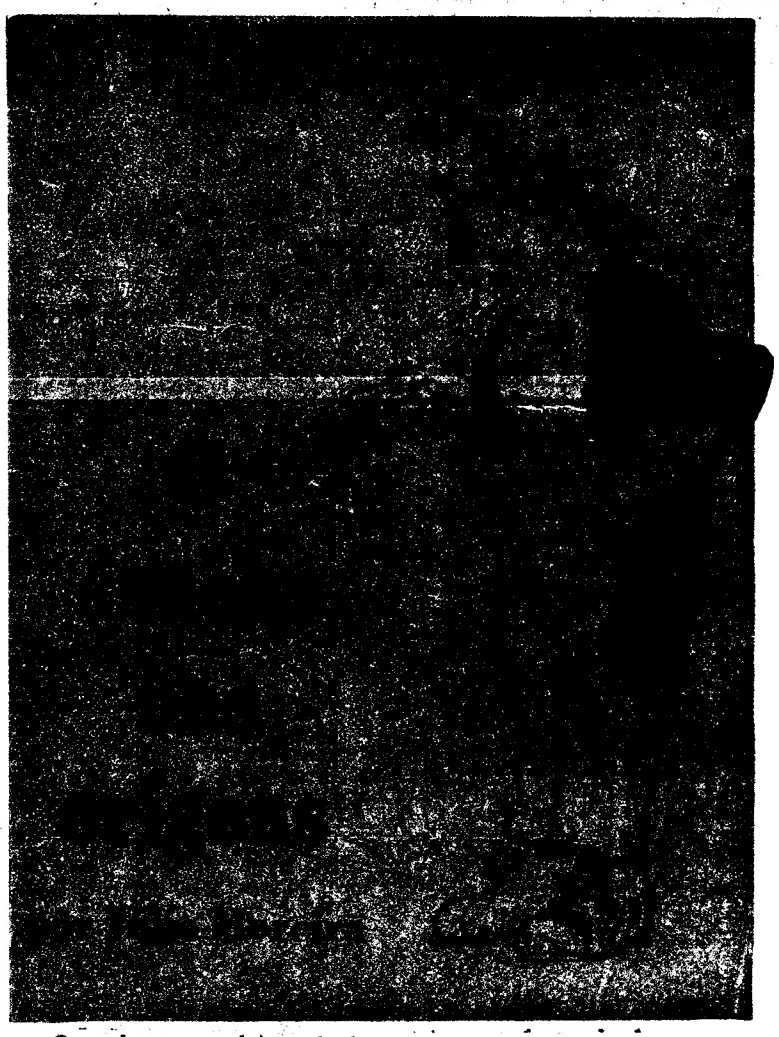
Diremos ainda que o Neo-realismo, como movimento literário, nos apresenta um programa de produção artística, ou uma *poética*: a poética, ou poéticas neo-realistas. O que define as poéticas neo-realistas é o facto de se basearem numa estética materialista. Entre Brecht, Éluard e Maiakowski existem diferenças consideráveis ao nível das poéticas adoptadas. Contudo, todos eles partem da mesma estética materialista. O mesmo acontece entre José Gomes Ferreira e Fiama Hasse Pais Brandão ou entre Carlos de Oliveira e Almeida Faria ou Augusto Abelaira, por exemplo.

PASSANDO para outro ponto, poderemos dizer que a arte é a presença do «reino da liberdade» no interior do «reino da necessidade». Definindo como actividades próprias do «reino da liberdade» todas aquelas que valem por si, que se esgotam no próprio exercício de si mesmas, e não estão subordinadas a necessidades externas de sobrevivência ou de lucro. O trabalho pode transformar-se em jogo se for concebido como realização, aplicação e exercício das capacidades do homem, e não como instrumento dum sistema de produtividade.

Diremos ainda que a arte nos fala da *passagem* da escassez para a plenitude, da necessidade para a liberdade, da opacidade para a transferência. E por isso é que a arte é sempre uma verdade utópica que a cada passo se confronta com o lugar que lhe deu origem. Se a exigência que na arte se formula é uma exigência impossível, e contudo a única que é possível *desejar*, a única que torna possível a existência e a acção dos homens, a vida e o seu sentido, se essa exigência é exigência impossível, é dessa impossibilidade que a arte se engendra. E a realização possível dessa exigência seria a diluição da arte numa prática humana renovada: fim da história, mito que sempre rejeitamos e que sempre nos obceca como espaço prometido em cada palavra de literatura.

POR outro lado, como definiremos Neo-realismo? Não o podemos definir como aplicação à arte duma determinada temática ideológica. Como diz Mário Sacramento, «não é aplicando valores literários ou científicos *já universalizados* à situação concreta que se faz realismo». Ora o grande

(Continua na 7.ª página)



Quando os cavaleiros de indústria sentiram vacilar as muralhas do reduto onde se isolava a aristocracia do sangue, pensaram naturalmente não em destruí-la mas em assimilar-se a ela. Sobre a matéria fluida das novas gerações colocaram a esperança dessa realização: apagar a sombra residual duma reconhecida inferioridade.

Os colégios dos nobres tornaram-se cobiçados, cadinhos ideais para a fusão do ouro com o sangue.

Mas se os jovens «aristocratas» do ouro foram admitidos pelo ouro, havia que distinguí-los quanto ao sangue, e junto ao nome de cada um, nos registos violados dum mundo em amarga retirada, imprimir-lhes uma marca de origem: fórmula que afirmasse a ausência dos títulos, não como simples ausência mas como negação expressa.

Essa fórmula foi encontrada com o rigor que se impunha e que podia ainda ser imposto no plano dos privilégios intocáveis.

Para cada aluno era pois inscrita, após o nome, a posição a que tinha direito no plano das hierarquias e dos valores em que pretendia situar-se.

Sine nobilita era a marca dos recém-chegados impostos pela força das máquinas que invadiam já as paisagens em torno das cidades — marca que se abreviou para *s. nob.* até se depurar na simplicidade da sigla SNOB.

Sabemos o que foi o devir desses jovens, como veio a ceder completamente o reduto dos privilégios e a transformar-se noutro reduto maior e mais resistente aos assaltos do tempo transfigurado, e tudo o mais que vemos encontrar neste mundo.

Na nova ordem a sigla foi conservada mas esvaziada do significado original. Desapareceu dos registos como negação expressa, tornou-se mesmo ambiguamente afirmativa, deslizou para outros planos, estendeu-se a usos e domínios diversos.

Hoje, se tentarmos definir-lhe um conteúdo, quase nos espantamos da sua persistência, quando tantas palavras e siglas se desvanecem no interior dos velhos dicionários onde se refugiam.

Haverá talvez para esta resistência que a traz ainda aos lábios e a conserva nas circunvoluções cerebrais uma forte motivação que se exprimirá simultâneamente noutros aparentes absurdos dos nossos actos de todos os dias.

Daí uma ameaça residual que se acumula nela como em todas as formas que vivem na sombra que nos cerca e a razão não consegue explicar.

DOS DICIONÁRIOS

O snobismo é a admiração facticia e tola por tudo o que está em moda. É pretensão, presunção, vaidade ostensiva. Assim o pensava António de Morais Silva, autor do único dicionário da língua portuguesa de que ainda hoje nos podemos servir, quase duzentos anos passados sobre a sua redacção.

Mas se António de Morais Silva estava próximo da origem da palavra pela sua cultura europeia, permanecia-lhe anterior pelas repetidas experiências da Sagrada Inquisição. O sentido pejorativo que veio colorir a sua definição, se por um lado reflecte com nitidez os valores originais, sobrecarrega-os talvez duma amargura que lhes teria sido estranha.

Littré define mais friamente o snobismo como o *estado dum homem que admira passivamente as coisas*. Considera-o desapaixonadamente, como quem nunca foi forçado, nem imagina que o pudesse vir a ser, a admirar outros valores que os seus próprios.

O grande Webster's, cuja primeira edição foi publicada nos E.U.A. em 1928, parece ignorar a origem da palavra SNOB. É porém mais rico em significados: 7 significados para o substantivo, além do verbo (To Snob) e dos derivados.

O primeiro desses significados é *aprendiz de sapateiro*. Os cinco seguintes traduzem de diferentes (5) modos a condição da pessoa que ou procura imitar os seus (reconhecidos) superiores ou evitar que os seus (considerados) inferiores a imitem. O sétimo sentido perde-se no tempo, no momento histórico da definição: *7. Trade-Unionism. A scab; blackleg.* Ainda uma afirmação de aristocracia, esta plenamente assumida, sem o terreno móvel das pretenções, portanto das possibilidades potenciais, afirmadas ou recusadas, de subversão das hierarquias.

(Continua na 7.ª página)